



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

DA ESTRUTURA DE EXPRESSÕES NOMINAIS QUANTIFICADAS EM POSIÇÃO DE TÓPICO

Ana Carolina Nunes de Aguiar

Brasília, novembro de 2007



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

Ana Carolina Nunes de Aguiar

**DA ESTRUTURA DE EXPRESSÕES NOMINAIS
QUANTIFICADAS EM POSIÇÃO DE TÓPICO**

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Cilene Aparecida Nunes Rodrigues

Brasília, novembro de 2007

Ana Carolina Nunes de Aguiar

DA ESTRUTURA DE EXPRESSÕES NOMINAIS QUANTIFICADAS EM POSIÇÃO DE TÓPICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de MESTRE em Lingüística.

Área de Concentração: Gramática (Linguagem, Teoria e Descrição)

Orientadora: Professora Doutora Cilene Aparecida Nunes Rodrigues – (UnB-LIP)

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Cilene Aparecida Nunes Rodrigues (UnB-LIP) – Presidente

Professor Doutor Maximiliano Guimarães Miranda (UFPR) – Membro

Professora Doutora Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles (UnB-LIP) – Membro

Professora Doutora Rozana Reigota Naves (UnB-LIP) – Suplente

Brasília, novembro de 2007

PARA SEMPRE

(Carlos Drummond de Andrade)

Por que Deus permite
que as mães vão-se embora?
Mãe não tem limite,
é tempo sem hora,
luz que não apaga
quando sopra o vento
e chuva desaba,
veludo escondido
na pele enrugada,
água pura, ar puro,
puro pensamento.

Morrer acontece
com o que é breve e passa
sem deixar vestígio.
Mãe, na sua graça,
é eternidade.
Por que Deus se lembra
- mistério profundo -
de tirá-la um dia?
Fosse eu Rei do Mundo,
baixava uma lei:
Mãe não morre nunca,
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.

À Nalzira Lopes (*in memoriam*)

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para a realização deste trabalho. A todos o meu sincero: Obrigada!

À Lúcia Lobato (*in memorian*), por ter acreditado em meu potencial e por conduzir firmemente os primeiros passos deste trabalho. Seu exemplo de profissionalismo será sempre uma inspiração.

À Cilene Rodrigues, pelo profissionalismo e competência com que guiou esta pesquisa, pelas aulas brilhantes e pela paciência. Serei sempre grata por tudo que fez e me ensinou.

À Heloísa Salles, pelos tantos ensinamentos e pelo apoio desde os tempos de graduação até aqui.

À Ruth Lopes e à Sônia Ciryno, pelos preciosos ensinamentos.

Ao Andrew Nevins, pelo envio de bibliografia, pela grande contribuição à análise fonológica dos dados e pelas sugestões sempre tão oportunas.

À Flaviane Fernandes Svartman, por sua enorme contribuição às análises fonológicas dos dados.

Aos professores do LIP, pela grande contribuição à minha formação, em especial, Aryon Rodrigues, Ana Suely Cabral, Hildo Honório Couto, Daniele Grannier, Maria Luiza Coroa.

Aos colegas do LIP, Déborah, Paulo Medeiros, Tayana, André Lúcio, Djalma e Maria do Carmo, pela companhia durante as disciplinas e pelas conversas divertidíssimas.

Aos colegas do IEL, Aroldo, Denilton e Aquiles, por tornar tudo tão mais aconchegante.

À Lílian, pela amizade sincera e gratuita. Sua companhia fez de Campinas um lugar melhor, muito melhor.

Ao Saulo, pela paciência, pela força e, acima de tudo, pelo amor. *"Amor é dado de graça, é semeado no vento, na cachoeira, no eclipse. Amor foge a dicionários e a regulamentos vários".(Carlos Drummond de Andrade)*

Aos meus amigos, Gleiser, Gabriela, Wesley, Patrícia e Lane, pela presença constante e por serem, simplesmente, meus *AMIGOS*. “A amizade é o amor que nunca morre”. (Mário Quintana)

Ao Marcus Lunguinho, meu “psicolingüista”, pelas importantes contribuições a este trabalho, pelas palavras confortantes e pela amizade. Tudo teria sido mais difícil sem seu apoio.

Às meninas (professoras) da 3ª série, Geovana, Cibely e Ana Paula. A cooperação de vocês foi fundamental.

À Deborah, Caroline (a outra Carol) pelos julgamentos dos dados e pelo imenso apoio.

Ao Fidel, pelo julgamento dos dados.

À Virgínia, pelas palavras de encorajamento e pelas contribuições a este trabalho.

Ao Nilson, por estar ao meu lado e me ajudar todas as vezes que precisei.

Aos membros da banca, Max Guimarães, Heloísa Salles e Rozana Naves, por aceitar nosso convite e pelas importantes contribuições.

À minha avó (*in memoriam*), responsável pelo que sei e sou, agradeço pelo amor incondicional e por me ensinar o valor do conhecimento.

À minha mãe, exemplo de força, caráter e superação. Minha eterna gratidão.

Aos meus irmãos, Jéssica, Lorena e Lucas, pelo carinho e compreensão.

A Deus, por permitir que eu chegasse até aqui. “O temor do Senhor é o começo da sabedoria”. (Salmo 110,10).

Sumário

Resumo.....	ix
Abstract.....	x
1. Do Objeto de Pesquisa.....	11
1.0 Introdução.....	11
1.1 Arcabouço teórico.....	11
1.2 A questão de pesquisa.....	13
1.3 A posição de tópico.....	18
1.3.1 Diferenças entre o tópico e o sujeito.....	19
1.3.1.1 Diferenças sintáticas.....	20
1.3.2 Tópico ou Foco.....	24
1.3.2.1 O Foco.....	24
1.3.2.2 Diferenças sintáticas entre tópico e foco.....	30
1.3.2.3 Diferenças entonacionais entre tópico e foco.....	34
1.3.2.3.1 Problemas com o experimento realizado	45
1.4 Efeitos de Definitude e Especificidade na posição de tópico.....	46
1.5 Conclusões parciais.....	50
1.6 Organização da Dissertação.....	51
2. Dos Dados.....	53
2.0 Introdução.....	53
2.1 Experimento-Piloto.....	53
2.2 Metodologia.....	54
2.3 Resultados.....	55
2.4 Problemas com o experimento realizado.....	59
2.5 Conclusões parciais.....	62
3. Quantificadores Nus e Topicalização.....	63
3.0 Introdução.....	63
3.1 A questão.....	63
3.2 Elipses em estrutura partitiva.....	66
3.2.1 Evidências para uma estrutura partitiva de quantificadores topicalizados.....	70
3.2.1.1 Modificação explícita.....	70
3.2.1.2 Restrição de Partitividade.....	73
3.2.1.3 Tipo de quantificador nu que pode ser topicalizado.....	74

3.3 Tipos de DPs encabeçados por <i>Todo</i>	76
3.4 Conclusões parciais.....	80
4. A Estrutura Interna de DPs Quantificados com Modificação.....	81
4.0 Introdução.....	81
4.1 Topicalização de DPs quantificados com modificadores restritivos.....	82
4.1.1 Concha verbal Larsoniana.....	84
4.1.2 Concha nominal Larsoniana.....	89
4.1.3 A Concha nominal proposta.....	95
4.1.4 Evidências para o paralelismo proposta entre determinantes e verbos.....	101
4.1.4.1 Expressões idiomáticas.....	101
4.1.4.2 Expressões idiomáticas nominais.....	103
4.1.4.3 Nomes que selecionam complemento.....	105
4.2 Mudança no traço de Definitude.....	107
4.2.1 NPs nus no Crioulo Caboverdiano: evidência em favor de mudança no traço de Definitude.....	109
4.2.2 Definidos genéricos quando acompanhados de restritores	113
4.3 Revisitando quantificadores nus quantificados.....	114
4.4 Notas sobre orações relativas.....	116
4.5 Conclusões parciais.....	120
5. Conclusão.....	121
5.0 Considerações finais.....	121
5.1 Sobre quantificadores nus e DPs com modificação explícita.....	122
5.2 Desdobramentos da pesquisa.....	123
5.2.1 A Restrição do Pronome Aberto.....	123
5.3 Questões pendentes.....	126
6. Anexos.....	132
Anexo 1.....	133
Anexo 2.....	144
Bibliografia.....	157

Resumo

Como se sabe, DPs topicalizados são sujeitos a uma restrição de definitude, assim, um elemento indefinido não pode aparecer na posição de tópico (Cf. Hankamer, 1971; Kuno, 1972; Pontes, 1987; Raposo, 1996; Kato, 1998, entre outros). Assim, sintagmas determinantes quantificados (SDQs) não podem ser topicalizados nem em Inglês nem no Português do Brasil. No entanto, nossa análise de dados do Português do Brasil sugere que SDQs podem aparecer em posição de tópico em situações discursivas com retomada de contexto (cf. contexto pergunta-resposta) e, mesmo em situações sem retomada de contexto (*out of the blue contexts*), se apresentarem um modificador restritivo interno. Temos, portanto, as seguintes generalizações: (I) SDQs nus podem ocorrer em posição de tópico quando a situação discursiva imediata lhes fornece um antecedente; (II) SDQs com modificadores restritivos podem ser topicalizados mesmo nas chamadas situações discursivas de *sopetão* (*out of the blue contexts*). Generalização I: Em nossa análise, SDQs nus possuem uma estrutura subjacente envolvendo elisão de um NP partitivo. Apresentaremos os seguintes argumentos em favor dessa análise: Primeiro, esses SDQs podem ser pronunciados (*spelt-out*) sem o processo de elisão. Segundo, eles também obedecem à restrição de partitividade (cf. Jackendoff (1977), de Hoop (1998)), segundo a qual o SN que segue a preposição partitiva tem de ser definido. É possível, portanto, concluir que a generalização (I) é apenas um subcaso da Generalização (II).

Generalização II: Pressupondo, assim, a restrição de definitude para a posição de tópico e que definitude é um traço do determinante, então, ao considerar a generalização II, nos confrontamos com a seguinte questão: Dentro da teoria do DP (Szabolcsi (1983), Abney (1987)), como explicar que um modificador do nome pode influenciar na definitude do determinante de maneira composicional? Nossa resposta fundamenta-se numa visão relacional à *la* Larson (1991, 2004) de determinantes. Nessa visão, o determinante é, primeiramente, concatenado (*merged*) com o modificador da expressão nominal e depois se move para uma posição mais alta dentro do DP Shell. Seguindo Keenan and Stavi (1984), sugerimos que na concatenação do quantificador com o modificador restritivo, o DP torna-se [+ definido], podendo, portanto, ser topicalizado.

Como se sabe, a presença de um argumento indireto dentro do VP Shell pode modificar a telicidade de verbos. (Cf. Verkuyl 1972; Tenny 1994). Neste trabalho, apresentamos uma comparação entre DPs e VPs, observando que o traço definido do quantificador também é modificado quando o DP Shell contém um modificador restritivo. Apresentamos as seguintes evidências para esta análise: a) a presença de orações relativas ou sintagmas preposicionados que são complementos do nome não licencia um DP quantificado em posição de tópico; b) algumas expressões idiomáticas nominais são formadas pelo determinante e pelo modificador restritivo, excluindo o nome.

Palavras-chaves: quantificadores, topicalização, modificador nominal, elisão, estrutura de sintagmas determinantes, composicionalidade.

Abstract

A well-known restriction on topicalized DPs is that they are subject to a definiteness requirement, as an indefinite element cannot appear in a topic position. (Cf. Hankamer, 1971; Kuno, 1972; Pontes, 1987; Raposo, 1996; Kato, 1998, among others). More generally, quantified DPs (QDPs) cannot be topicalized neither in English nor in Brazilian Portuguese. However, how our analysis of Brazilian Portuguese data shows QDPs can be topicalized if they contain an restrictive modifier phrase or occur in a discourse situation that provides them with an antecedent (cf. the question answer). Hence, we have the following observations: (I) bare QDPs are allowed in topic position if the immediate discourse situation provides them with an antecedent. (II) In out-of-the-blue contexts, QDPs are topicalizable if they contain a restrictive modifier.

Generalization I: We argue that topicalized bare QDPs have an underlying structure involving elision of a partitive NP. That is, these are QDPs containing an elided restrictive modifier. We present the following arguments for this analysis: First, these DPs can be spelt-out without ellipsis. Second, they obey the so-called *partitive constraint* (cf. Jackendoff (1977) & de Hoop (1998)), according to which the NP that follows the partitive preposition (*of*) must be definite. If this is correct, then generalization (I) is a subtype of observation (II): The underlying structure of topicalized QDPs always contains a restrictive modifier phrase.

Generalization II: Assuming thus that topicalized DPs are definite DPs and that definiteness is a feature of the determiner, then when analyzing observation (II) we need to answer the following question: Under the DP hypothesis (Szabolsci 19983, Abney 1987), how can we explain that the presence of a restrictive modifier within the DP structure can determine the definiteness of the determiner in a compositional way? Our answer is based on a Larsonian view of DPs (cf. Larson 1991 and 2004), according to which the determiner is first merged with the modifier of the nominal expression, then it moves to a higher projection within the DP shell. Hence, the so called NP restrictive modifiers are lexically inserted as the complement of the determiner. Therefore, following Keenan and Stavi (1984) we argue that by merging a quantifier with a restrictive modifier, the determiner becomes [+definite], being thus topicalizable.

It has been shown that the presence of an indirect argument within a VP shell can modify the telicity of the verb (Cf. Verkuyl 1972; Tenny 1994). In this dissertation we present a comparison between DPs and VPs, observing that the definite feature of a quantifier is also changed when the DP shell contains a restrictive modifier, which is a complement of the determiner. We offer the following evidence in favor of this analysis: (a) the presence of relative clauses or prepositional phrases that are argumental complements of the noun does not license a QDP in a topic position; (b) certain nominal idiomatic expressions are formed by the determiner and the restrictive modifier to the exclusion of the noun.

Keywords: quantifiers, topicalization, nominal modification, compositionality, ellipsis, DP structure.

Capítulo 1

Do Objeto de Pesquisa

1.0 Introdução

Pressuponho do leitor um conhecimento da Teoria de Princípios e Parâmetros, particularmente, do Minimalismo.

Este capítulo inicia-se com uma breve apresentação do arcabouço teórico utilizado no decorrer da pesquisa (seção 1.1), em seguida, introduzimos a questão de pesquisa que guia a presente dissertação (seção 1.2), argumentando, com base em evidências sintáticas, semânticas e fonológicas, que DPs quantificados na periferia esquerda da sentença são tópicos e não focos.

1.1 Arcabouço Teórico

Esta pesquisa desenvolve-se dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa em sua versão conhecida como Princípios e Parâmetros, especialmente dentro do Programa Minimalista proposto em Chomsky (1995).

A Teoria de Princípios e Parâmetros se apresenta como uma resposta à questão fundamental que se interpõe ao se postular a existência de uma Gramática Universal: Como conciliar a diversidade das línguas com a especificidade das propriedades que compõem a gramática final do falante?

Neste sentido, a Gramática Universal é constituída por dois tipos de princípios: princípios rígidos e princípios abertos. Há, então, princípios rígidos existentes em qualquer gramática final e princípios abertos – *parâmetros* – que

são valorados durante o processo de aquisição a depender da informação lingüística obtida em cada língua. Estes parâmetros são finitos e com opções limitadas, tendo em vista a hipótese de que há apenas duas possibilidades de marcação para cada parâmetro.

A Teoria de Princípios e Parâmetros inaugura uma nova concepção de Gramática Universal, que passa a ser vista como um conjunto de Princípios e Parâmetros e não mais como um conjunto de regras, como nos modelos anteriores.

O Programa Minimalista, entendido como um programa de estudo da Faculdade de Linguagem e desenvolvido dentro da Teoria de Princípios e Parâmetros, busca responder a seguinte questão: Quão perfeita é a linguagem? (Chomsky 1995: 221).

De acordo com o Programa Minimalista, as línguas devem consistir em sistemas perfeitos, com estrutura ótima que permita satisfazer condições impostas por outros sistemas cognitivos com os quais a Faculdade de Linguagem deve interagir.

A Faculdade de Linguagem contata os sistemas de desempenho que são: o sistema conceptual-intensional – (CI) e o sistema articulatorio-perceptual – (AP), o que, por hipótese, garante apenas dois níveis de interface: a Forma Fonética (*Phonetic Form* – PF) e a Forma Lógica (*Logical Form* – LF), que permitem a geração de som e significada. Estes sistemas são independentes da Faculdade de Linguagem e impõem condições sobre ela. Disso resulta que as expressões geradas pela Faculdade de Linguagem devem satisfazer condições de legibilidade exigidas por tais sistemas.

Segundo essa visão teórica, a Faculdade da Linguagem é composta por um Léxico e por um Sistema Computacional. O Léxico, tido como uma lista de exceções, agrupa propriedades relativas à representação fonológica, à especificação das categorias sintáticas e às características semânticas dos itens lexicais. O Sistema Computacional, com base nos traços semânticos, sintáticos e fonológicos dos itens lexicais, é o responsável pela derivação das sentenças.

Neste sentido, o Programa Minimalista pressupõe o emprego do mínimo necessário para derivar um par de som e significado. Por essa razão, dado que um par de som e significado é estabelecido conforme os níveis de interface em PF e LF, uma expressão lingüística qualquer é apenas um objeto formal que satisfaz as condições impostas por estas interfaces de maneira ótima.

1.2 A questão de pesquisa

A presente dissertação é uma investigação da ocorrência de expressões nominais quantificadas na posição de tópico, tomando o Português do Brasil (PB), como fonte de testagem para nossa hipótese de trabalho.

Em geral, o que tem sido afirmado pela literatura acerca do tema é que constituintes que assumem a função de tópico da sentença não podem ser quantificados, (cf. Hankamer, 1971; Kuno, 1972; Pontes, 1987; Raposo, 1996; Kato, 1998). (1), por exemplo, é considerado agramatical:

- (1) a *Ninguém, eu beijei.
- b. * Every girl, John wants to date.

O que pretendemos mostrar é que, ao contrário do que tem sustentado a literatura, uma expressão nominal quantificada pode sim ocorrer em posição de tópico, como exemplificado em (2), em que o tópico da sentença é um sintagma determinante (doravante DP - *determiner phrase* em Inglês) quantificado, modificado por um sintagma preposicionado/oração relativa.

- (2) Nenhum rapaz de Tiros/ cara que o Paulo levou lá em casa, a Silvia namoraria.

Como mostraremos no decorrer deste trabalho, em situações linguísticas sem retomadas de contexto (*out of the blue contexts*), DPs quantificados só podem ser tópicos quando possuírem modificadores internos (e.g sintagma preposicionado e a oração relativa em (2)).

Se pressupusermos, em concordância com a literatura sobre tópico, que apenas expressões nominais referencias podem ser topicalizadas, concluiremos que em (2) o DP *Nenhum rapaz de Tiros/cara que o Paulo leva lá em casa* é referencial. Essa conclusão não é trivial, já que expressões quantificadas como *nenhum* são tidas como não referencias (Cf Larson & Seagal, 1995). Portanto, é preciso compreender melhor como a presença de um modificador interno ao DP pode afetar os traços semânticos do quantificador, tradicionalmente analisado como sendo o núcleo do DP, de tal modo que o DP quantificado passa a ser aceito em posições sintáticas reservadas a DPs referenciais.

O objetivo principal deste trabalho é entender o fenômeno em questão, considerando a hipótese de que DPs não-referenciais tornam-se referenciais

quando sua estrutura interna contém um modificador restritivo. Nossa proposta é a de que essa mudança semântica resulta da estrutura sintática do DP.

Com base em Larson (1991, 2005), sugeriremos que a estrutura interna subjacente a esses DPs quantificados envolve um processo derivacional no qual o determinante, incluindo aqueles quantificados, é primeiramente concatenado com a expressão restritora do DP. Desta forma, em (2) o quantificador *nenhum* se concatenaria, primeiramente, com a relativa *que o Paulo leva lá em casa*, movendo-se depois para a posição de núcleo do sintagma determinante. Sugerimos, assim, (cf. Capítulo 4), que esse processo de concatenação determina composicionalmente o caráter referencial do DP quantificado.

Outro fenômeno que observamos no decorrer de nossa pesquisa é a possibilidade de um quantificador nu aparecer em posição de tópico em situações lingüísticas de retomada de contexto, como em pares de pergunta-resposta:

- (3) A: Você já assistiu os filmes do Almodóvar?
B: Vários, eu já assisti.

A aceitabilidade de (3B) é intrigante, pois como (1) nos mostra, geralmente quantificadores nus não são licenciados em posição de tópico em situações livres de contexto – *out of the blue contexts*. Observe que (4) é agramatical, mesmo quando enunciada dentro de um contexto dado. Por exemplo, diante do contexto em (4), uma pessoa qualquer não poderia produzir (5):

(4) Contexto: [O João era a pessoa responsável pela entrega dos convites. Hoje queremos saber se ele os entregou.]

(5) *Nenhum/vários, o João (não) entregou.¹

Com base em (1) e (2), pode-se, em princípio, concluir que o licenciamento de uma expressão nominal quantificada na posição de tópico depende da presença de um modificador que restrinja o conjunto que serve como referência para a validação do quantificador. Esse modificador pode ser sintático, como (2), ou discursivo, ou seja, estando dentro do contexto discursivo imediato, como exemplificado em (3). Restritores de natureza pragmática não são capazes de licenciar tópicos quantificados, como nos mostra o exemplo em (5).

Nessa dissertação, no entanto, argumentaremos em favor de uma análise unificada de (2) e (3B), argumentando que tanto (2) como (3) envolvem a presença sintática de um modificador restritivo dentro do DP. Em (3B), o quantificador aparece nu devido a um processo de elipse (apagamento) que afeta parte do DP, como discutimos no Capítulo 3.

Em resumo, a presente dissertação procura explorar as questões sintáticas e semânticas que licenciam expressões nominais quantificadas em posição de tópico, com ênfase nas seguintes generalizações:

¹ Para alguns falantes, a negação não pode estar presente quando o quantificador é deslocado para o início da sentença. (cf. Alonso-Ovalle & Guerzoni, 2004)

- (I) Um DP quantificado complexo, ou seja, com modificação interna, pode ser licenciado em posição de tópico independentemente da situação lingüística, podendo ocorrer em situação com ou sem retomada de contexto (Cf. (2))
- (II) Quantificadores nus, ou seja, sem modificação interna explícita, são licenciados em posição de tópico apenas quando há uma retomada de contexto (e.g., em contexto pergunta-resposta, como em (3)).

Essa não é a primeira vez que se observa a aceitabilidade de DPs quantificados na posição de tópico. Ward & Prince (1986), por exemplo, apontam a aceitabilidade de (6) no Inglês, Arregi (2003) também aponta o deslocamento à esquerda em (7) como aceitável em Espanhol, Duarte (1987) observa a ocorrência de (8) no Português Europeu e Baptista aponta (9) como aceitável no Crioulo Caboverdiano:

- (6) Several of these questions, I will try to answer but, let me emphasize, from a personal rather than a general viewpoint. (Ward & Prince, 1986)
- (7) Algunos libros, Juan los leyó ayer. (Arregi, 2003)
- (8) Qualquer prospecto que lhe apareça, ele lê. (Duarte, 1987)
- (9) Poku djent, Nta kre odja. (Baptista, 1997)
“Poucas pessoas, eu quero ver”.

No entanto, é necessário observar que, embora a literatura tenha apontado a ocorrência de dados como (6)-(9), a maioria destes trabalhos não propõe uma análise teórica para o fenômeno do tópico quantificado.

Arregi (2003), por exemplo, afirma que sentenças com deslocamento à esquerda no Espanhol são interpretadas como tópico contrastivo, e que isto explica o fato de alguns indefinidos nessa língua requererem um contexto específico para poderem ser deslocados à esquerda. E sugere que *algunos libros* em (7) denota um subgrupo de um grupo de livros. Nesse contexto, os indefinidos denotam um plural individual. Segundo Arregi, os indefinidos que podem ser deslocados à esquerda são aqueles que permitem uma leitura de escopo amplo não restrito.

Contudo, o foco do nosso trabalho recai sobre as estruturas de topicalização. Assim, além da organização dos dados, o cerne da nossa contribuição para este tema é propor uma análise teórica que dê conta das observações (I) e (II). Esta análise será desenvolvida nos Capítulos 3 e 4.

Antes de passarmos para uma discussão mais elaborada sobre os dados aqui analisados, apresentamos na próxima seção uma breve discussão sobre as propriedades da posição de tópico, analisando se DPs quantificados na periferia esquerda da sentença se comportam como tópicos.

1.3 A Posição de Tópico

De acordo com a literatura sobre o tema, a posição de tópico marcado apresenta as seguintes propriedades:

- (10) a. É uma posição A-barras, não sendo, portanto, engatilhadora de concordância verbal ou capaz de ligar anáforas;
- b. Contém informação velha; isto é, já mencionada no discurso;
- c. Pode ser ocupada apenas por DPs definidos;
- d. Apresenta uma curva entonacional individualizada pela presença da pausa mais longa entre o elemento topicalizado e o predicado.

1.3.1 Diferenças entre o tópico e o sujeito

A primeira distinção que precisa ser estabelecida se refere ao tipo de *tópico* relevante para a pesquisa, de maneira que tal especificação passa pela diferenciação entre *sujeito* e *tópico marcado* de uma sentença.

Segundo Mira Mateus *et alli* (2003: 491) se um mesmo constituinte acumula a função gramatical de *sujeito* e o papel discursivo de *tópico*, este é denominado *tópico não marcado*, fenômeno característico de línguas de proeminência de sujeito². Em (11), por exemplo, o constituinte *as rosas* exerce tanto a função de tópico discursivo quanto a de sujeito da sentença. O mesmo ocorre com o constituinte *o João*, em (12).

(11) *As rosas* desabrocharam.

(12) A: O que o João comeu?

B: O João comeu o bolo.

² Para uma caracterização de línguas de proeminência de sujeito e línguas de proeminência de tópico, ver Li & Thompson (1976). Para uma apresentação dessa proposta em Português consultar Pontes (1987), Vasco (1999) e Orsini (2003).

Quando o tópico oracional não assume a função gramatical de sujeito, este é denominado *tópico marcado*. Em (13), por exemplo, *o Pedro* é o tópico discursivo sobre o qual se declara alguma coisa. Esta declaração é feita pela sentença contendo o sujeito e o predicado – *ele disse que vem amanhã* –, que funciona como comentário.

(13) O Pedro, ele disse que vem amanhã.

Nosso interesse recai sobre as estruturas de tópico marcado, entendido como o sintagma nominal/determinante ou preposicional realizado na periferia esquerda da sentença. Conseqüentemente, ainda que em alguns trabalhos haja uma aproximação dos conceitos de tópico e sujeito, estamos interessados em estruturas em que estes constituintes são realizados em posições sintáticas diferentes. Portanto, para evitar uma possível confusão entre a posição de sujeito e a de tópico, todos os dados aqui analisados envolvem deslocamento de complementos do verbo.

Por serem unidades sintáticas distintas, tópico e sujeito apresentam diferenças importantes de natureza sintática e semântica que cabe apresentar.

1.3.1.1 Diferenças sintáticas

As várias diferenças sintáticas verificadas entre sujeitos e tópicos marcados, em sua maioria, estão relacionadas ao tipo de posição ocupada por estes elementos. Sujeitos ocupam uma posição argumental, ou seja, uma posição

A, ao passo que os tópicos marcados estariam em uma posição A-barras; isto é, não-argumental.

De acordo com a proposta minimalista (cf. Chomsky, 1993, 1995), os sujeitos pré-verbais encontram-se no especificador do Sintagma de Tempo (TP)³, possivelmente após terem sido deslocados de sua posição de base dentro do sintagma verbal. Neste sentido, ocupam uma posição A, sendo distintos de outros itens que se encontram em posição pré-verbal por resultado de um deslocamento para a periferia esquerda da sentença, como é o caso do *tópico* e do *foco* que se relacionam com especificador (Spec) do Sintagma Complementizador (CP)⁴.

O especificador de TP (doravante [spec, TP]) é a posição associada ao caso Nominativo, de forma que a concordância morfológica se relaciona à atribuição de caso Nominativo. Em (14), por exemplo, o verbo concorda com o sujeito em pessoa e número⁵.

- (14) a. Os convidados chegaram.
b. *Os convidados chegou⁶.

³ Estamos pressupondo que em PB sujeitos pré-verbais ocupam o especificador (Spec) de TP.

⁴ É preciso deixar claro que, neste trabalho, não estamos interessados em analisar o lugar de pouso do tópico. O alvo desta investigação é saber porque DPs quantificados com modificação interna podem ocorrer nessa posição.

⁵ Quando há inversão sujeito-verbo, em contextos inacusativos, assim como no Português Europeu (Costa 1999, 2001), a concordância não é obrigatória no Português do Brasil.

- (i) a. Chegaram quatro alunos depois do horário.
b. Chegou quatro alunos depois do horário

⁶ Esta é uma sentença possível no Português do Brasil coloquial.

Como mostra Costa (2001), havendo um tópico e um sujeito pré-verbal na sentença, é o sujeito que realiza a concordância:

(15) O Pedro, os alunos disseram que matou a aula para ir namorar.

Observa-se o mesmo padrão de concordância em orações com tópico marcado e sujeito pós-verbal. Em (16), por exemplo, é o sujeito pós-verbal que desencadeia a concordância:

(16) A professora, procuraram as mães preocupadas com os filhos.

Outra importante distinção entre sujeitos e tópicos marcados refere-se à participação em processos sintáticos como: ser o antecedente de uma anáfora, e ser controlador de sujeitos de orações infinitivas, funções estas que são desempenhadas, unicamente, pelo sujeito da sentença. Em (17), é o sujeito, e não o tópico, que serve de antecedente para a anáfora lexical (Cf. Duarte (2001a)).

(17) [As professoras]₁, [os alunos]₂ se₂ esconderam delas₁.

Em (18), é o sujeito e não o tópico que controla o sujeito nulo (PRO) da oração infinita.

(18) [Os alunos]₁, [as professoras]₂ desejavam PRO₂ aprovar t_1

Essa restrição sobre potenciais antecedentes de anáforas pode ser derivada da distinção entre posição argumental (posição A) e posição não-argumental (posição A-barra). Apenas constituintes em posição A podem servir de antecedentes para anáforas. Conclui-se, portanto, que tópicos marcados ocupam uma posição A-barra, à esquerda do sujeito.

Os dados em (19) indicam que esses DP quantificados em posição pré-verbal ocupam uma posição A-barra. Esses DPs não engatilham concordância verbal (19a), não servem de antecedentes para anáforas lexicais (19b) e não controlam PRO (19c):

- (19) a. Alguns moradores da QNR parece que o governador vai ajudar.
b. Alguns moradores da QNR₁, o governador₂ se_{2/*1} esconde deles₁
c. Alguns moradores da QNR₁, O governador₂ PRO*_{1/2} deseja ajudar.

O mesmo comportamento é observado quando o quantificador aparece nu (e.g em contexto pergunta-resposta)

- (20) a. Alguns, parece que o governador vai ajudar.
b. Alguns₁, o governador₂ se*_{1/2} esconde deles.

c. Alguns₁, o governador₂ deseja PRO*_{1/2} ajudar.

Assim, claro está que estamos lidando com DPs quantificados em posição distinta da reservada aos sujeitos, ou seja, uma posição A-barra. Resta verificarmos se esta posição A-barra é de tópico ou de foco, já que tanto tópicos como focos podem ocorrer na periferia esquerda da sentença.

1.3.2 Tópico ou Foco

1.3.2.1 O Foco

O termo *foco* refere-se ao conceito discursivo que se emprega ao constituinte que carrega a informação nova na sentença, podendo ser o foco a sentença completa ou um constituinte desta, representando a informação nova, articulado à pressuposição – informação partilhada pelos falantes.

De maneira geral, é possível caracterizar dois tipos de foco: *foco de informação* que somente fornece a informação solicitada e tem como contexto típico uma pergunta Wh-, como em (21), e o foco que não se limita a fornecer apenas a informação solicitada, associando-se a outros traços discursivos, como o *foco contrastivo* que envolve contraste ou correção de informação anterior, (cf (22)) (cf. Mioto, 2003).

- (21) A: Quem beijou a Ana?
B: O João beijou a Ana.
C: O que a Maria comprou?

D: A Maria comprou um livro.

(22) A: O Paulo beijou a Ana na festa da escola?

B: (Não). O Paulo beijou a Rosa (na festa da escola).

Kiss (1998) distingue mais um traço semântico relevante para a identificação do foco, qual seja: exaustividade, cuja leitura, quando positiva, deve ser [x e somente x], denominado pela autora de *foco de identificação*. Kiss utiliza o teste de exaustividade proposto em Szabolcsi (1981) em que se verifica se, a partir de uma sentença em que o foco é formado por dois constituintes coordenados, é possível inferir uma outra proposição em que apenas um dos dois constituintes da sentença inicial aparece focalizado. Vejamos (23):

(23) a. Maria comprou um livro e um CD.

b. Foi um livro e um CD que a Maria comprou.

c. A Maria comprou um livro.

Tomando por base (23a), é possível inferir (23c), o que nos leva a concluir que o foco *um livro e um CD* em (23a) não é do tipo exaustivo. Entretanto, a partir de (23b) não se pode inferir (23c), o que mostra que o foco em (23b) é do tipo exaustivo – *foco de identificação* – na denominação de Kiss (1998). Os dados em (23) também ilustram a possibilidade de o foco receber interpretações distintas quando *in situ* ou quando deslocado, (cf. (23a) e (23b)).

Outra observação importante sobre as estruturas de focalização é o fato de o foco deslocado para a periferia esquerda da sentença não poder receber a interpretação de mero foco de informação (cf. Miotto, 2003):

- (24) a. O João comprou [_F aquele carro].
b. [_F Aquele carro] o João comprou.
c. [_F Aquele carro] que o João comprou.

Somente (24a) pode receber a interpretação de foco de informação, que está associado aos traços [-contrastivo] e [-exaustivo], pois que é a única sentença que funciona como resposta adequada à pergunta em (25), por exemplo:

- (25) O que o João comprou?

Contudo, se não estivermos considerando a pergunta em (25), (24a) pode ser interpretada como foco de identificação, isto é, João comprou *aquele carro* e somente *aquele carro*, tal como nos termos de Kiss (1998), ou contrastivo, se à sentença (24a) acrescentamos o seguinte:

- (26) O João comprou aquele carro e não aquela moto.

Neste sentido, parece que o foco *in situ*, como ilustrado em (24a), pode receber diferentes interpretações, a saber: foco de informação, foco contrastivo e foco de identificação. Em contrapartida, para o foco deslocado, a interpretação de

foco de informação não está disponível, isto é, ao foco deslocado está associado pelo menos um valor positivo dos traços [contrastivo] e [exaustivo].

Para que (24b) e (24c) possam figurar como foco de identificação, basta considerar, segundo Miotto, o seguinte contexto:

(27) Contexto: [Duas pessoas que estiveram falando sobre o fato de o João ter comprado um carro e se deparam com o carro comprado por João e uma delas diz:]

- (28) a. [F Aquele carro] o João comprou. (= 24b)
b. [F Aquele carro] que o João comprou. (= 24c)

Para obter uma leitura de foco contrastivo a partir dessas estruturas é só realizar as seguintes continuações:

- (29) a. [F Aquele carro] o João comprou e não aquela moto.
b. [F Aquele carro] que o João comprou e não aquela moto.

Assim, o foco *in situ* é ambíguo, podendo receber as três diferentes interpretações relativas ao foco. O mesmo não ocorre com o foco deslocado, que não pode receber a leitura de foco de informação.

Desta forma, no que se refere ao conceito de foco, somente as leituras de foco contrastivo e foco de informação estão disponíveis para os constituintes deslocados para a periferia esquerda da sentença. E, além de uma interpretação

de foco, constituintes deslocados podem ser interpretados como tópico. Neste sentido, é preciso verificar se os DPs alvo de nossa pesquisa recebem leitura de foco ou de tópico.

Considere o contexto em (30) e a sentença em (31):

(30) Contexto: [Vicente está comentando que tem a coleção de CDs do Chico Buarque, mas que tem alguns CDs repetidos e que pretende dá-los para Maria. Então João diz:]

(31) Alguns CDs do Chico Buarque, a Maria ia querer ganhar de presente.

Em (31), somente a leitura de tópico está disponível. Para que uma interpretação de foco contrastivo seja alcançada, é necessário acrescentar à sentença em (31) uma continuação como em (32)

(32) Alguns CDs do Chico Buarque, a Maria ia querer ganhar de presente e não os da Gal Costa.

Em relação ao foco de identificação, não nos parece ser possível obter uma leitura de exaustividade, como proposto por Kiss (1998) a partir de sintagmas quantificados na periferia esquerda da sentença. A interpretação do foco como sendo de identificação só é possível quando o sintagma é referencial.

No que se refere aos dados com quantificadores nus, processo semelhante ao que verificamos com DPs com modificação parece ocorrer. Observe, por exemplo, (33) e (34):

(33) Contexto: [João e Maria conversavam sobre os CDs que eles gostariam de ter. Então João pergunta à Maria: Você ia querer ganhar os CDs do Chico Buarque? Então Maria responde:]

(34) Vários, eu ia querer ganhar.

Novamente, para que se obtenha uma leitura de foco contrastivo a partir da sentença em (34) é preciso que se interponha uma continuação como a seguinte, que proporcionará o contraste:

(35) Vários, eu ia querer ganhar, mas nenhum eu ia querer comprar.

A partir dessas observações, é preciso se perguntar se a possibilidade de uma leitura de foco contrastivo também está disponível para as estruturas de tópico clássicas, isto é, com um DP referencial ocupando a periferia esquerda da sentença, ou se esse é um comportamento particular dos DPs aqui analisados.

Os dados em (36) nos mostram que este fenômeno não está restrito aos DPs quantificados, pois como ilustra (36b), um tópico referencial pode ser interpretado como foco contrastivo.

- (36) a. O João, a Maria beijou.
b. O João, a Maria beijou e não o Pedro.

Assim, verificamos que, em termos discursivos, estes DPs quantificados se comportam como tópico e não como foco. Resta-nos ainda, averiguar se estes mesmos DPs quantificados apresentam características sintáticas que os diferenciam de um foco e os definam como tópico.

1.3.2.2 Diferenças sintáticas entre tópico e foco

Como dito anteriormente, a estrutura da sentença apresenta duas áreas. Uma de posições A(rgumentais), em que os constituintes XPs teriam definidas suas funções gramaticais e seu papel temático; outra, de posições não-A(rgumentais). As posições à esquerda do TP, por exemplo, são posições não-A e definem aspectos sintáticos que codificam informações discursivas, como por exemplo, informação nova versus. informação velha, asserção versus. interrogação. Em casos de tópico, a sentença matriz se concatenaria ao discurso através de uma informação dada, já nos casos de foco, uma posição na periferia esquerda da estrutura seria ativada para abrigar uma informação nova.

As relações de tópico/comentário são diferentes das de foco/pressuposição. Enquanto a relação de tópico/comentário se traduz numa relação de predicação em que o tópico é o sujeito e o comentário é o predicado, a relação de foco/pressuposição se traduz numa relação de quantificação em que o foco é o valor atribuído à variável (cf. Zubizarreta, 1998).

Mioto (2003), seguindo Rizzi (1997) e Zubizarreta (1998), argumenta, ainda em favor de outra distinção entre foco e tópico. O foco, mas não o tópico, é de natureza quantificacional, apresentando, portanto, efeitos de cruzamento fraco

(*weak crossover effects*). O foco em (37a), por exemplo, não pode vincular um vestígio (i.e. cópia sem conteúdo fonológico) passando por cima de um pronome pleno *co-indexado*, mas o tópico em (37b) pode:

- (37) a. ?(?) É [_F O João]₁ que a mãe dele_i ama *t*₁, não a Maria.
b. [_To João]₁, a mãe dele_i ama *t*₁.

Além disso, o foco não pode ser retomado por um pronome interno ao TP. Vejamos (38).

- (38) a. *Foi [_F aquele carro] que a Maria comprou ele no domingo.
b. [_TAquele carro], a Maria comprou ele no domingo.

Mioto observa que o comportamento do foco em (37a) e (38a) reproduz as condições em que uma expressão Qu-interrogativa (ou seja, um operador) ocorre:

- (39) a. * Quem₁ que a mãe dele₁ ama, não a Maria
b. * Qual carro que a Maria comprou ele no domingo.

Rizzi (1997) apresenta uma discussão mais detalhada de constituintes – Qu, contrastando sentenças Qu- interrogativas e relativas apositivas em inglês.

- (40) a. ?*Who_i does his_i mother really like t_i (=vbl)?
 b. John_i, who_i his_i mother really likes t_i (=nc)...

Em (40a), temos *who* como um verdadeiro operador e o *vestígio como* uma variável, fato confirmado pelos efeitos de cruzamento fraco. Em (40b), entretanto, *who* não é um operador e nem *seu vestígio* uma variável, tendo em vista que a sentença é gramatical e, portanto, não mostra os efeitos de cruzamento fraco exemplificados em (40a). Além disso, em (40b) *who* é um elemento anafórico que tem sua interpretação determinada pelo antecedente *John*.

No Português, a relativa apositiva tem no lugar da expressão Wh- um complementizador:

- (41) a. O João, que eu acabei de encontrar, ...
 b. O João_i, [Op_i que eu acabei de encontrar t_i], ...

A análise de (41) é semelhante à de (40). O operador nulo, que tem sua interpretação determinada pelo antecedente *O João*, vincula o vestígio, que é uma constante nula, como denominada por Rizzi (1997).

Assim, Rizzi distingue o tópico do foco mostrando que a relação entre tópico e a categoria vazia é mediada por um operador nulo, que é anafórico e desempenha a mesma função que o pronome ou o clítico nas construções em que o tópico não é retomado por um vazio.

- (42) a. O João, eu encontrei no cinema ontem.
b. O João_i, Op_i eu encontrei t_i no cinema ontem.

Enfim, análises técnicas à parte, o que os dados acima parecem indicar é que o foco vincula uma variável, enquanto tópico, por não ser de natureza quantificacional, vincula-se a um vestígio não-variável.

Em (43), podemos observar que os DPs quantificados deslocados comportam-se como tópicos, tendo em vista que não apresentam efeitos de cruzamento fraco e podem ser retomados por um pronome interno ao TP.

- (43) a. Alguns alunos desta sala₁, a professora deles_i admira t₁.
b. Alguns alunos desta sala, a professora reprovará eles.

No que tange aos quantificadores nus, comportamento semelhante parece ocorrer, o que nos leva a concluir que estes também são tópicos e não foco.

- (44) Contexto: [Numa conversa sobre menores infratores, João pergunta a Pedro: Você acha que a família destes jovens tem algum carinho ou admiração por eles? Então Pedro responde]:

- (45) a. Vários₁, a mãe deles_i admira t₁.
b. Alguns, a família visita eles.

Com base no que foi apresentado até agora, mostramos que, discursiva e sintaticamente, os DPs aqui estudados se comportam como tópicos.

Na seção que se segue discutiremos algumas características entonacionais que marcam as estruturas de topicalização, visando reunir evidências também fonológicas que nos permitam afirmar que estamos lidando com construções de tópico.

1.3.2.3 Diferenças entonacionais entre tópico e foco

No decorrer da pesquisa, realizamos um experimento piloto com base em um *corpus controlado* com o objetivo de confirmar, por meio de diferenças nos padrões entonacionais, que os dados alvo de nossa pesquisa são construções de topicalização e não de foco.⁷ O *corpus*, constituído de 77 sentenças, buscava analisar as seguintes questões:

- 1) Diferenças na topicalização e focalização de DP definido com e sem modificação;
- 2) Diferenças na topicalização e focalização de DP quantificado com e sem modificação.
- 3) Diferenças na entonação de sentenças com quantificador nu deslocado para a periferia esquerda da sentença.

⁷ Estamos utilizando o termo topicalização para fazermos referência a construções com deslocamento de um constituinte que faz parte do predicado. Estamos, portanto, excluindo construções de anacoluto (ia) e estruturas de deslocamento à esquerda (ib):

- (i) a. O primeiro emprego, todo mundo se sente feliz de entrar no mercado de trabalho. (Orsini, 2003).
- b. O João, eu acho que a Maria ama ele.

A estratégia de focalização considerada no experimento é a de foco contrastivo, pois, como já esclarecido anteriormente, apenas as leituras de foco de identificação e de foco contrastivo estão disponíveis para o constituinte deslocado para a periferia esquerda da sentença (cf. Mioto, 2003). E em relação ao foco de identificação, não nos parece ser possível obter essa leitura por meio de DPs quantificados.

O *corpus* aqui descrito encontra-se no Anexo 2 desta dissertação.

As sentenças foram gravadas por 3 falantes do Português do Brasil, mulheres, entre 25 e 35 anos e mesmo grau de escolaridade. O programa utilizado foi o PRAAT.

Para obtermos as leituras descritas em 1, 2 e 3, foram criados contextos a partir dos quais o falante deveria pronunciar a referida sentença, garantindo assim, a leitura relevante para aquele item. O tipo de contexto e sentenças consideradas no experimento aparecem em (46):

(46) Contexto: [Você já havia lido no jornal da semana passada que o governador prometeu ajudar os moradores da QNR, mas um amigo seu mora no Privê e diz: O governador prometeu ajudar os moradores do Prive. Então você argumenta]:

Não, **muitos moradores da QNR** o governador prometeu ajudar, mas do Privê não.

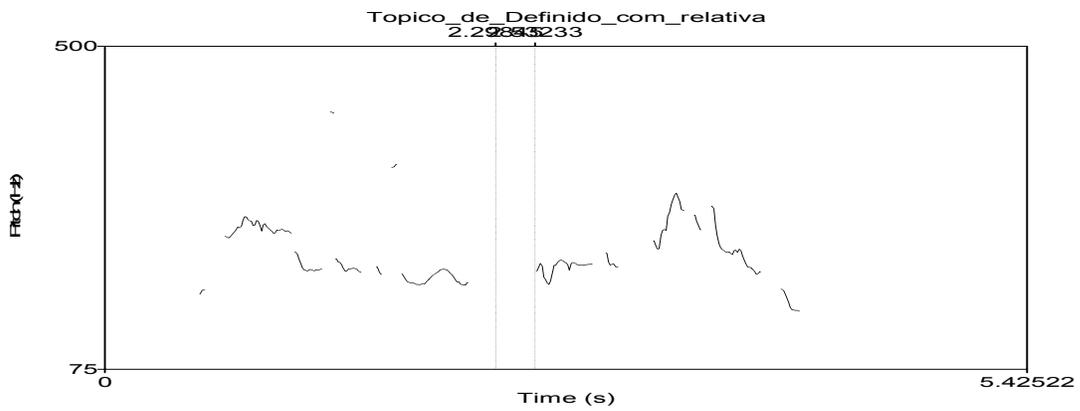
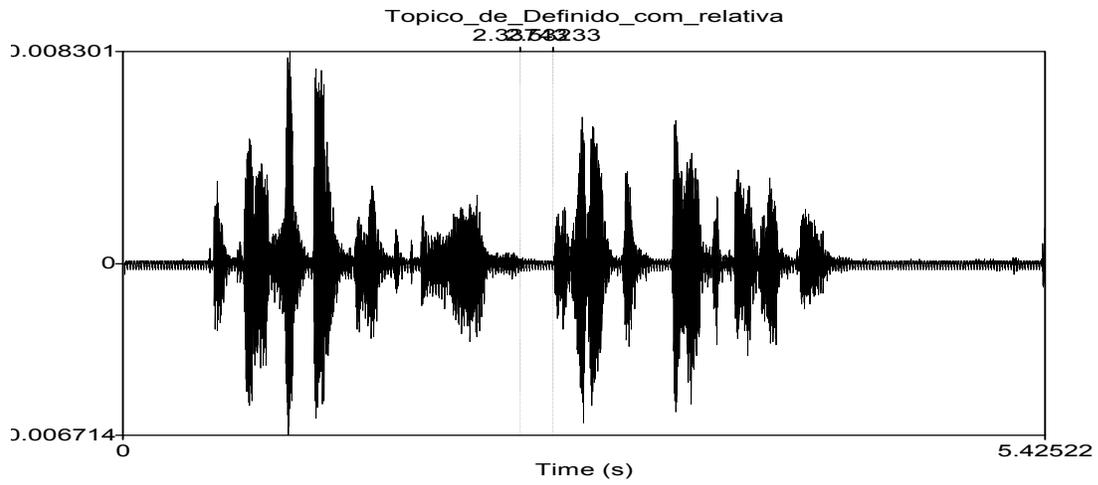
Ressalta-se, ainda, que a mesma expressão nominal foi testada mediante contextos diferentes, como ilustrado em (47):

(47) Contexto: [Durante a sua volta para casa do trabalho você escuta algumas pessoas conversando sobre a situação preocupante da QNR. Eles discutiam que nada havia sido feito por aqueles moradores. Mas você leu num jornal pela manhã que o governador iria ajudar aquela comunidade. Então você diz a eles:]

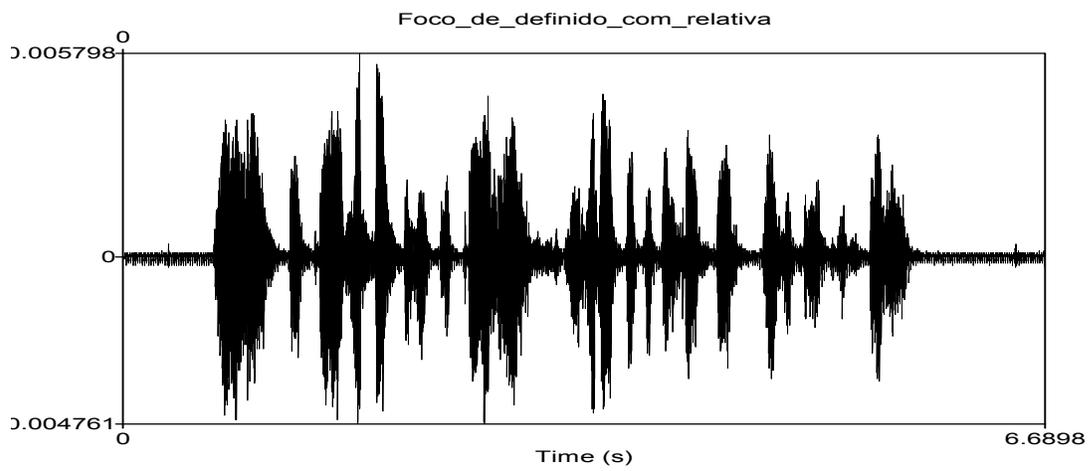
Muitos moradores da QNR, o governador prometeu ajudar.

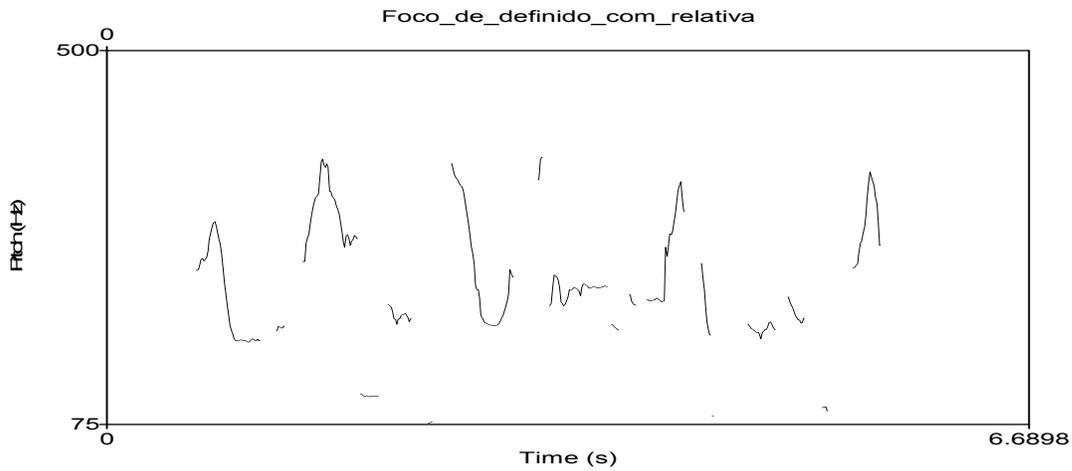
Embora a análise dos tons seja de extrema relevância dentro de uma análise fonológica, por razões de tempo, não foi possível verificar que características tonais permeiam as construções de topicalização e de foco contrastivo.

Entretanto, notamos que as construções de topicalização diferem das construções de foco contrastivo pela presença ou ausência de pausa entre o constituinte deslocado e o seu predicado. Observe a Figura. (1) e compare-a a Figura (2), que ilustra a topicalização e a focalização de um DP definido, respectivamente.



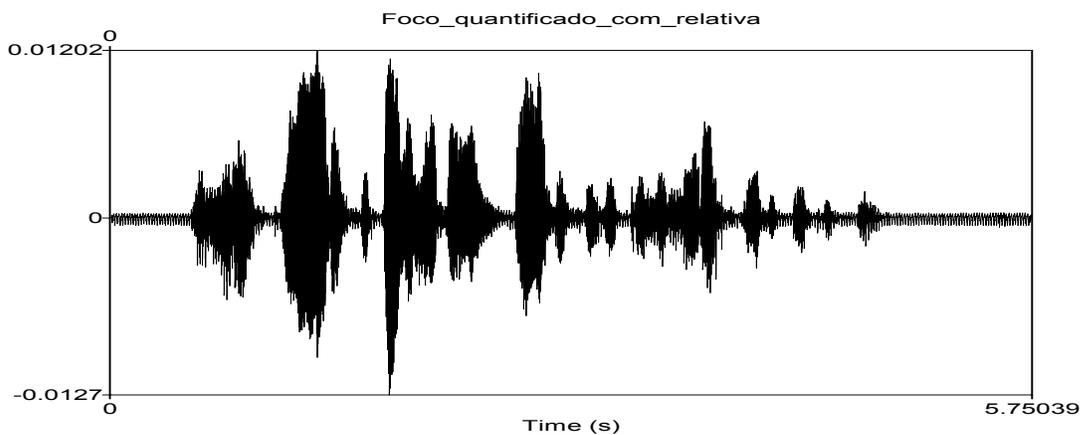
(Fig: 1) *Aquele rapaz que você conhece, o diretor tem de contratar*

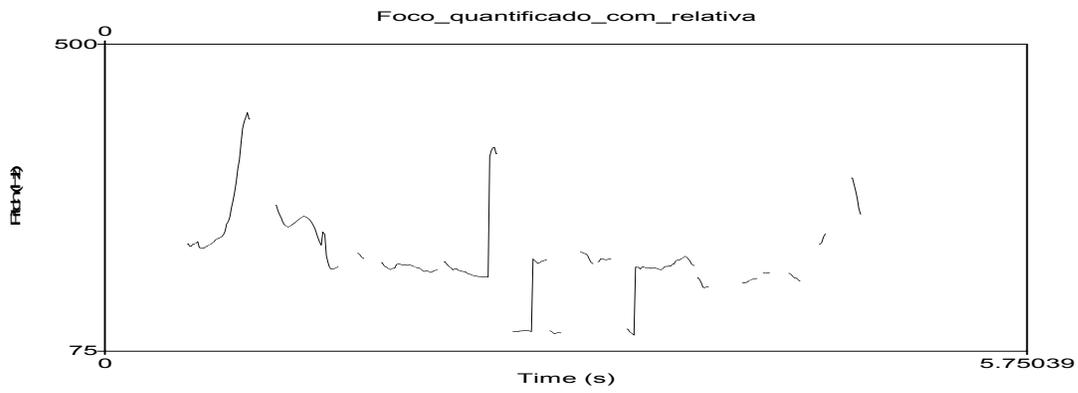




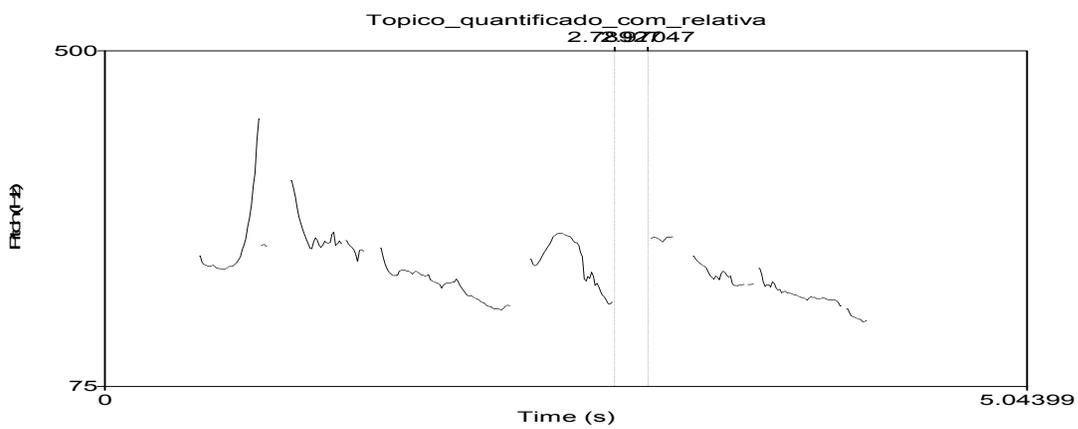
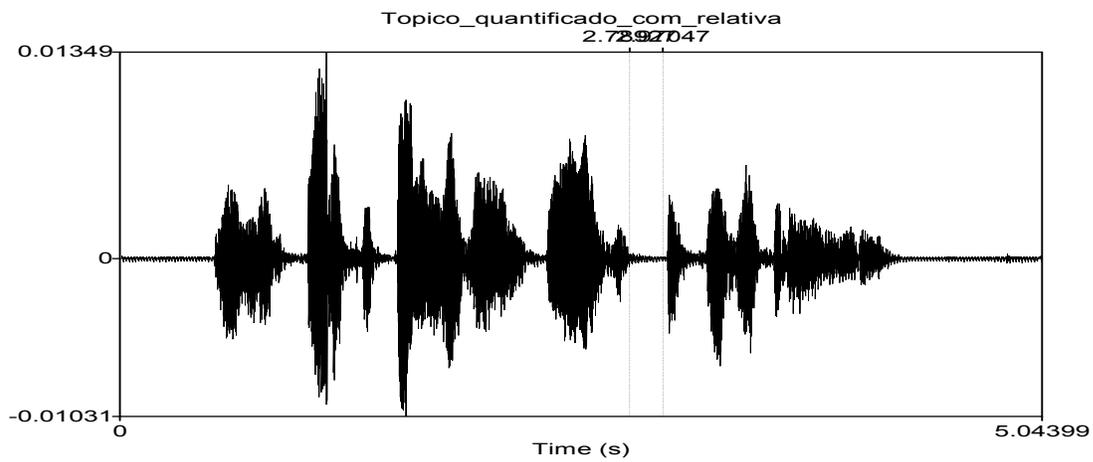
(Fig: 2) *Não, Aquele rapaz que você conhece, o diretor quer contratar, mas o Francisco não.*

Nas construções com topicalização e focalização de DPs quantificados, esse padrão em relação à pausa se mantém, isto é, observa-se a presença de pausa apenas nas estruturas de topicalização. As Figuras 3 e 4 ilustram o deslocamento de DP quantificado modificado por oração relativa.





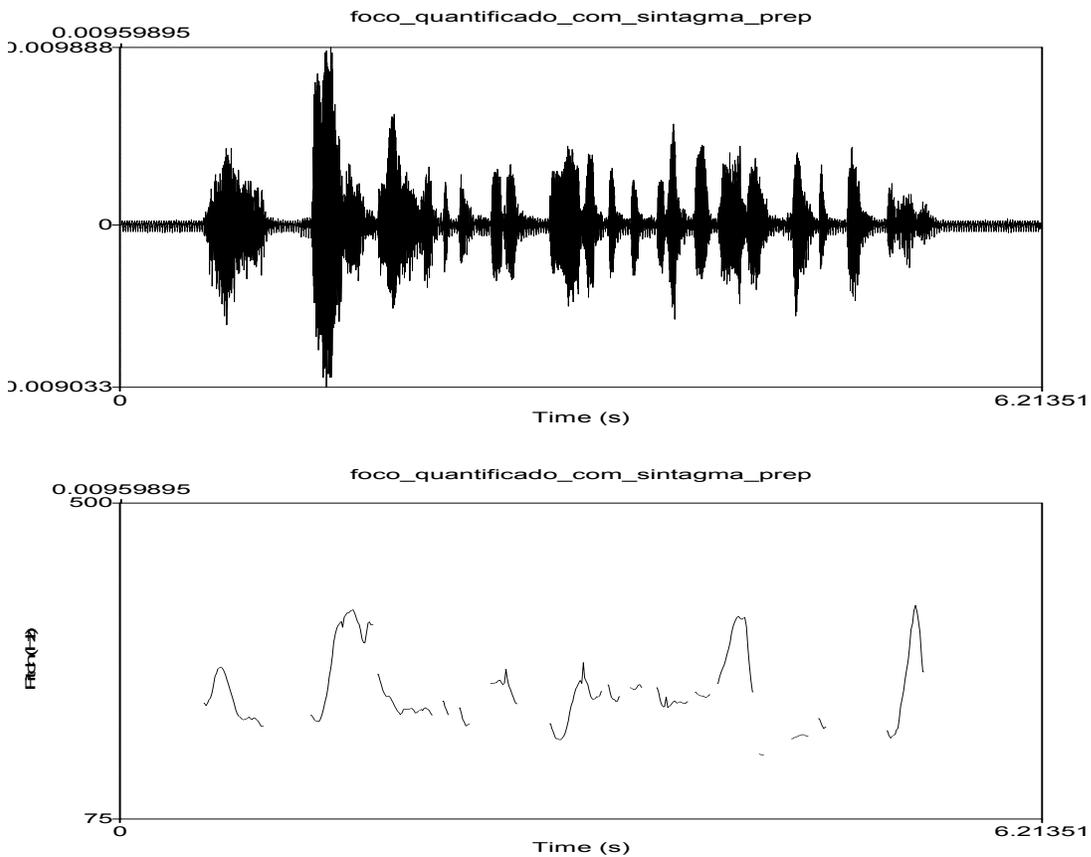
(Fig:3) *Nenhum cara que o Paulo leva lá em casa a Silvia ia querer namorar, mas o Pedro sim*



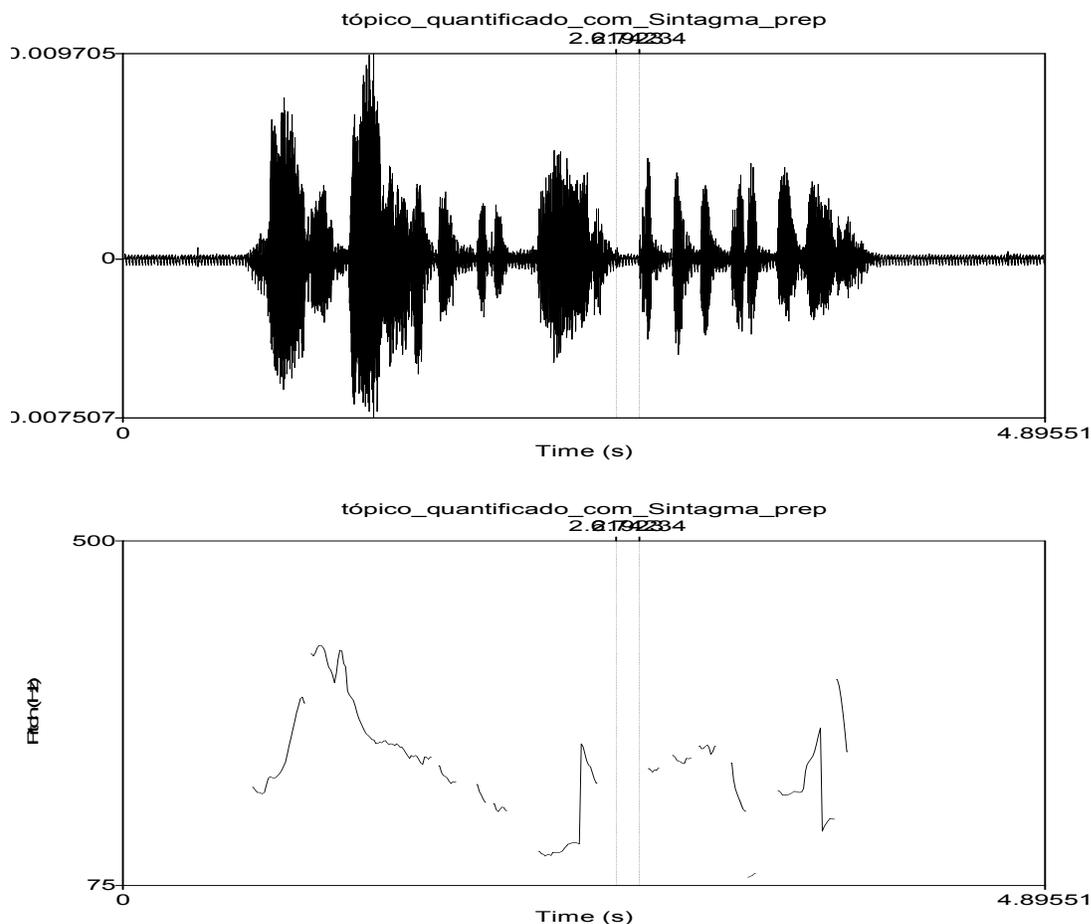
(Fig:4) *Nenhum cara que o Paulo leva lá em casa, a Sílvia ia querer namorar.*

A Figura 4 mostra que, diferentemente da focalização, há uma pausa entre constituinte deslocado e predicado. Esta pausa mede 0,18 ms.

O mesmo fenômeno parece ocorrer com todas as outras sentenças de topicalização, diferindo-as, em relação à pausa, das construções neutras e das construções de foco contrastivo. As Figuras 5 e 6 representam o deslocamento de um DP quantificado modificado por um sintagma preposicionado:



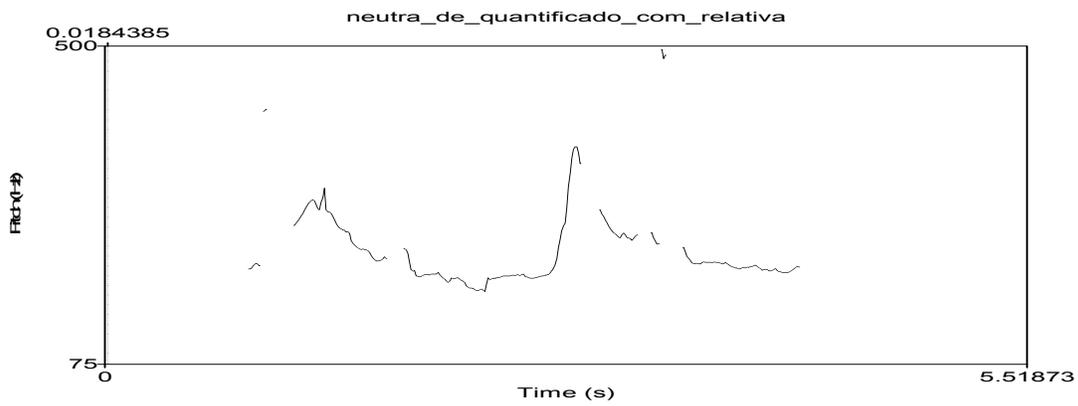
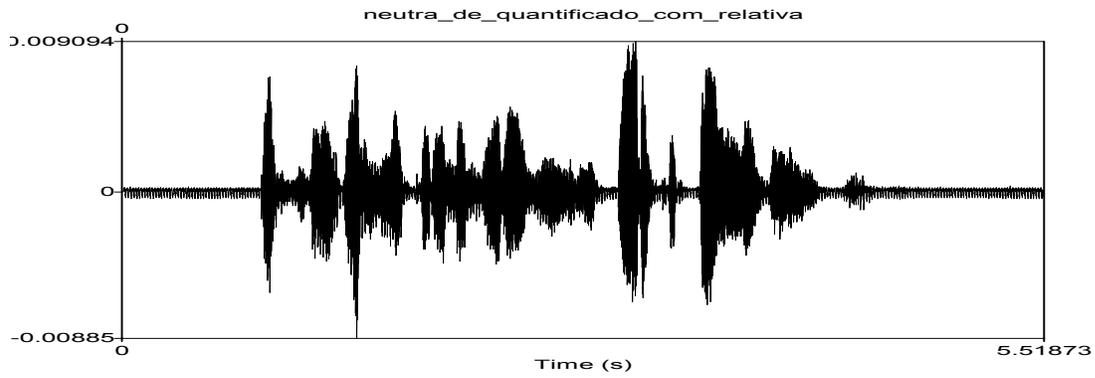
(Fig: 5) *Vários alunos da 3ª série, a professora aprovará.*



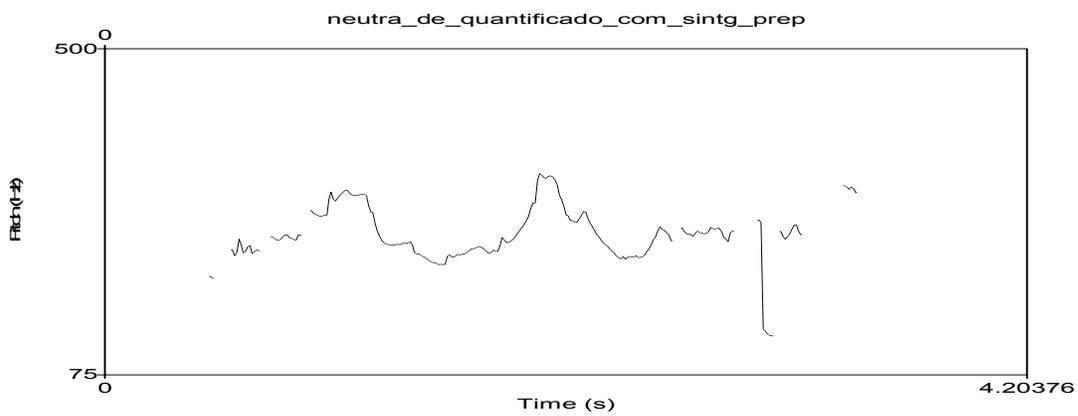
(Fig: 6) *Vários alunos da 3ª serie a professora aprovará.*

Na Figura em 6, temos uma pausa de 0,14 ms, enquanto o foco ilustrado na Figura em 3 não apresenta pausa.

Observe agora as Figuras 7 e 8 referentes às sentenças neutras dos DPs quantificados em posição de tópico modificado por uma oração relativa e por um sintagma preposicionado, respectivamente. Como já mencionado, as sentenças neutras não apresentam pausa.

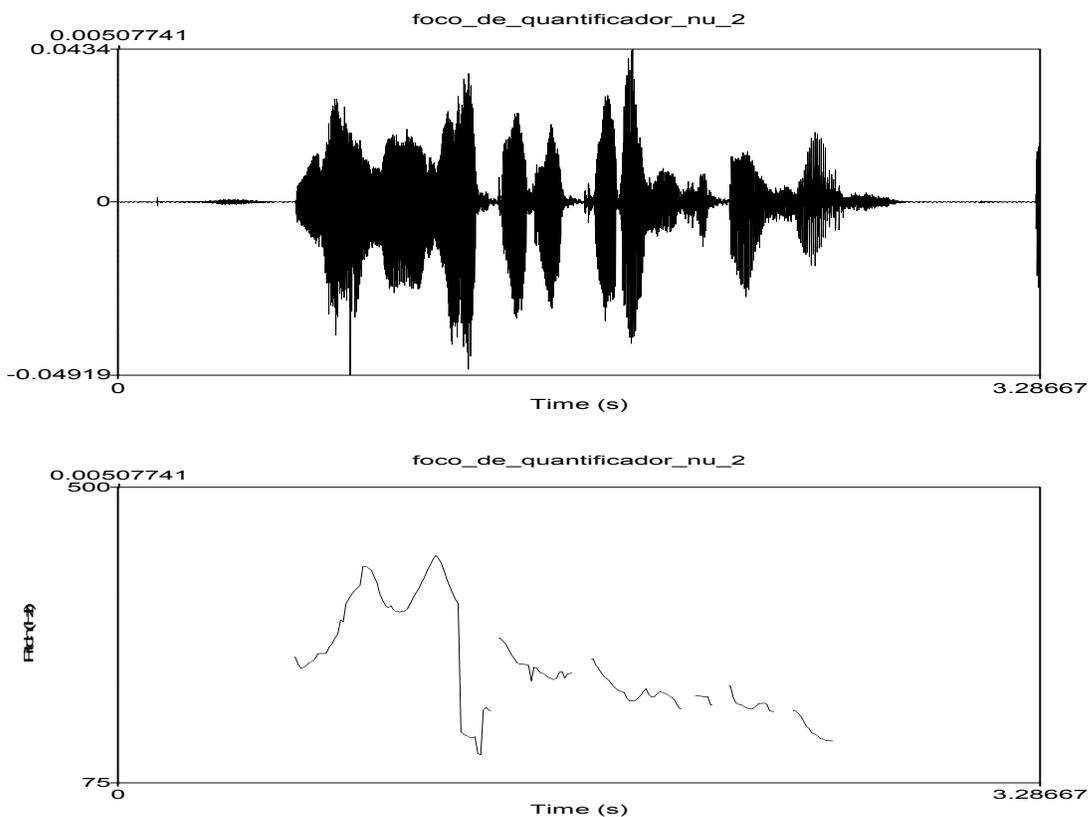


(Fig: 7) *A Sílvia não namoraria nenhum cara que o Paulo leva lá em casa.*



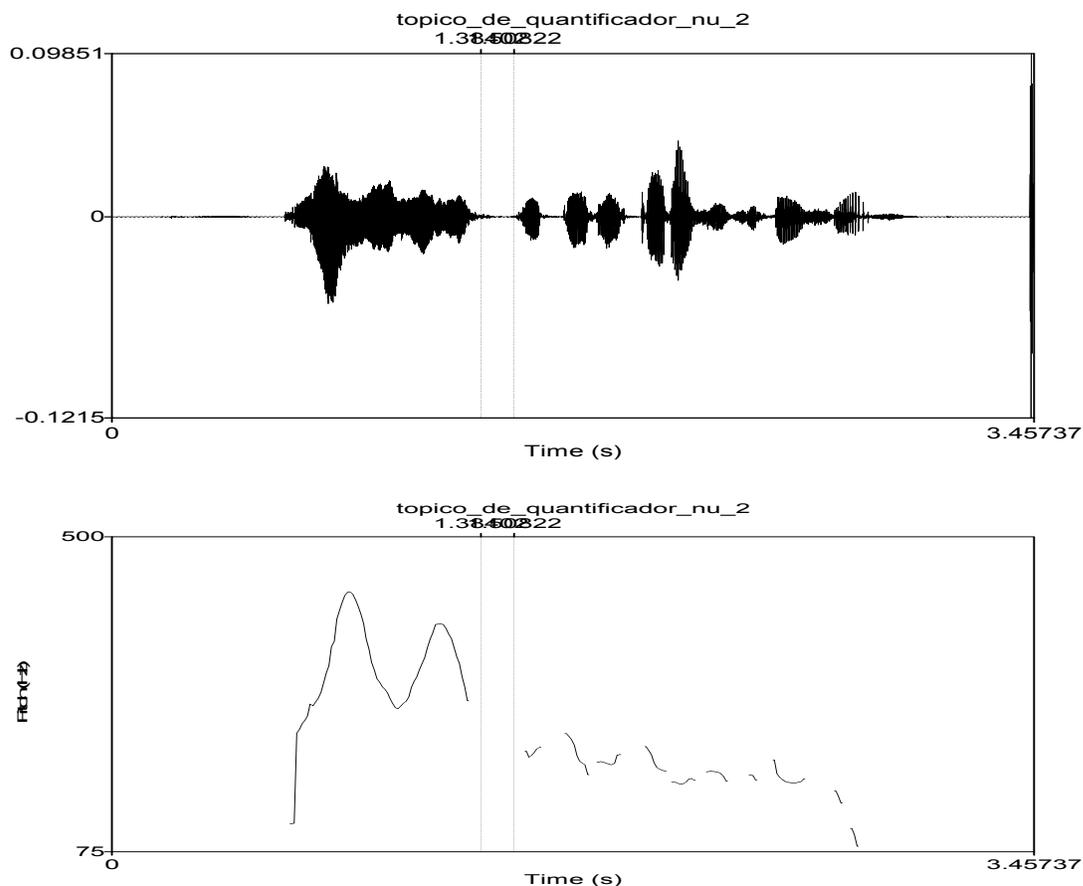
(Fig: 8) *A professora aprovará vários alunos*

Por fim, em relação aos quantificadores nus, observamos que estas construções também obedecem ao padrão descrito, apresentando, portanto, pausa em leitura de tópico e ausência de pausa em leitura de foco contrastivo.



(Fig: 9) *Nenhum, eu teria coragem de beijar*

A Figura 10 ilustra uma produção em que o quantificador nu recebe leitura de tópico. Há nesta sentença uma pausa de 0,15 ms.



(Fig: 10) *Nenhum, eu teria coragem de beijar.*

Esses dados nos mostram, portanto, que quantificadores nus podem ocorrer tanto na posição de tópico como na de foco. Neste trabalho, precisamos explicar porque são licenciados em posição de tópico.

Embora Orsini (2003) assuma que a pausa pode ou não ocorrer em construções de topicalização, esta parece ser distintiva em relação aos nossos dados, tendo em vista que este padrão se mantém nos dados das três falantes testadas. Contudo, não excluimos a possibilidade de que a pausa seja na verdade opcional, mas para chegarmos a essa conclusão se faz necessária uma análise mais abrangente destas estruturas, o que deixo para futuras pesquisas.

1.3.2.3.1 *Problemas com o experimento realizado*

O experimento realizado, por ser um experimento piloto, demonstrou algumas dificuldades⁸ que não nos permitem apresentar os seus resultados como conclusivos, requerendo, portanto, a realização de um experimento mais bem controlado que leve em consideração, pelo menos, os seguintes aspectos:

1. Aspectos gráficos das sentenças a serem lidas
2. Aparelho utilizado
3. Diferenças entre leitura espontânea e monitorada

Um das dificuldades mais marcantes do experimento refere-se a formatação dos dados a serem gravados. Por uma questão didática, optamos por marcar as sentenças com leitura de tópico com vírgulas entre o constituinte topicalizado e o restante da estrutura e nas sentenças com leitura de foco utilizamos o negrito para marcar o constituinte focalizado. Entretanto, este procedimento pode ter condicionado a leitura do informante e ter, influenciado nos resultados.

Outra questão que necessitaria ser revista refere-se ao aparelho utilizado. Também por ser um experimento piloto, não realizamos a gravação em um laboratório e não mantivemos o mesmo aparelho durante a gravação das três informantes, procedimento que deverá ser revisto para um experimento futuro.

⁸ As dificuldades apresentadas pelo experimento foram observadas pelo professor Maximiliano Guimarães em comunicação pessoal.

Por fim, há que se considerar que, ao realizar a gravação de uma sentença escrita, o informante, por mais que se esforce para atingir a fala natural, está realizando uma leitura que pode ter diferença de uma sentença de fala espontânea.

1.4 Efeitos de Definitude e Especificidade na Posição de tópico

Definitude é, provavelmente, o traço semântico mais mencionado como individualizador da posição de tópico. Segundo alguns autores, tópicos são necessariamente definidos (Cf. Li & Thompson, 1976; Kato, 1998; Raposo, 1996):

- (48) a. Aquele menino, eu vejo todo dia na feira da Ceilândia.
b. * Um menino, eu vejo todo dia na feira de Ceilândia.

Posições argumentais, em contraste, apresentam menos requisitos quanto à definitude. Os sujeitos, por exemplo, como ilustram os dados em (49), podem ter uma interpretação genérica, definida, indefinida específica e não específica, respectivamente.

- (49) a. Crianças adoram chocolate.
b. Estas crianças adoram chocolate.
c. Duas crianças adoram chocolate.
d. Qualquer criança adora chocolate.

É com base nesta restrição de definitude que recai sobre o tópico que muitos autores asseveram a impossibilidade de um DP quantificado ocorrer em posição de tópico, (cf. Hankamer, 1971; Kuno, 1972; Pontes, 1987; Raposo, 1996; Kato, 1998).

A afirmação de que tópicos quantificados não podem ser topicalizados parece estar, portanto, relacionada à necessidade de o tópico ser semanticamente referencial e, para que um DP seja referencial é preciso que ele denote indivíduos. Portanto, DPs quantificados devem ser excluídos da posição de tópico por não serem referencias. DPs quantificados denotam conjuntos de indivíduos e não indivíduos. Considere como evidência para essa exclusão a inaceitabilidade dos dados em (50) quando pronunciados de sopetão (i.e.; *out of the blue*):

- (50) a. *Nenhum menino, eu vi na feira da Ceilândia.
b. *Ninguém, eu vi na feira da Ceilândia.
c. *Todo menino, eu vi na feira da Ceilândia.

Enç (1991) afirma que definitude e especificidade são fenômenos relacionados, ou seja, ambos necessitam que seus referentes estejam previamente estabelecidos no discurso. Em contrapartida, tanto os NPs indefinidos quanto os não específicos exigem que seus referentes discursivos não estejam previamente estabelecidos no discurso.

Segundo Enç (1991), o que distingue estas duas noções é a natureza das ligações. A ligação relevante para o NP definido seria a de identidade e este NP tem, portanto, um antecedente forte. No que se refere à especificidade, a relação

que se destaca é a de inclusão, assim, o antecedente de um NP específico seria um antecedente fraco.

Em contrapartida, Ihsane & Puskás (2001: 40) argumentam que as noções de definitude e especificidade denotam propriedades distintas. As autoras propõem uma estrutura para a periferia esquerda dos nominais que é paralela à proposta por Rizzi (1997) para a periferia esquerda da sentença. Ihsane & Puskás observam que DP's definidos não são necessariamente específicos, o que as levam a propor uma distinção estrutural entre a projeção funcional em que a especificidade é checada e outra em que a definitude aparece. A projeção que hospeda o traço [+/- definido] corresponde sintaticamente ao nóculo FinP de Rizzi (1997), ou seja, a projeção mais baixa da periferia esquerda, enquanto o traço [+ específico] caracteriza uma projeção paralela ao nóculo TopP, que abriga as informações já mencionadas no discurso.

Diferentemente de Enç (1991), que pressupõe que todos os DPs definidos são específicos, Ihsane & Puskás observam que DPs definidos podem ter uma leitura não específica. Considere os dados em (51). Em (51a), o DP *le train* pode, sim, ter uma interpretação definida, mas também pode ser interpretado como um DP não específico em que o referente do DP *le train* não está preestabelecido não discurso, em um evento em que se pega um trem qualquer e não um específico:

- (51) a. J' ai pris le train.
'I took the train.'
- b. Jean a raté le bus.
'John missed the bus.'

Com base nesta observação, as autoras argumentam que definitude e especificidade não podem estar reunidas em uma única propriedade.

De acordo com Ihsane & Puskás, em Húngaro, a leitura específica ou não-específica de um DP definido existe e esta é dependente da posição ocupada por este DP definido. A leitura não-específica é favorecida quando o DP aparece em posição pós-verbal, como ilustrado em (52a), já a leitura específica só é obtida quando o DP é movido para a posição de tópico (Cf. (52b)):

- (52) a. Anna lemaradt a vonatrol.
Anna down-stayed the train-from
'Anna perdeu o trem.'
- b. A vonatrol lemaradt Anna.
the train-from down-stayed Anna
'Anna perdeu o trem [specifico].'

Tendo em vista esta distinção, são apresentadas as seguintes definições:

- (53) a. Definitude: seleciona um objeto em uma classe de objetos possíveis.
b. Especificidade: refere-se a um elemento pré-estabelecido no discurso.

A definição para definitude em (53) é baseada em Heim (1982), que argumenta que “definiteness serves to narrow down the range of things that can felicitously be referred to”⁹. Já a definição de especificidade toma por base a

⁹ Definitude serve para reduzir o conjunto de entidades as quais se pode referir satisfatoriamente.”

análise de Enç (1991), onde "specificity involves a weak link, that of being a subset of or standing in some recoverable relation to a familiar object"¹⁰.

Ward & Prince, por exemplo, afirmam não haver consenso acerca das restrições morfológicas e/ou semânticas envolvidas no licenciamento de constituintes em posição de tópico. E observam que, em particular, tem sido defendido que certos NPs indefinidos não podem ser topicalizados. Assim, alguns autores defendem que apenas NPs indefinidos específicos podem ocupar a posição de tópico, outros afirmam que somente NPs indefinidos não específicos são alvo de topicalização. Mas, mais importante que definir qual posição estaria correta é perceber que não há de fato um consenso em relação aos fatores, especialmente semânticos, envolvidos no processo de topicalização.

Apesar dessa falta de consenso, iremos pressupor no decorrer do presente trabalho que o traço diferenciador da posição de tópico é o de definitude. Não excluimos, no entanto, a possibilidade de que o traço de especificidade possa também ser licenciador dessa posição, como argumentam Davison (1984), Gundel (1974), Augusto (2003).

1.5 Conclusões parciais

Neste capítulo, apresentamos o arcabouço teórico no qual a presente dissertação está inserida, além de expor a questão de pesquisa que está norteada pelas seguintes generalizações:

¹⁰ "Especificidade envolve um elo fraco, aquele de conjunto para subconjunto ou aquele de resgate de entidade de um objeto familiar.

(I) Um DP quantificado complexo, ou seja, com modificação interna, pode ser licenciado em posição de tópico independentemente da situação lingüística, podendo ocorrer em situação com ou sem retomada de contexto.

(II) Quantificadores nus, ou seja, sem modificação interna explícita, são licenciados em posição de tópico apenas quando há uma retomada de contexto (e.g., em contexto pergunta-resposta).

Em seguida, mostramos por meio de evidências sintáticas, semânticas e fonológicas que os DPs quantificados na periferia esquerda da sentença aqui analisados são tópicos e não focos.

1.6 Organização da dissertação

A dissertação está organizada em 5 capítulos. No Capítulo 2, descrevemos a metodologia utilizada no levantamento de parte dos dados considerados durante a pesquisa, bem como os resultados encontrados.

No Capítulo 3, mostramos que quantificadores nus são licenciados em posição de tópico apenas quando há retomada de contexto (e.g. contexto pergunta-resposta), argumentando que nestas estruturas o complemento do quantificador é um NP partitivo elidido. A seguir, discutimos as evidências que nos levam a propor que estas construções envolvem apagamento de uma estrutura partitiva, quais sejam: a) modificação explícita: tipo de material que pode ser lexicalizado dentro do DP quantificado em posição de tópico; b) obediência à restrição de partitividade; c) tipo de quantificador nu que pode aparecer na posição de tópico.

No Capítulo 4, apresentamos explicações sintáticas e semânticas que fazem com que um DP quantificado modificado possa ocorrer em posição de tópico. Mostramos que DPs quantificados contendo um modificador interno explícito ou implícito podem ocorrer em posição de tópico porque possuem um traço [+definido]. Argumentamos que este traço de definitude é construído localmente por meio de um processo de concatenação do determinante com o modificador.

Por fim, no Capítulo 5 retomo as generalizações I e II, revisando, brevemente, a maneira como as análises propostas nesta dissertação explicam as referidas generalizações. Além disso, apresento algumas implicações e possíveis ramificações da proposta de análise.

Capítulo 2

Dos Dados

2.0 Introdução

Este capítulo é dedicado à exposição da metodologia utilizada no levantamento de parte dos dados considerados durante a pesquisa.

2.1 Experimento-piloto

Partindo da nossa hipótese acerca da possibilidade de se topicalizar um DP quantificado, realizamos um experimento-piloto com **quarenta e dois** alunos de graduação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e da Universidade de Brasília – UnB. O objetivo desse experimento inicial foi averiguar a aceitabilidade de tópicos quantificados por falantes nativos do PB, já que, *a priori*, nossa intuição nos levava a crer que tais construções eram possíveis.

O experimento consistiu de um questionário com **vinte** questões. Aos sujeitos que participaram desse experimento foi pedido que avaliassem a aceitabilidade de sentenças com:

- a) Tópico quantificado com restrição interna em situação livre de contexto.
- b) Quantificadores nus em posição de tópico em situações com e sem retomada de contexto.

Cópia desse experimento está anexada ao apêndice I desta dissertação.

2.2 Metodologia

A metodologia adotada na realização deste experimento foi a seguinte:

- (i) elaboração de um questionário;
- (ii) aplicação do questionário a uma classe de graduação da Universidade de Brasília – UnB e a uma classe de graduação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, todos falantes nativos do PB, mas oriundos de diferentes dialetos.
- (iii) Análise dos resultados obtidos.

Na Universidade de Brasília foram testados 26 alunos e na Universidade de Campinas 16, de ambos os sexos, com faixa etária entre 18 e 35 anos.

O questionário checava a aceitabilidade de sentenças como (1), em que temos um quantificador *nu* como resposta a pergunta em A e um quantificador *nu* modificado por um sintagma preposicionado, respectivamente.

- (1) A. O Pedro já devolveu os livros?
- B. Alguns, ele já devolveu.
- C. Alguns de morfologia, ele já devolveu.

O falante deveria julgar, ainda, se no PB um quantificador *nu* pode figurar em sentenças livres de contexto (*out of the blue*), como ilustrado em (2):

- (2) Muitas, o João enviou.

Além disso, sentenças com DPs quantificados com modificador interno, como orações relativas, foram testadas em situações livre de contexto, (cf. (3)).

(3) Vários alunos que eu conheço, o professor de semântica aprovará.

Inicialmente, objetivávamos averiguar o comportamento de 10 quantificadores em relação aos contextos acima descritos, entretanto, por uma razão de disponibilidade de tempo junto à turma de graduação da UNICAMP, somente foi possível testar cinco dos dez quantificadores pretendidos, quais sejam: *todo*, *algum*, *nenhum*, *muito* e *pouco*. Em Brasília, por sua vez, aplicamos o questionário completo, mas, por uma razão de unificação dos testes e resultados, apresentaremos aqui somente aqueles quantificadores que foram testados nas duas Universidades.

Por razões que serão discutidas nas seções 3.2.1.3 e 3.2.1.3.1, excluimos, também, da lista aqui apresentada, o quantificador *todo*. Esse quantificador toma como complemento diferentes constituintes, como um DP plural, um DP singular ou ainda um nome, o que desencadeia comportamentos distintos de outros quantificadores nos contextos considerados, influenciando, conseqüentemente, nos resultados dos testes.

2.3 Resultados

A partir das respostas obtidas por meio do questionário, realizamos um levantamento que originou as tabelas a seguir, que refletem o nível de aceitação de tais estruturas como outputs do PB.

No que se refere à topicalização de quantificadores nus em situações de retomada de contexto (pares de pergunta-resposta), verificamos que a maioria dos falantes testados consideram gramaticais sentenças com quantificador nu deslocados em situações com retomada de contexto. Tal aceitabilidade se dá com praticamente todos os quantificadores.

Figura 1: Topicalização de quantificadores nus em contexto pergunta-resposta – UNICAMP

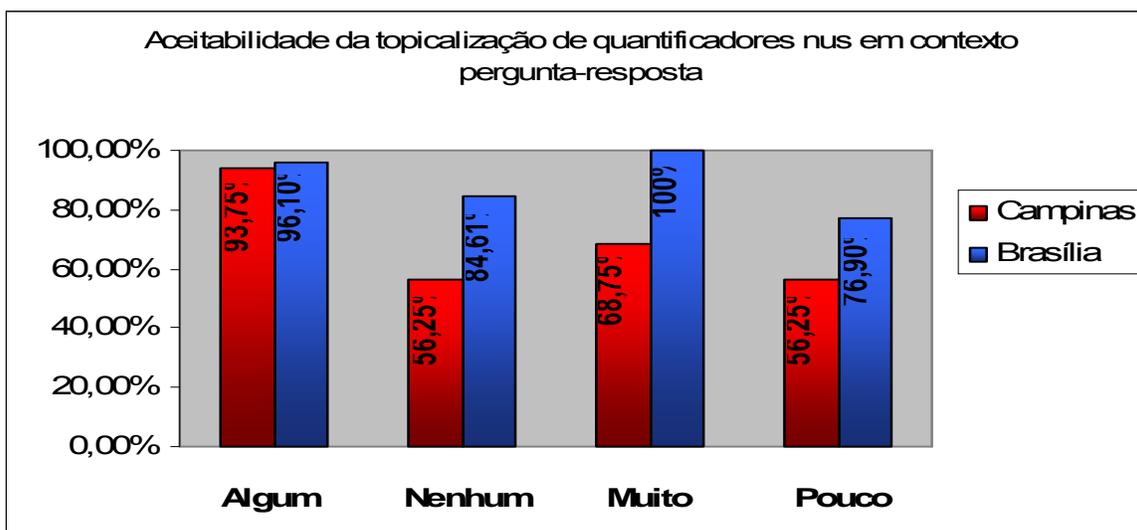
Topicalização de quantificador nu Contexto Pergunta-Resposta	Aceitável	Não Aceitável
Algum	93,75 %	6,25 %
Nenhum	56,25 %	43,75 %
Muito	68,75 %	18,75 %
Pouco	56,25 %	43,75 %

Figura 2: Topicalização de quantificadores nus em contexto pergunta-resposta – BRASÍLIA

Topicalização de quantificador nu Contexto Pergunta-Resposta	Aceitável	Não Aceitável
Algum	96,10 %	3,80 %
Nenhum	84,61 %	15,38 %
Muito	100 %	0 %
Pouco	76,90 %	23,10 %

Vejamos o gráfico comparativo dos resultados obtidos na UnB e na UNICAMP:

figura 3: Quantificadores nus deslocados em contexto pergunta-resposta: UNICAMP&UnB



Nota-se, assim, que tanto estudantes da UNICAMP como da UnB aceitam quantificadores nus deslocados em contextos de pergunta-resposta.¹¹

Por outro lado, em situações livres de contexto (*out of the blue*), este mesmo processo de topicalização com quantificadores nus não é tido como aceitável pelos falantes do PB.

Figura 4: Topicalização de quantificadores nus livres de contexto – UNICAMP

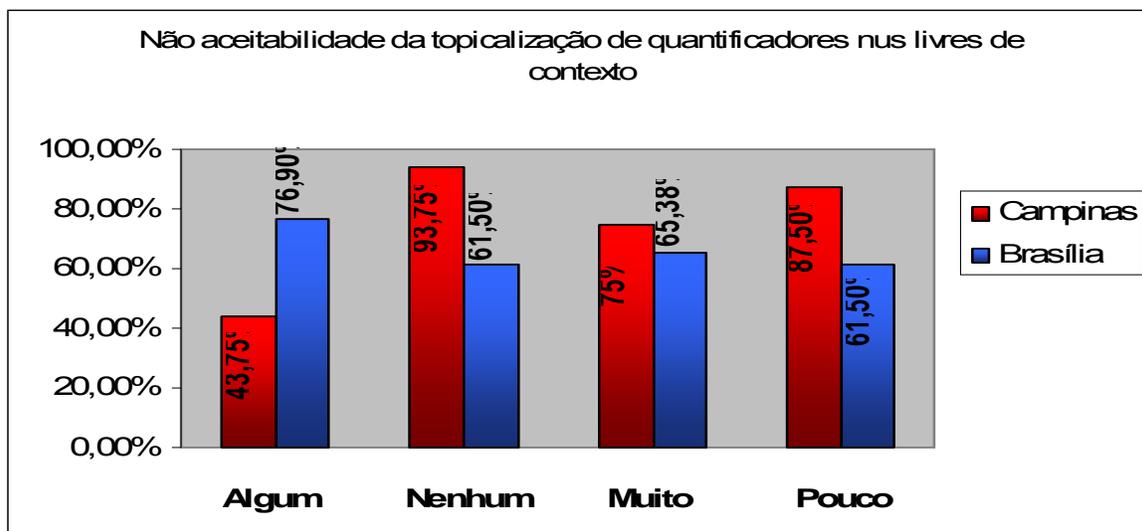
Topicalização de quantificador nu Livre de Contexto	Aceitável	Não Aceitável
Algum	56,25 %	43,75 %
nenhum	6,25 %	93,75 %
muito	25 %	75 %
pouco	12,50 %	87,50 %

¹¹ O gráfico 3 indica uma diferença entre os sujeitos da UNICAMP e da UnB. Os falantes da UnB parecem ter mais facilidade para aceitar certos quantificadores nus em posição deslocada. Não sabemos, exatamente, o porque dessa diferença.

Figura 5: Topicalização de quantificadores nus livres de contexto – UnB

Topicalização de quantificador nu Livre de Contexto	Aceitável	Não Aceitável
Algum	23,10 %	76,90 %
nenhum	38,40 %	61,50 %
muito	34,61 %	65,38 %
pouco	38,40 %	61,50 %

Figura 6: Quantificadores nus deslocados em situações livres de contexto



No que se refere aos DPs quantificados complexos, ou seja, com modificação interna explícita, independentemente da situação lingüística, os falantes julgaram ser possível topicalizá-los.

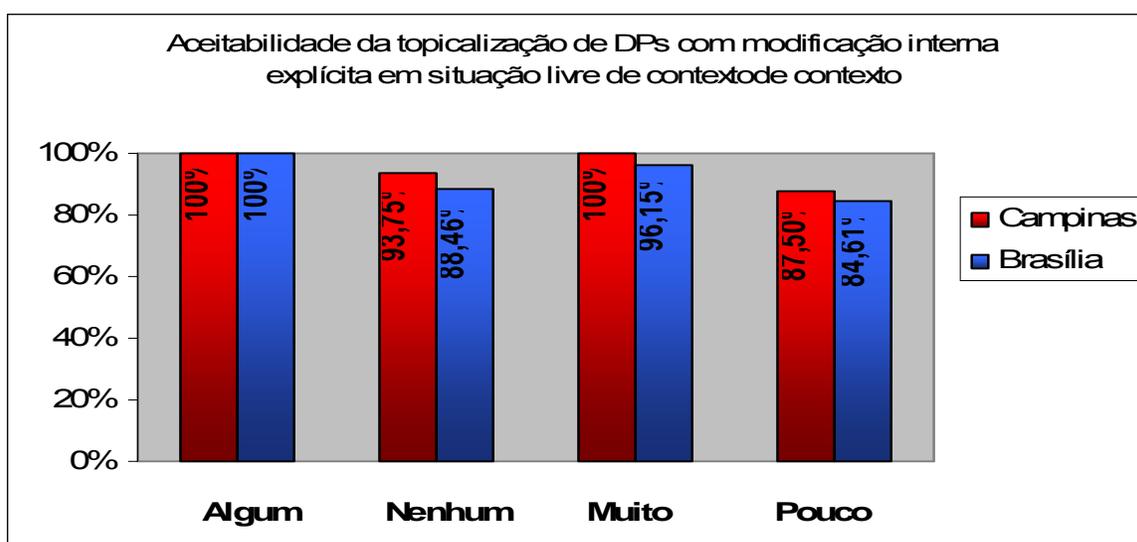
Figura 7: Topicalização de DPs quantificados com modificação– CAMPINAS

Topicalização de DP quantificado com modificação em sentenças livres de contexto	Aceitável	Não Aceitável
Algum	100 %	0 %
nenhum	93,75 %	6,25 %
muito	100 %	100 %
pouco	87,50 %	12,50 %

Figura 8: Topicalização de DPs quantificados com modificação– BRASÍLIA

Topicalização de DP quantificado com modificação em sentenças livres de contexto	Aceitável	Não Aceitável
Algum	100 %	0 %
nenhum	88,46 %	11,53 %
muito	96,15 %	3,80 %
pouco	84,61 %	15,38 %

Figura 9: Topicalização de DPs quantificados com modificação em situação livre de contexto



2.4 Problemas com o experimento-piloto realizado

O experimento realizado, por ser um experimento-piloto, apresentou alguns problemas de execução que nos impedem de apresentar seus resultados como conclusivos¹², quais sejam:

¹² As dificuldades apresentadas pelo experimento foram observadas pelo professor Maximiliano Guimarães em comunicação pessoal.

- a) Ordem
- b) Número de sentenças.
- c) Tipos
- d) Distratores
- e) Controle de tempo
- f) Sentenças-controle

Como já mencionado anteriormente, elaboramos um questionário que foi aplicado nas turmas de Graduação da Universidade Estadual de Campinas e na Universidade de Brasília.

Um dos problemas apresentados por este questionário refere-se à ordem em que as sentenças foram apresentadas ao falante. Como se pode verificar nos anexos desta dissertação, não houve uma mistura das sentenças em relação aos dez tipos de quantificadores, isto é, todas as construções com quantificador *todo*, por exemplo, foram apresentadas reunidas, ou seja, o ideal seria apresentar sentenças variadas com quantificadores variados, com o objetivo de não cansar, não viciar e também de impedir o falante de realizar comparações entre uma e outra estrutura com determinado tipo de quantificador e julgar não pela aceitabilidade da própria sentença, mas sim em comparação com as demais.

Outra questão a ser observada é o número de sentenças testadas. É preciso controlar melhor este aspecto, primando pela igualdade no número de sentenças para cada tipo de construção e para cada quantificador. Ao levantar esse tópico, já tocamos na questão dos tipos de estruturas testadas. Neste

sentido, o ideal seria testar sentenças da seguinte natureza¹³ e em mesma quantidade cada uma:

1. Quantificador nu
2. Quantificador + nome
3. Quantificador + nome + sintagma preposicionado
4. Quantificador + nome + oração relativa
5. Quantificador + sintagma preposicionado
6. Quantificador + oração relativa

Assim, cada quantificador deveria ser testado considerando pelo menos esses 6 tipos de construções. E como já mencionado, a apresentação das mesmas deveria ser aleatória.

Além das sentenças-alvo, outros itens de suma importância são os distratores e as sentenças controle. O ideal seria que os distratores e os controles compusessem quase que metade do teste, apresentados, também, de forma aleatória.

Finalmente, seria interessante controlar o tempo utilizado pelo falante para julgar cada questão, evitando assim que este disponha de tempo para fazer comparações entre as sentenças. Uma sugestão seria realizar este teste numa apresentação de *Power Point* em que o tempo que o falante dispõe para

¹³ Em relação aos tipos de construções testadas, o ideal seria incluir, também neste teste, sentenças com quantificador em posição de tópico com resumptivo e *weak crossover*, com o objetivo de averiguar a aceitabilidade destas construções pelos falantes do PB e, conseqüentemente corroborar os testes apresentados na seção 1.3.2.2 para diferenciar tópico e foco

responder já esteja estabelecido e cada sentença seja apresentada em slides separados para evitar comparações.

2.5 Conclusões parciais:

Neste capítulo, mostramos que, em relação ao nosso experimento-piloto, os falantes testados aceitam a topicalização de DPs quantificados com modificação, independentemente de contexto, isto é, em situação *out of the blue* ou em retomada de contexto. Por outro lado, em se tratando de quantificadores nus em posição de tópico, estes somente são aceitos em situação de retomada de contexto (e.g. contexto pergunta-resposta). Os resultados dos testes aqui apresentados corroboram as generalizações I e II apresentadas na seção 1.2. No entanto, esclarecemos que, para a comprovação das generalizações I e II por meio de um instrumento desta natureza, é necessária a realização de um experimento mais bem controlado, como discutido na seção 2.4.

Capítulo 3

Quantificadores Nus e Topicalização

3.0 Introdução

Neste capítulo, retomamos a generalização (II), propondo que as estruturas com quantificador nu topicalizado envolvem o apagamento de um NP partitivo complemento do quantificador (seções 3.1 e 3.2). No que se segue (seção 3.2), descrevemos as evidências que embasam a proposta de elisão de NP partitivo: a) Modificação explícita: tipo de material que pode ser lexicalizado dentro do DP quantificado em posição de tópico; b) Obediência à restrição de partitividade; c) Tipo de quantificador nu que pode aparecer na posição de tópico. Além disso, descrevemos as motivações para termos excluído o quantificador *todo* de nossa análise (seção 3.3).

3.1 A questão

Como já explicitado no capítulo 1, a generalização corrente na literatura é a de que tópicos apresentam uma restrição semântica que exige que estes sejam sempre definidos, não podendo ser quantificados. Observemos, assim, que dados como (1) são, de fato, excluídos do conjunto de sentenças geradas pelo PB e pelo Inglês, por exemplo:

- (1) a. *Alguns, o síndico convocou para a reunião.
b. *Some, Mary would like to go out with.

A restrição de definitude demonstrada pela posição de tópico é, claramente, ilustrada pelos dados em (1), que apresentam a topicalização de um DP quantificado, e torna-se ainda mais evidente quando os comparamos a (2), que têm como tópico um sintagma determinante referencial.

- (2) a. Estas crianças, a professora certamente aprovará.
b. These kids, the teacher will certainly approve.

Com base no contraste entre (1) e (2), é possível concluir que a restrição semântica que exige que o elemento ocupante da posição de tópico possua um traço [+definido] é uma restrição produtiva, ou seja, essa restrição tem sido capaz de dar conta de uma gama significativa de dados.

No entanto, ainda que nos possibilite justificar diversos dados translingüísticos, não está claro como, *a priori*, essa restrição nos permite explicar a existência de construções como (3B), já que sintagmas quantificados são tidos como expressões não- referenciais.

- (3) A: Você viu os alunos da lingüística na palestra do Damasceno?
B: Alguns/vários/parte/nenhum/muitos, eu vi.

O contraste entre os dados em (1) e os dados em (3) nos leva, portanto, à generalização II, introduzida no capítulo 1:

- (II) Quantificadores nus são licenciados em posição de tópico apenas quando há uma retomada de contexto (e.g., em contexto pergunta-resposta).

Dado que DPs quantificados não são DPs definidos, torna-se necessário reavaliar a restrição de definitude sobre a posição de tópico, com intuito de enfraquecê-la, ou ainda conceder aos DPs aqui estudados um traço [+definido]. Argumentaremos a favor da segunda posição, qual seja: os DPs alvo desta pesquisa possuem um traço [+definido]. Seguindo a análise defendida nessa dissertação, argumentamos que sentenças como (3B) possuem uma estrutura partitiva subjacente onde o DP quantificado contém um modificador restritivo interno. Ou seja, (3B) é subjacentemente como (4). É a presença desse modificador que confere ao quantificador o traço [+definido] (Cf. capítulo 4). Como argumentaremos nas próximas seções.

- (4) Alguns/vários/parte/nenhum/muitos dos alunos da lingüística, eu vi.

Portanto, a idéia principal defendida nesse capítulo é a de que a generalização II é um subcaso da generalização I (cf. capítulo I):

- (I) Um DP quantificado complexo, ou seja, com modificação interna, pode ser licenciado em posição de tópico.

Em situações de retomada de contexto, como em (3B), o DP contém apenas o quantificador porque ocorre um processo de elisão do NP partitivo. Esse processo é responsável pela transformação de (4) em (3B).

3.2 Elipses em estrutura partitiva

Dentro do arcabouço da gramática gerativa, a elipse costuma ser analisada de duas maneiras:

- a) Hipótese do apagamento (cf. Sag, 1976)
- b) Teoria da interpretação (cf. Williams, 1977)

Vejamos cada uma dessas propostas em face do exemplo em (5), no qual temos um sintagma verbal (VP – *verbal phrase*) vazio:

(5) A Gabi *tem um carro branco* e o João também

Seguindo uma análise de apagamento, a sentença em (5) seria gerada como em (6) com todo o VP realizado e após a aplicação da regra de apagamento teríamos (7):

(6) A Gabi *tem um carro branco* e o João também *tem um carro branco*.

(7) A Gabi tem um carro branco e o João também.

A regra de apagamento se dá porque o primeiro e o segundo VPs são, estruturalmente, idênticos, então esta regra é aplicada e o segundo VP é apagado. Tal identidade sintática permite a recuperação do constituinte elidido no nível interpretativo, ou seja, em Forma Lógica, garantindo, assim, a perfeita interpretação da sentença.

A teoria da interpretação afirma que uma sentença como (4) é gerada na base com uma categoria vazia ocupando a posição do segundo VP, sendo esta categoria interpretada mais tarde.

(8) A Gabi *tem um carro branco* e o João também [e].

Em nossa análise de quantificadores nus deslocados, adotaremos a primeira teoria para constituintes elididos, propondo, portanto, que sentenças como (3B), repetida aqui como (9), são estruturas em que o complemento do quantificador é um NP partitivo elidido.

(9) A: Você viu os alunos da lingüística na palestra do Damasceno?

B: Alguns/vários/parte/nenhum/muitos, eu vi. (= 3B)

Seguindo a análise de Jackendoff (1977) e Sauerland & Yatsushiro (2004) para partitivos, propomos que (3B), por exemplo, tem a estrutura em (10), na qual ocorre elisão de NP.

(10) [S [TopP [DP *Quant.* [_{NP} ~~alunos~~ [_{PP} ~~dos alunos de Lingüística~~]]] [Top' eu vi]]]

Essa análise sugere que um quantificador nu em posição de tópico possui uma estrutura subjacente contendo um modificador restritivo – a estrutura partitiva - o qual, como analisaremos no capítulo 4, confere ao quantificador o traço [+definido].

Estamos pressupondo que estruturas como (3B) envolvem um processo de elisão, com apagamento no componente PF, o qual elimina a parte da estrutura que contém a informação dada (cf. Chomsky 1995 & Merchant 2001, 2004). O termo *informação dada* é aqui entendido como sinônimo de informação que pode ser recuperada via processos sintáticos anafóricos ou via contextos discursivos (Cf. Halliday 1967). Assim, em (4), repetido aqui como (11), por exemplo, a informação dada é aquela contida dentro do NP partitivo - *alunos de lingüística*.¹⁴

(11) Alguns/vários/parte/nenhum/muitos dos alunos da lingüística, eu vi.

Como nos mostra o dado em (12), o processo de apagamento dentro do DP quantificado pode, na verdade, ser um processo de subapagamento que elimina apenas o nome.

(12) A: Você comprou as verduras (que eu coloquei na lista)?

B: Sim, algumas/várias/parte/nenhuma/muitas das que você colocou na lista, eu comprei.

¹⁴ Não discutiremos aqui a mecânica do processo de elisão. Para uma possível formalização deste processo, ver Merchant (2001, 2004), que sugere que constituintes contendo informação redundante são marcados com um traço E (*E* de *E-giveness*) que engatilha o processo de apagamento em PF.

C: Sim, algumas/várias/*parte/nenhuma/muitas verduras das que você colocou na lista, eu comprei.

D: Sim, algumas/várias/parte/nenhuma/muitas das verduras que você colocou na lista, eu comprei.

Consideramos que estes correspondem a casos de pseudolacuna (*pseudogapping* – Lasnik, 1995), em que apenas o núcleo de uma projeção sofre apagamento. Outra possibilidade é considerar que o que está sendo apagado em (12B) é um NP (*verduras*). Já em (11), ocorre apagamento de uma categoria maior. Na seção 4.4 do capítulo 4, argumentaremos que casos de elipse de N é, na verdade, elipse de um sintagma. No entanto, para evitar volume excessivo de informação, apresentamos aqui uma análise simplificada, com apagamento apenas de N. Assim, (12B), (12C) e (12D) resultam dos seguintes possíveis processos de apagamento, respectivamente:

- (13) a. [S [TOPP[DP *Quant* [NP [N *verduras*]]PP *das* [NP [N *verduras*]]RC *que você colocou na lista*]]] [TOP' ...]]
b. [S [TOPP[DP *Quant* [NP [N *verduras*]]PP *das* [NP [N *verduras*]]RC *que você colocou na lista*]]] [TOP' ...]]
c. [S [TOPP[DP *Quant* [NP [N *verduras*]]PP *das* [NP [N *verduras*]]RC *que você colocou na lista*]]] [TOP' ...]]

(13a) ilustra a possibilidade de apagamento das duas ocorrências de NP, que nos daria a estrutura superficial em (12B). Em (13b) verificamos o apagamento apenas do segundo NP, estrutura subjacente referente a (12C). E, finalmente, (13c) apresenta o apagamento somente do primeiro NP que tem como estrutura superficial (12D).

No que se segue, apresentamos várias evidências de que quantificadores nus em posição de tópico resultam de um processo de elisão dentro do DP.

3.2.1 Evidências para uma estrutura partitiva de quantificadores nus topicalizados

As evidências que motivam uma análise de elipse de NP partitivo para quantificadores nus em posição de tópico são as seguintes:

- 1) Modificação explícita: o tipo de material que pode ser lexicalizado dentro do DP quantificado em posição de tópico.
- 2) Obediência à restrição de partitividade.
- 3) Tipo de quantificador nu que pode aparecer na posição de tópico.

3.2.1.1 Modificação explícita

Podemos observar em (14) que, além de (14B), existem três respostas possíveis para a pergunta em (14A). (14C), (14D) e (14E) são respostas aceitáveis para a pergunta em (14A) e em todas elas presenciamos a ocorrência de um NP partitivo na posição de complemento do quantificador, o que nos leva a concluir que, possivelmente, (14B), (14C), (14D) e (14E) têm a mesma estrutura subjacente. (14F), ao contrário, não é uma resposta adequada para a pergunta em (14A). A falta de uma estrutura partitiva dentro do DP topicalizado impede que se faça referência ao mesmo conjunto de entidades que o DP em (14A).

- (14) A: Você já assistiu os meus filmes?
- B: Muitos/vários/alguns/parte/nenhum, eu assisti.
- C: Muitos/vários/alguns/parte/nenhum dos seus, eu assisti.
- D: Muitos/vários/alguns/parte/nenhum dos seus filmes, eu assisti.
- E: Muitos/vários/alguns/nenhum(*parte) filme dos seus filmes, eu assisti.
- F: #Muitos/vários/alguns/nenhum(*parte) filme(s), eu assisti.

Para alguns falantes, (14F) é aceitável como resposta à pergunta em (14A), embora seja um pouco estranha. Acreditamos que isso advém do fato de elipses exigirem *focus-closure* ou “semântica alternativa”, forçando que a parte elidida tome como referente o mesmo do antecedente ou algo que a semântica do referente implique (cf. Rooth 1992, Merchant 2001). Em (14A) o XP *meus filmes* implica *filmes*. Portanto, em (14F), é possível retomar somente *filmes* dentro de um contexto pragmático correto, como por exemplo, se o falante em (14F) estiver evitando falar especificamente sobre os filmes de (14A), ou ainda se ele/ela quiser comentar que é especialista em filmes.

É importante observar que o quantificador *parte* exige como complemento um NP partitivo. Observe, por exemplo, a impossibilidade de este quantificador selecionar apenas um N como em (14E). O fato de esse quantificador poder aparecer nu em posição de tópico (cf.14B), corrobora, portanto, a estrutura em (10).

Os dados em (14) podem ser transpostos para o Inglês, como vemos em (15), o que sugere que a análise em (10) tem validade translingüística, ou seja, em

outras gramáticas, quantificadores nus topicalizados também resultam do apagamento de um NP partitivo.

- (15) A: Did you eat my bananas?
B: Some, I ate.
C: Some of them, I ate.
D: ??Some bananas, I ate.

Processo semelhante ao do PB ocorre também no Inglês, (15D) é uma sentença possível de ser produzida, mas pelas mesmas razões já discutidas em relação a (14F) no PB, o DP *some bananas* não consegue fazer referência ao mesmo conjunto denotado pelo DP da pergunta em (15A).

Em Espanhol ocorre um processo similar, com a seguinte diferença: nesta língua não parece ser possível realizar topicalização de quantificador nu, mas apenas deslocamento à esquerda, observe-se (16B) e (16C). Em (16C) a agramaticalidade da sentença se deve ao fato de não ser possível fazer referência ao mesmo conjunto de entidades denotado pelo DP em (16A), podendo se referindo a qualquer artigo de física, exatamente como acontece em (14F) no PB. Desta forma, a topicalização do quantificador nu só pode ser realizada mediante o redobro do clítico, que é o elemento responsável por permitir que se faça referência ao mesmo DP da pergunta. Note, entretanto, que, havendo uma

estrutura partitiva lexicalizada, a presença do clítico é opcional¹⁵, (cf. (16D) e (16E)):

- (16) A: Fidel leyó los artículos de física?
B: Algunos, Fidel los leyó ayer.
C: ??Algunos, Fidel leyó ayer.
D: Algunos de ellos, Fidel (los) leyó ayer.
E: Algunos de los artículos, Fidel (los) leyó ayer.

3.2.1.2 Restrição de Partitividade

A restrição de partitividade – *partitive constraint* – formulada por Jackendoff (1977) e também discutida por de Hoop (1998) afirma que o sintagma nominal que segue a preposição partitiva precisa ser definido. Observe, por exemplo, (17). Em (17a) os determinantes definidos *these*, *the* e *my* introduzem o sintagma que segue a preposição gerando uma sentença gramatical. Por outro lado, em (17b) e (17c) os determinantes indefinidos *all*, *most*, *some* e *three* impedem que o sintagma ocorra logo após a proposição partitiva *de*

- (17) a. One of these/ the/ my/ books.
b. *One of all/ most/ books.
c. *One of some/ three/ no books.

¹⁵ Cabe ressaltar que estruturas como (16B) são, realmente, casos de tópico, pois movimento para posição de foco não permite redobro de clítico (cf. Rizzi 1997).

Essa restrição também parece se aplicar à estrutura subjacente ao quantificador nu topicalizado. Como nos mostram os dados em (18), o DP topicalizado nessas circunstâncias não pode ter como antecedente um NP indefinido.

- (18) A: Você já leu livros sobre lingüística?
B: *Muitos/vários/alguns/parte/nenhum, eu já li.

Isso se dá porque o quantificador em (18) tem como complemento um NP partitivo, que não pode ter um NP indefinido seguindo a preposição. Isto é, logo após a preposição partitiva *de* temos o sintagma *livros sobre lingüística*, que é indefinido:

- (19) [_S [_{TOPP} [_{DP} *Quant.* *~~[NP livros [PP de livros [PP sobre lingüística]]]~~ [_{TOP} eu já li]]]

3.2.1.3 **Tipo de quantificador nu que pode ser topicalizado**

Em Inglês, quantificadores como *no* e *every* não podem aparecer nus, pois são determinantes transitivos e, por isso, exigem um NP na posição de complemento (Cf. de Hoop 1997, 1998). Portanto, não podem aparecer em respostas como (20B):

- (20) A: Did you read all these books?
B: *Every/no, I read.

Isto é, esses são determinantes que não licenciam apagamento de NP, como se verifica em (21) em que, mesmo sob a presença de um antecedente estruturalmente idêntico, o apagamento de seu complemento não é licenciado:

(21) *Sue read all these books, but John didn't read every/no ~~books~~.

Portanto, não ocorrem em estruturas partitivas que sofreram elisão:

(22) a. John read every/no ~~books of the books~~.

b. John read every/no ~~books~~ of the books

Este fenômeno também pode ser observado em Português com o quantificador *todo*. Assim como no Inglês, a elipse de seu complemento não é licenciada.

(23) *Eu não vejo filme que passa na Globo, mas o Gleiser vê todo ~~filme que passa na Globo~~.

(24) *O Gleiser vê todo ~~filme~~ dos filmes da Globo.

(25) A: Você vê todo filme da Globo?

B: *Todo, eu vejo

Tendo em vista essas observações, concluímos que (25B) é agramatical devido ao processo de elisão do NP partitivo que é complemento do quantificador *todo*, o qual não permite apagamento de seu complemento.

3.3 Tipos de DPs encabeçados por *Todo*

Gomes (2004) defende a existência de um só *todo* no PB, isto é, apenas uma entrada lexical para o quantificador *todo*. O que se diferencia, na realidade, são os tipos de sintagmas quantificados nominais introduzidos por este quantificador.

Há, segundo Gomes, três sintagmas quantificados compostos por *todo* no PB: “todo + um nome nu sem número” (“todo homem”), que denota pluralidade, e a que Gomes denomina *TN*; e, ainda, os sintagmas cuja restrição é introduzida por determinantes. Um dos dois sintagmas com restrição determinada, o *TDPs* (*Todo* + *DP singular*) apresenta a forma “todo + uma descrição definida singular” (“todo o Brasil”); o outro apresenta a forma “todo + uma descrição definida plural” (“todos os alunos”), em que há um indivíduo plural (o grupo específico) com seus átomos constituintes (cada aluno desse grupo), e a que a autora denomina *TDPp* (*todo* + *DP plural*). Em resumo, o quantificador *todo* pode compor os seguintes sintagmas:

1. *Todo* + N
2. *Todo* + *DP singular*
3. *Todo* + *DP plural*

A nossa análise não está considerando os DPs introduzidos pelo quantificador *todo* seguido de uma descrição definida – Todo + DP singular e Todo + DP plural – isto é, DPs definidos com adjunção do *todo*, como por exemplo (26) e (27):

(26) Todo o patrimônio do João. (Todo + DP singular)

(27) Todos os livros do João. (Todo + DP plural)

Parece-nos que a possibilidade ou não de topicalização desses DPs não está relacionada ao quantificador que encabeça o DP, ou seja, ao quantificador *todo*, mas sim, ao tipo de sintagma quantificado nominal que este introduz. Esses DPs parecem poder ser topicalizados, como verificamos em (28):

(28) Todas as alunas, eu aprovaria.

Comportamento distinto ocorre com o quantificado *todo + nome*, fato que nos levou a considerar apenas estes casos envolvendo o quantificador *todo*:

(29) ??Todo aluno, eu aprovaria.

Além disso, o dado em (30), envolvendo efeito de definitude, sugere que o traço de definitude desses DPs depende do determinante e não do quantificador:

(30) Tem toda *a/uma vizinhança hippie em Praga

Gomes argumenta ainda que os sintagmas quantificacionais introduzidos por *todo* com estatuto de projeção máxima (DP), como é o caso do *todo* seguido de um DP, têm livre distribuição na sentença. Eles podem ocupar posições argumentais, como as de sujeito sentencial, complemento verbal e complemento nominal. Mas os sintagmas quantificacionais introduzidos por *todo* com estatuto de projeção intermediária (NP) – *todo* + N - não podem ocupar posições argumentais na sentença, (Cf. (31)):

- (31) a. Eu voltei, graças a [todos os meus amigos/ *todo amigo].
- b. A Campanha Salarial 2004 exigiu a mobilização [de toda a cúpula/ *toda cúpula].
- c. Ela faz questão de estar a par de [todas as tendências/ *toda tendência].

Segundo Gomes, falta ao *todo* + N ancoragem dêitica, ausente em NPs, mas presente em DPs. Entretanto, se a ancoragem, ausente pelo fato de *todo* + N não ter determinantes, for suprida por outra fonte, o *todo* + N será promovido de projeção intermediária a projeção máxima e se tornará um argumento completo. É o que ocorre quando *todo* + N sofre uma modificação, passando a ser licenciado em sentenças episódicas.

Negrão (1999) observa que uma restrição torna sentenças com DPs quantificados em posições que não a de sujeito completamente gramaticais. Podemos verificar por meio do contraste das sentenças (32a) e (32b) e (33a) e

(33b) que *todo + N* não pode ocorrer em sentenças episódicas a menos que sofra modificação.

- (32) a. *?Alguns textos foram lidos por todo aluno.
b. Alguns textos foram lidos por todo aluno matriculado no curso.
- (33) a. *?Um homem foi amado por toda mulher.
b. Um homem foi amado por toda mulher que morou nesta cidade.

Os dados de Negrão (1999) ilustram a possibilidade de uma restrição licenciar DPs quantificados em posições em que estes não poderiam ocorrer inicialmente. Isso nos mostra que o papel da restrição no licenciamento de DPs quantificados não se restringe à posição de tópico.

A possibilidade de somente *Todo + DP singular* e *Todo + DP plural* poderem ocorrer em posições argumentais é uma evidência de que o tipo de sintagma selecionado pelo quantificador é o responsável pelo caráter de definitude do DP, já que o quantificador *todo*, segundo Gomes (2004), em qualquer dos três sintagmas quantificados por ele introduzidos, conduz à denotação cumulativa, à marcação de grau e à de escalas. *Todo* faz a mesma operação básica de quantificação em qualquer um dos três sintagmas quantificados por ele introduzidos: acumular e distribuir.

3.3 Conclusões parciais

Neste capítulo, mostramos que quantificadores nus são licenciados em posição de tópico apenas quando há retomada de contexto (e.g. contexto pergunta–resposta), argumentando que nestas estruturas o complemento do quantificador é um partitivo NP elidido, constatando, portanto, que estes são DPs quantificados com modificação implícita e, por isso, são licenciados em posição de tópico. Discutimos, em seguida, as evidências que nos levam a propor que estas construções envolvem apagamento de uma estrutura partitiva. Por fim, esclarecemos os motivos que nos levaram a excluir o quantificador *todo* de nossas análises.

Capítulo 4

A Estrutura Interna de DPs Quantificados com

Modificação

4.0 Introdução

Neste capítulo, buscamos explicar sintática e semanticamente a generalização (I). Mostramos que DPs quantificados contendo um modificador interno explícito ou implícito podem ocorrer em posição de tópico porque possuem um traço [+definido] (seção 4.1). Argumentamos que este traço de definitude é construído localmente por meio de um processo de concatenação do determinante com o modificador - seu complemento (seção 4.1.3). Apresentamos algumas evidências em favor de uma análise em que determinante e modificador formam um constituinte em detrimento do nome e, também em favor do paralelismo entre verbos e determinantes: a) expressões idiomáticas (seção 4.1.4.1); b) nomes que selecionam um complemento (seção 4.1.4.3). Na seqüência, mostramos algumas evidências para propormos uma mudança no traço de definitude por meio da restrição e, ainda, para a semelhança no comportamento de verbos e determinantes: a) mudança de aspecto de verbos (seção 4.2); b) NPs nus no crioulo caboverdiano (4.2.1). Retomamos, ainda, a discussão sobre a estrutura dos quantificadores nus, mostrando que nestes casos a elisão incide sobre um DP e não sobre um NP, como proposto no capítulo 3 (seção 4.3). Por fim, explicitamos que uma proposta como a sugerida em 4.1.3 é compatível, inclusive, com uma análise de alçamento, como a de Kayne (1993) (seção 4.4).

4.1 Topicalização de DPs quantificados com modificadores restritivos.

O contraste de aceitabilidade entre (1a), (1b) e (1c) , como já mencionado em capítulos anteriores deste trabalho, sugere que a oração relativa, bem como um sintagma preposicionado, desempenha um papel importante no licenciamento de DPs quantificados na posição de tópico:

- (1) a. *Nenhum rapaz, a Silvia namoraria.
- b. Nenhum rapaz de Tiros, a Silvia namoraria.
- c. Nenhum rapaz que eu conheço, a Silvia namoraria.

Com base neste contraste, formulamos a seguinte generalização (seção 1.2)

- (I) Um DP quantificado complexo, ou seja, com modificação interna, pode ser licenciado em posição de tópico independentemente da situação lingüística, podendo ocorrer em situação com ou sem retomada de contexto

Pressupondo que apenas DPs definidos podem ser topicalizados (cf. seção 1.4) , (1b) e (1c) deveriam, assim como (1a), ser sentenças agramaticais, mas não o são. Este contraste indica que DPs encabeçados por um quantificador e contendo um modificador restritivo são definidos.

A natureza [+definida] desses DPs pode ser apreciada também em (2). Como discutimos no capítulo 3, apenas determinantes definidos podem ocorrer após a preposição *de* dentro de expressões nominais partitivas. Assim, o par em (2) nos mostra que determinantes quantificados se tornam definidos quando seguidos de modificador restritivo:

- (2) a. ?? Três de poucos/vários/alguns livros.
b. Três de poucos/vários/alguns/ livros que você leu.

Outra evidência em favor de se postular que estes DPs são definidos advém das construções existenciais. Somente DPs indefinidos podem ocorrer na coda de construções existências (cf. Milsark, 1977). Portanto, constatamos novamente que DPs quantificados com modificação interna são definidos.

- (3) a. Na livraria do aeroporto há poucos/vários/alguns livros.
b. ??Na livraria do aeroporto há muitos/vários/alguns livros que você editou/ dos que você editou.¹⁶

O cerne da discussão elaborada neste capítulo é compreender como um modificador nominal pode interferir na definitude de um determinante, buscando assim, uma explicação para a generalização I.

¹⁶ (3b) é uma sentença aceitável com leitura de foco em vários de seus constituintes, como por exemplo no quantificador.

A nossa pergunta é: se definitude é um traço específico do determinante, então como explicar que um modificador nominal possa interferir no valor desse traço, tendo em vista que o significado do todo é composto pelo significado das partes de maneira local, tal como proposto por Frege no Princípio de Composicionalidade (cf. Heim & Kratzer, 1998)

Assim, buscamos entender como um constituinte que está estruturalmente muito baixo, como é o caso das orações relativas, pode influenciar o traço de definitude de um determinante que ocupa uma posição extremamente alta na estrutura.

Com base em Larson (1991, 2004), propomos que a estrutura interna subjacente a esses DPs quantificados envolve um processo derivacional em que o determinante se concatena, primeiramente, com a expressão restritora do DP, movendo-se, posteriormente, para uma posição de núcleo mais alta. E é esse processo de concatenação do determinante com seu restritor que determina composicionalmente o caráter referencial do DP quantificado.

4.1.1 Concha verbal Larsoniana

Larson (1988) propõe a Teoria da Projeção Argumental, que inclui as regras de reescrita em (4) e os princípios em (5) e (6):

- (4) a. $XP \rightarrow YP X'$
b. $X' \rightarrow X ZP$

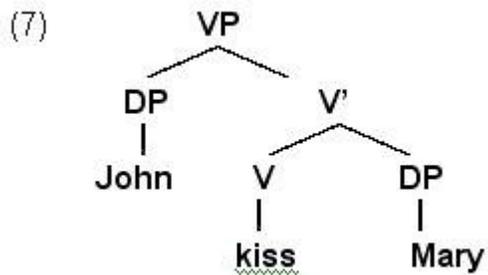
(5) Se β é um argumento de α , então β deve ser realizado dentro de uma projeção de α .

(6) Os papéis determinados por predicados são projetados segundo a seguinte hierarquia temática:

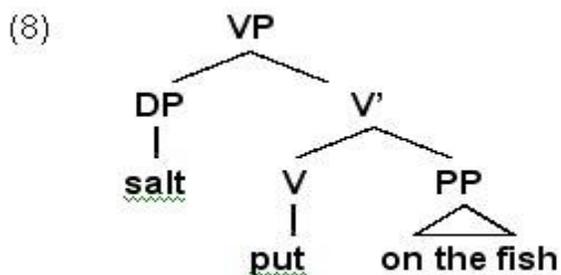
AGENTE > TEMA > ALVO > OBLÍQUO (modo, lugar, tempo, etc), em que se $\theta_1 > \theta_2$, então o argumento que é marcado por θ_1 c-comanda o argumento que é marcado por θ_2 .

Em (4), Larson apresenta uma versão restrita da teoria X-barra, incorporando a Hipótese do Complemento Único – *Single Complement Hypothesis* – segundo a qual projeções máximas são limitadas a possuir um único especificador e um único complemento por frase. (5) e (6) apresentam princípios para a realização dos argumentos frente à seleção de seu núcleo, especificando a localização de seus argumentos e sua organização hierárquica.

Para ilustrar o funcionamento destes princípios dentro do VP, Larson descreve o comportamento do verbo *kiss do inglês*, que atribui um papel temático de agente e outro de tema, tal como definido em (5) e (6), gerando um VP encabeçado por esse verbo, como em (7). Esta estrutura obedece à teoria x-barra restrita acima apresentada e, além disso, todos os argumentos de V estão dentro da projeção de V. E finalmente, o argumento marcado com o papel de agente está projetado em uma posição que o possibilita c-comandar o argumento marcado com o papel de tema, em concordância com o princípio em (6) e, conseqüentemente, com o fato de que θ^0 AGENTE > θ^0 TEMA:

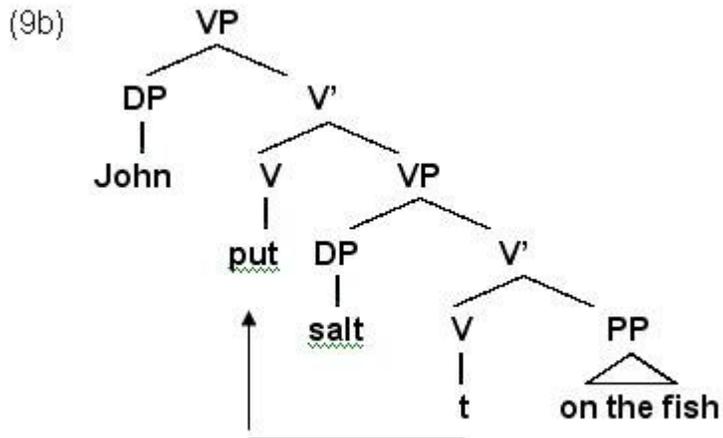
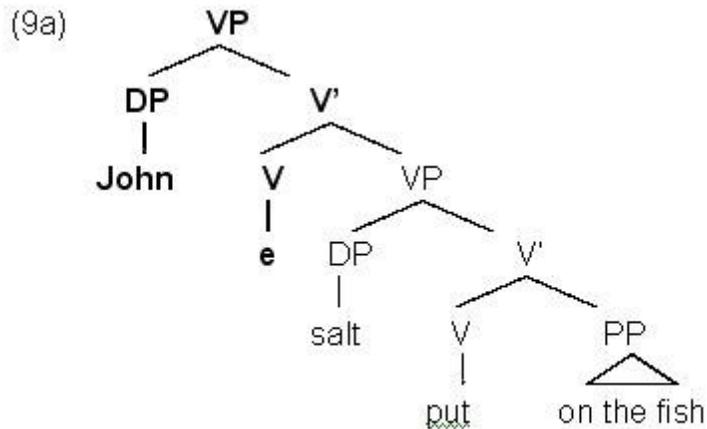


Verbos bitransitivos como *put*, que marcam agente, tema e locativo são casos mais complicados, segundo Larson. Assumindo a hierarquia ${}^{\theta}$ AGENTE > ${}^{\theta}$ TEMA > ${}^{\theta}$ LOCATIVO, projeta-se, inicialmente, um VP mínimo, como em (8), contendo os argumentos correspondentes ao ${}^{\theta}$ TEMA e ${}^{\theta}$ OBLÍQUO, pois a Teoria X-barra em (4) só permite que dois argumentos sejam projetados dentro de uma única projeção de V.



Esta estrutura deixa de fora a marcação de ${}^{\theta}$ AGENTE, além de não disponibilizar uma posição para este argumento. Estas circunstâncias, de acordo com a proposta de Larson (1988), licenciam o denominado *VP Shell*, como ilustrado em (9a), que contém um especificador mais alto reservado para acomodar o agente e uma posição de núcleo verbal vazia. A ordem encontrada

em estrutura superficial deriva do movimento do verbo para a posição de núcleo verbal vazia (cf.(9b)):



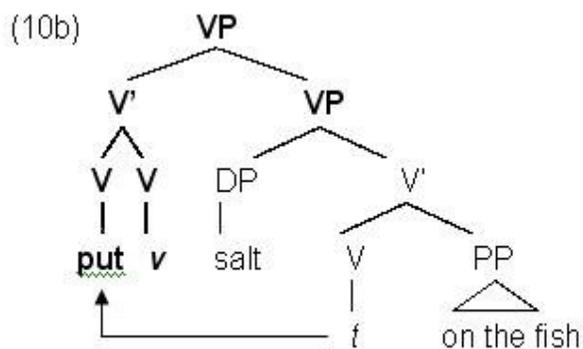
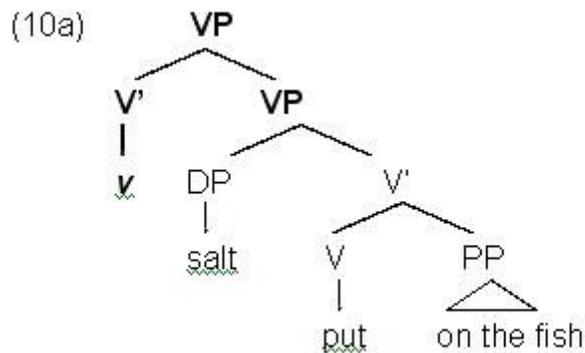
No entanto, Larson (2004) argumenta que, com a eliminação da Teoria X-barragem em Chomsky (1994), as regras propostas em (4a) e (4b) não estão mais disponíveis para forçar a projeção do *VP Shell* com núcleos vazios. Assim, Larson

(2004) discute se, dentro de um novo modelo, é possível derivar estruturas deste tipo ou se elas são insustentáveis.

Larson (2004) propõe, então, uma análise baseada nos seguintes princípios:

- a) Especificadores múltiplos são proibidos (Kayne, 1993)
- b) O Inglês possui um verbo leve *v* (Chomsky, 1995)

Segundo Larson, este verbo leve não tem papel temático, mas pode absorvê-lo de um núcleo adjungido, tal como em (10b).

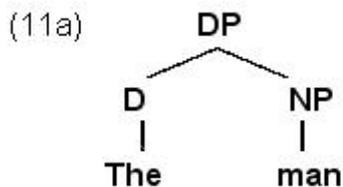


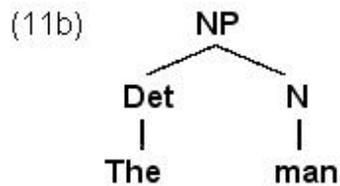
O verbo leve em (10b) absorve o papel teta de agente do verbo *put*.

4.1.2 *Concha nominal Larsoniana*

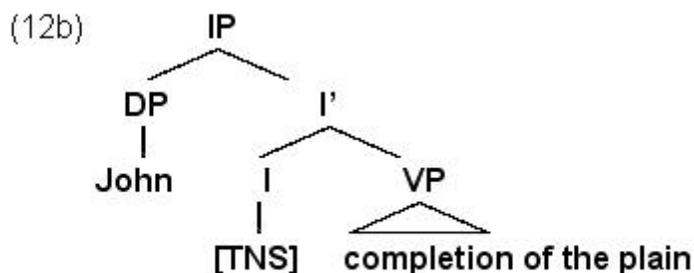
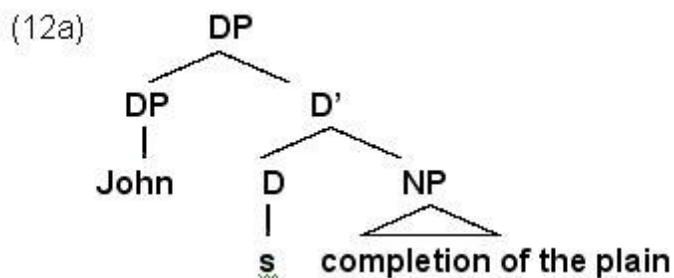
Larson (1991) argumenta que os determinantes possuem propriedades lexicais e estrutura argumental muito próximas às apresentadas por outros predicados.

Segundo Larson, numa visão relacional dos determinantes, (RVD – *relational view of determiners*), o Determinante é tratado como um predicado que seleciona seu nome irmão da mesma maneira que um verbo transitivo seleciona um objeto, assim, determinantes expressam relações entre predicados. Esta análise semântica parece estar de acordo com a teoria proposta por Abney (1987) e Fukui & Speas (1986), em que o D é um núcleo que toma seus nomes como complementos como (11a). E, segundo Larson (1991), uma visão relacional, parece se ajustar melhor com a análise DP que uma visão tradicional NP, como em (11b), que não expressa seleção entre D e N.





Abney (1987) classifica o D como uma categoria funcional e toma o determinante como sendo a contrapartida nominal da Flexão sentencial. Mas, Larson (1991) argumenta que, esta análise é insustentável dentro de uma proposta relacional, primeiro porque esta visão não concebe Ds como sendo semanticamente vazios, antes, eles expressam relações de quantificação entre conjuntos. Neste sentido, D não é análogo a I dentro de uma análise relacional, aproximando-se mais de um predicado. Pois, dentro da RVD, o determinante tem um argumento externo (X) que corresponde ao predicado verbal, mas isto não é refletido em uma estrutura como (12a) proposta por Abney em analogia a (12b). Segundo Larson, a semântica dos determinantes pode receber uma classificação natural desses elementos em monádico, diádico e triádico, assim como ocorre com verbos. Determinantes básicos como (*every, some, the, etc.*) correspondem a predicados diádicos; pronomes (*she, him, they, etc.*) correspondem aos predicados monádicos; e Determinantes complexos como *more-than* e *every-except* correspondem aos predicados triádicos.



Desta forma, de acordo com Larson, a correspondência que deve ser feita é entre D e V.

Larson estende sua teoria de *VP Shell* aos DPs, que acredita ser mais compatível com uma análise relacional dos determinantes. O autor argumenta que há uma hierarquia de papéis temáticos referente ao D que é paralela, mas distinta, da hierarquia encontrada em V. Canonicamente, verbos descrevem eventos e noções como agente, tema e alvo que exprimem os papéis semânticos e funcionais que os argumentos do verbo representam nestes eventos. Em analogia, pode-se observar, segundo o autor, que os determinantes expressam quantificação, e que noções como restrição e escopo representam os dois principais papéis semânticos e funcionais que um conjunto de argumentos

representam na quantificação. Assim, os argumentos de D expressariam a seguinte hierarquia:

V: θ AGENTE > θ TEMA > θ ALVO > θ OBLÍQUO

D: θ ESCOPO > θ RESTRITOR > θ OBLÍQUO

Os princípios de localidade e hierarquia são os mesmos observados em relação às estruturas verbais, isto é:

(13) ESCOPO > RESTRITOR > OBLÍQUO em que se $\theta_1 > \theta_2$, então o argumento que é marcado por θ_1 c-comanda o argumento que é marcado por θ_2 .

Assim, o argumento marcado como escopo é projetado no Spec do DP e o argumento marcado como restritor é projetado em uma posição mais baixa dentro do D'.

Em relação ao escopo, a idéia de Larson é a de que este argumento nunca seja de fato um predicado aberto na sentença, ao contrário, o escopo seria um elemento *pro* independente e inaudível licenciado por D e projetado em Spec de DP, dentro da hierarquia θ ESCOPO > θ RESTRITOR. Larson sugere ainda que o valor semântico deste *pro* é determinado configuracionalmente no nível da LF. Especificamente, *pro* tem seu valor determinado por meio do cálculo composicional do significado do predicado que é estruturalmente irmão do DP em LF.

Larson argumenta que vários são os paralelos que podem ser traçados entre as projeções do DP e do VP. As noções de transitividade e intransitividade são umas das que podem ser estendidas ao DP. Há, portanto, assim como no VP, determinantes diádicos, monádicos e triádicos como já explicitado anteriormente e exemplificado em (14)

- (14) a. [DP Pro [D' **the** man]] "D diádico/transitivo"
 θ ESCOPO θ RESTRITOR
- b. [DP Pro [D' **he**]] "D monádico/intransitivo"
 θ ESCOPO

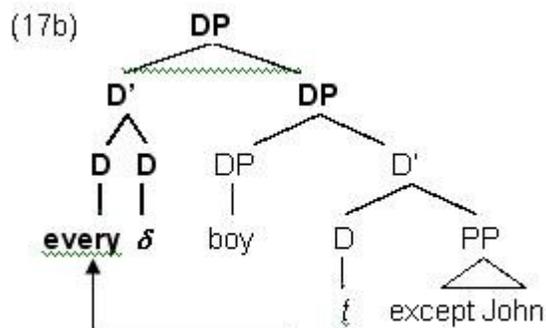
Observe que em uma estrutura como (14b), os pronomes são concebidos como determinantes inergativos. A partir disso, pode-se esperar um paralelismo entre determinantes inergativos e verbos inergativos. Como podemos observar em (15), verbos inergativos licenciam objetos cognatos, assim como pronomes podem licenciar reflexivos enfáticos, que servem para marcar ênfase ou intensidade. (cf.(16)).

- (15) a. [VP laughed [**a laugh**]] objetos cognatos
b. [VP coughed [**a coughed**]]
c. [VP smiled [**a smile**]]

- (16) a. [DP he [NP **himself**]] reflexivos enfáticos
b. [DP she [NP **herself**]]
c. [DP they [NP **themselves**]]

Em relação aos determinantes triádicos, Larson (1991) esclarece que, assim como ocorre com o argumento externo de verbos como *put*, sentenças como *Every boy except John* deixa de fora a marcação teta de escopo e também não dispõe de uma posição para este argumento. Em analogia ao VP, estas condições licenciam o *DP Shell*, que contém um especificador mais alto para abrigar o argumento marcado como escopo e uma posição de núcleo D vazia. A estrutura que se obtém na superfície se dá pelo movimento do determinante *every* para a posição de núcleo vazia.

Por questões relativas ao fim da teoria X-barras, já discutidas na seção anterior, Larson (2004) assume que, igualmente ao VP, no Inglês há um Determinante δ (leve), ou melhor, todas as categorias possuem um núcleo δ . Além disso, os sintagmas preposicionados como *than/as/except* são marcados como argumentos oblíquos de D, isto é, são os argumentos denominados por Larson de ⁰NOBLIQUE – oblíquo nominal. Neste sentido, um constituinte como *Every boy except John* tem a estrutura a seguir:



Em relação aos modificadores como relativas e sintagmas preposicionados, Larson sugere que estes são como complementos de D regidos pela hierarquia temática de D e, marcados tematicamente como argumentos mais baixos que θ RESTRITOR, que Larson rotula de θ RMOD:

θ ESCOPO > θ RESTRITOR > θ RMOD

O acréscimo da relativa como modificador num DP encabeçado por um determinante diádico, resultará na projeção de um DP mínimo contendo os argumentos marcados como θ RESTRITOR e θ RMOD. Estas circunstâncias irão engatilhar o *DP Shell* para receber o argumento (*Pro*) marcado como escopo e, em seguida, permitir o movimento do Determinante para a posição de núcleo mais alta, tal como ilustrado em (17).

4.1.3 A concha nominal proposta

A nossa proposta de análise para a generalização em I baseia-se em Larson (1988, 1991, 2004) e assume que determinantes quantificados podem ser

predicados triádicos, isto é, podem selecionar até três argumentos, sendo dois argumentos internos:

1. um nome;
2. um modificador restritivo.

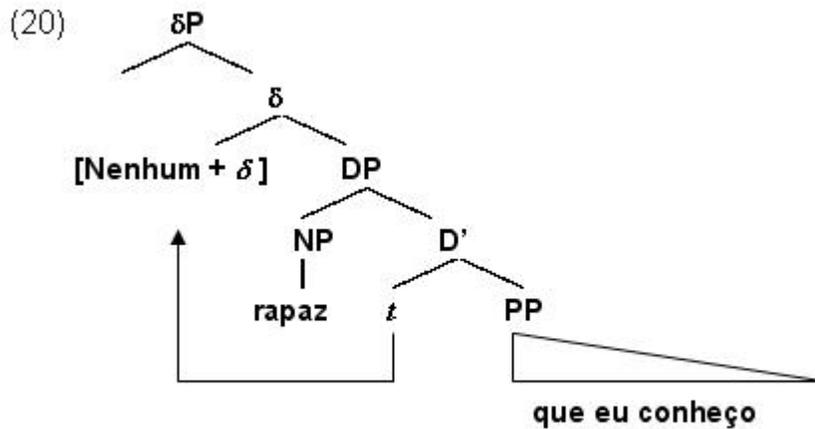
Nestes casos, o determinante atribui três papéis temáticos, tal como proposto em Larson (1991, 2004). Os princípios de localidade e hierarquia descritos também se mantêm (cf.(19))¹⁷

(18) D: θ ESCOPO > θ RESTRITOR > θ OBLÍQUO

(19) ESCOPO > RESTRITOR > OBLÍQUO em que se $\theta_1 > \theta_2$, então o argumento que é marcado por θ_1 c-comanda o argumento que é marcado por θ_2 .

Seguindo as linhas desta análise, o DP quantificado em (1c) tem a estrutura em (20), que se aproxima da proposta por Larson (1988, 2004) para verbos bitransitivos e determinantes triádicos. Desta maneira, o determinante é gerado em uma posição de núcleo mais baixa e se concatena, primeiramente, com o modificador, movendo-se depois para a posição de núcleo de δP .

¹⁷ Em relação ao papel temático de escopo e, conseqüentemente, em relação ao elemento *pro* proposto por Larson e sendo projetado em Spec de DP, podemos assumir uma análise *à la* Kayne (1994), como observado por Maximiliano Guimarães (comunicação pessoal), e pressupor que *pro* está adjungido ao δP , c-comandando, portanto, o argumento externo do determinante. Outra possibilidade seria pensar que, concomitante ao alicamento de quantificadores, o argumento externo do δP , isto é, a sentença inteira, passa a ser um especificador do δ , já que este passa a ser o nóculo irmão do δP .

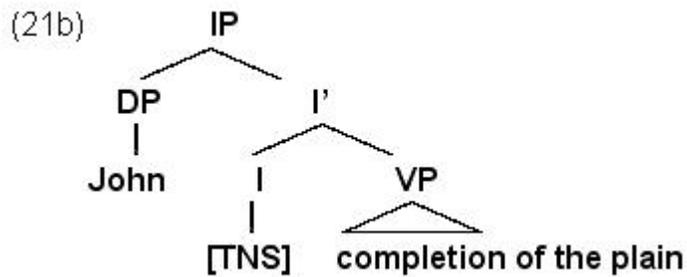
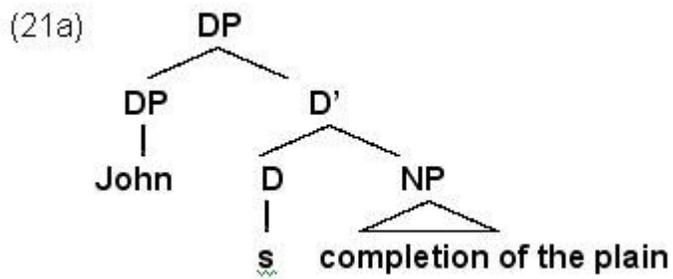


No entanto, diferentemente de Larson, estamos pressupondo que toda concha nominal é encabeçada por um D (δ)¹⁸ leve e que esse determinante é um núcleo híbrido, isto é, apresenta características de categoria funcional, bem como de categoria substantiva. Como núcleo lexical, é capaz de atribuir papel teta de escopo e, como núcleo funcional, atribui caso genitivo.

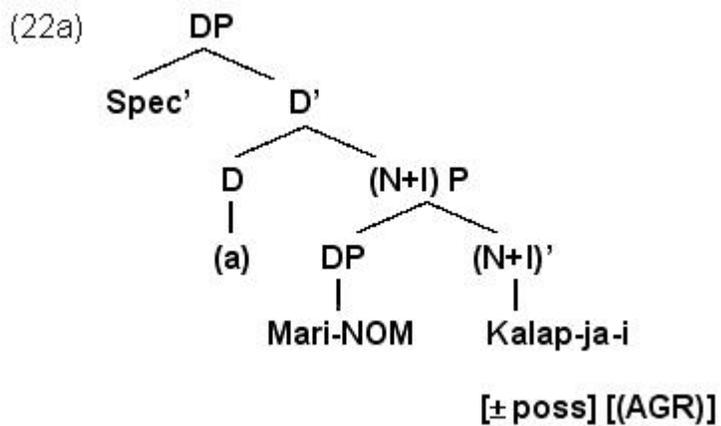
Portanto, estamos pressupondo que a concha nominal é uma concha complexa que envolve tanto uma teoria Larsoniana de DPs, como uma teoria *a la* Abney (1987) e Szabolcsi (1983, 1994).

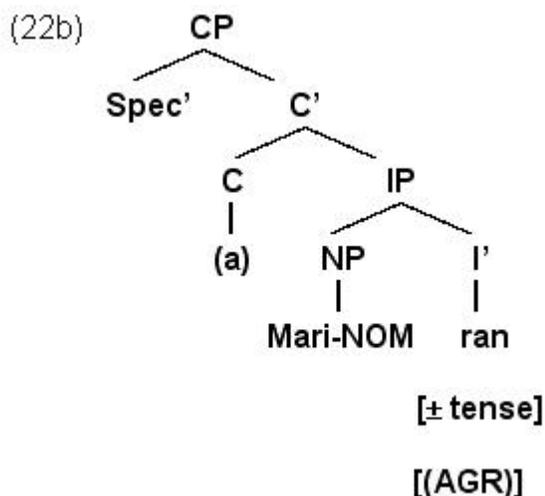
Como já explicitado, Abney (1987) traça um paralelo entre DPs e IPs e, em relação aos genitivos, assume que estes ocupam a posição de sujeito, (cf.(12a) e (12b), repetidos aqui como (21a) e (21b):

¹⁸ Zamparelli (2000) também sugere um estrutura cindida para DPs, argumentando que há duas camadas D dentro do domínio nominal. Para esse autor, essas duas camadas relacionam-se à existência de quantificadores fortes e fracos (Milsark 1977). Somente os quantificadores fortes se movem para o núcleo do DP. Os quantificadores fracos podem se mover por QR, via processo de adjunção à camada mais alta do DP.



Szabolcsi (1983, 1994), a partir de dados do Húngaro, desenvolve uma proposta semelhante à de Abney, aproximando a estrutura do DP à do CP.





De acordo com Larson, a posição de argumento mais alta dentro do DP quantificado é reservada sempre ao argumento marcado como escopo – *pro*, e este é um sujeito temático. Assim sendo, o possessivo não poderia ser estruturalmente paralelo ao sujeito e, por extensão, o determinante definido do Húngaro não poderia ser paralelo ao complementizador. Larson desenvolve, portanto, uma outra análise para os genitivos.

A nossa análise, em que o núcleo δ leve é um núcleo híbrido, nos dá um paralelo com a estrutura de sintagmas verbais proposta por Hale & Keyser (1993) e Chomsky (1995), em que o sintagma verbal é encabeçado por um núcleo híbrido que é tanto funcional como substantivo, atribuindo papel teta de agente e caso acusativo.(cf. generalização de Burzio (1986))¹⁹. Portanto, estamos assumindo uma concha nominal complexa constituída por duas posições de Spec, uma reservada para o argumento marcado como escopo e outro para o argumento marcado como genitivo.

¹⁹ A generalização de Burzio (1986) faz uma correlação entre a atribuição de caso acusativo e a seleção de argumento externo, propondo que se um verbo não atribuir caso acusativo também não atribuirá papel teta de agente.

A análise esquematizada acima prevê ainda que no Português determinantes podem alternar entre predicados diádicos e triádicos ou entre diádicos e monádicos, reduzindo sua valência em relação ao número de argumentos internos, como exemplificam (23) e (24).

- (23) a. Eu não beijei [nenhuma [menina] [da escola/ que você conhece]]
b. Eu não beijei [nenhuma [menina]]
- (24) a. Eu não vi [ninguém]
b. Eu não vi [ninguém [de Brasília/ que você conhece]]

(23) ilustra a possibilidade de o determinante *nenhuma* alternar entre três ou dois argumentos. Em (23a) o determinante toma como argumentos internos [menina] e [da escola/que você conhece]. Já em (23b), este reduz sua valência, tomando apenas [menina] como argumento.

O mesmo processo se dá em (24) com o determinante *ninguém*, que pode selecionar um argumento interno [de Brasília/ que você conhece], como em (24b), ou, simplesmente, não selecionar argumento interno. (cf. (24a)).

Note que processo paralelo se dá com a estrutura argumental de alguns verbos, os quais também permitem alternância na seleção de seus argumentos internos:

- (25) a. O João empurrou [o carro].
 b. O João empurrou [o carro] [até o posto de gasolina da QI 9].
- (26) a. A Juju viajou.
 b. A Juju viajou [para Matutina].

O verbo *empurrar* pode selecionar até dois argumentos internos, como ilustrado em (25b), ou apenas um, como em (25a). O verbo *viajar* comporta-se um pouco diferente, podendo selecionar ou não um argumento interno, (cf.(26)).

4.1.4 Evidências para o paralelismo proposto entre determinantes e verbos

4.1.4.1 Expressões idiomáticas

Com o objetivo de fornecer mais evidências em favor de um *VP Shell* complexo e, conseqüentemente, em favor de uma posição mais baixa para os modificadores do sintagma verbal, Larson (1990) descreve o comportamento de certas expressões idiomáticas adverbiais no inglês. Estas expressões sugerem que há uma dependência descontínua entre o verbo e seu argumento interno indireto, como podemos verificar em (27) e (28)

(27) **Treat John with kid gloves.** (modo)

(28) **Show John the palm of my hand.** (lugar)

Das expressões idiomáticas em (27) e (28), podemos inferir a seguinte estrutura, em que x figura como o único elemento passível de substituição:

(29) Treat x with kid gloves.

(30) Show x the palm of my hand.

É possível variar os elementos que ocupam a posição de x (*John, my sister, my professor*), mas não se pode mudar os verbos *treat* e *show* e, tampouco seus argumentos internos indiretos *with kid gloves* e *the palm of my hand*, respectivamente. Isso nos mostra que em algum momento da derivação estes elementos estiveram juntos e formaram um constituinte que se cristalizou dando origem à expressão idiomática.

Segundo Larson (1991), estes elementos podem receber uma análise muito natural em termos de movimento do verbo, em que a unidade semântica formada pelos elementos idiomáticos corresponde a uma unidade sintática que é quebrada pelo movimento do verbo.

(31) [VP ...e [VP John [V' **treat** [**with kid gloves**]]]]

|_____|

Notamos, que no Português, algumas expressões idiomáticas adverbiais demonstram comportamento semelhante às do inglês, apresentando uma

dependência entre o verbo e seu argumento interno indireto. Observe, por exemplo, as expressões idiomáticas em (32) e (33):

(32) a. Colocar o João em banho maria. (modo)

b. Colocar x em banho maria.

(33) a. Mandar o chefe às favas. (lugar)

b. Mandar x às favas.

Parece-nos, portanto, que no Português, assim como no Inglês, nestes tipos de expressões idiomáticas – adverbiais – ,o verbo forma um constituinte com seu argumento interno indireto antes de ser movido.

4.1.4.2 Expressões idiomáticas nominais

Curiosamente, ao observar algumas expressões idiomáticas nominais, tanto no Português quanto no Inglês, notamos haver entre determinante e modificador uma dependência.

(34) a. **Any/a** judge **worth its salt**²⁰

b. Any/a x worth its salt.

(35) a. **Qualquer/nenhum/** homem **que se preze.**

b. Qualquer/nenhum/ x que se preze.

²⁰ Tradução livre: “Nenhum/Um juiz que vale o que pesa”.

- (36) a. **Qualquer/nenhuma/** professora **de boa.**
 b. Qualquer/nenhum/ x de boa.

Os dados em (34), (35) e (36) nos mostram que apenas a posição de x é passível de mudança, evidenciando que nestas expressões nominais há uma unidade sintática entre determinante e seu modificador - predicado idiomático - , o que nos leva a concluir que em determinado momento da derivação determinante e predicado idiomático estiveram juntos e formaram um único constituinte. Esta unidade sintática é rompida no momento em que o determinante se move do núcleo de D' para o núcleo δ' :

- (37) [δ P . . . δ' e [DP homem [D' **qualquer** [PP **que se preze**]]]]

|_____|

Além da estreita relação sintática evidenciada por determinante e predicado idiomático, o modificador parece forçar a indefinidade do determinante que com ele se concatena, pois, se substituimos o determinante indefinido por um definido, o que obtemos é uma sentença agramatical.

- (38) a. ***The** judge **worth its salt**
 b. ***O/Este** homem **que se preze.**
 c. ***A/Esta** professora **de boa.**

Claro está que há uma dependência sintática entre determinante e modificador dentro do DP, além da influência deste na definitude daquele.

4.1.4.3 Nomes que selecionam complemento

Uma segunda evidência em favor da estreita relação existente entre determinantes e modificadores advém daquelas estruturas em que um sintagma preposicionado modifica diretamente um nome²¹.

As expressões quantificadas contendo um sintagma preposicionado como modificador interno ao DP, normalmente, são licenciadas em posição de tópico, como explicitado na generalização I e ilustrado pelo dado em (39):

(39) Nenhuma professora desta escola, eu encontrei na manifestação.

Entretanto, os DPs quantificados que possuem um sintagma preposicionado modificando, exclusivamente, o nome não podem ser topicalizados, isto é, aquelas expressões nominais quantificadas que contêm um nome que seleciona um complemento. Este fenômeno pode ser verificado em (40):

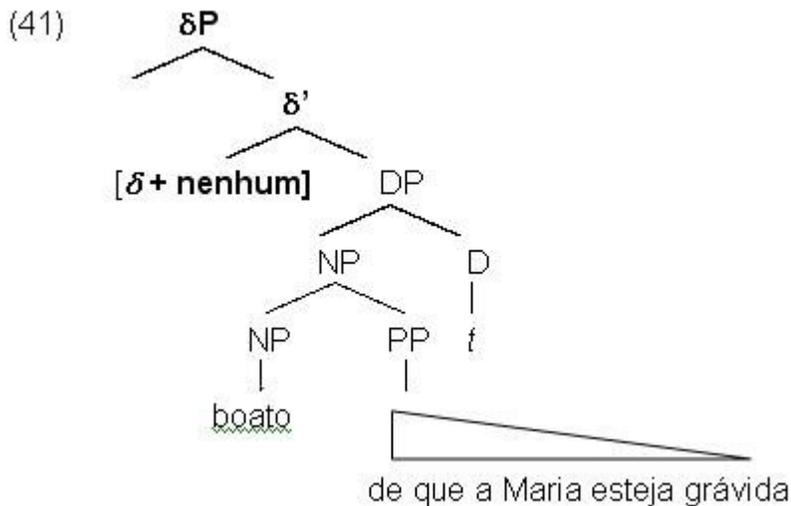
(40) *Nenhum boato de que a Maria esteja grávida, eu ouvi.

²¹ Agradeço a Marcelo Ferreira pelos pontuais comentários a essa questão

Em (40) o nome *boato* toma o PP *de que a Maria esteja grávida* como seu complemento e, portanto, este modifica diretamente o nome e não a expressão quantificada como um todo.

Como já explicitado anteriormente, em geral, para que uma expressão nominal quantificada possa ocorrer em posição de tópico é necessário que esta possua um modificador interno. O determinante quantificado se concatena, primeiramente, com sua expressão restritora e, em seguida, move-se para o núcleo de D leve. Este processo de concatenação faz com que o modificador mude os traços do quantificador de maneira que este passa a ser definido, podendo, conseqüentemente, ocorrer em posição de tópico.

Mas, em uma estrutura como em (41), referente ao dado em (40), quantificador e modificador não formam um constituinte, isto é, não se concatenam em momento algum da derivação, conseqüentemente, o quantificador não tem seus traços alterados e, portanto, não é licenciado em posição de tópico:



Além de nomes como *boato*, este fenômeno também pode ser observado com os nomes derivados que indicam processo. Segundo Abney (1987), nomes de processo denotam ações/eventos, enquanto os nomes de resultado denotam objetos. Conseqüentemente, a grade temática do verbo só é preservada nos nomes de processo, mas não nos de resultado. Observe o contraste de gramaticalidade entre (42) e (43):

(42) Nenhuma análise com mais de 10 páginas, a comissão aceitará.

(43) ??Nenhuma análise de quantificadores, a comissão aceitará.

O nome *análise* em (42) se refere à análise pronta, isto é, ao resultado do processo de analisar, assim, o PP *com mais de 10 páginas* não é selecionado por *análise*. Já em (43) a *análise* se refere ao processo de analisar e, por isso, o nome *análise* toma *de quantificadores* como seu complemento, mantendo assim a grade temática do verbo do qual deriva. Por essa razão, (43) é uma sentença agramatical.

4.2 Mudança no traço de definitude

Keenan & Stavi (1983) notaram que a presença de um modificador restritivo exerce um efeito de definitude em determinantes quantificados. De acordo com esses autores, a combinação de um determinante com um modificador restritivo forma uma expressão nominal complexa com um traço [+ específico].²²

²² De fato, Vendler (1967) sugere que a presença de determinantes definidos é sempre licenciada

Seguindo, portanto, a idéia de Keenan & Stavi (1983), sugerimos que quando um quantificador se concatena com o modificador restritivo, o modificador altera os traços do quantificador de tal modo que esse passa a ser definido.

Podemos, inclusive, traçar um paralelo entre a mudança no traço de definitude do quantificador e a mudança de aspecto interno de verbos de movimento do tipo de *empurrar*. Estes verbos alternam entre uma estrutura argumental diádica e uma triádica.

Em (44) o verbo *empurrar* tem seu aspecto interno modificado pela presença do argumento interno preposicionado. Enquanto (44a) descreve um evento atélico, (44b) nos dá um evento télico.

A telicidade dos exemplos em (44) pode ser verificada em (45), por meio do acréscimo dos modificadores *em 40 minutos* e *por horas* (cf. Verkuyl 1972; Tenny, 1994, entre outros).²³

- (44) a. O João empurrou o carro.
b. O João empurrou o carro até o posto de gasolina da QI 9.
- (45) a. O João empurrou o carro por horas/*em 40 minutos.
b. O João empurrou o carro até do posto de gasolina #por horas/em 40 minutos.

pela presença de modificadores restritivos, estejam estes manifestos na estrutura ou não.

²³ Em (45b), o modificador *por horas* pode apresentar uma leitura de repetição do evento que é irrelevante para a questão que estamos analisando.

A análise de Keenan & Stavi (1983) para o traço de definitude de determinantes é similar à proposta de Verkuyl (1972) sobre a composição do aspecto interno de verbos. Ambas sugerem que as propriedades internas de um núcleo (aspecto para o verbo e definitude para os determinantes) são definidas estruturalmente na composição sintática do núcleo com os seus argumentos.

Uma visão alternativa a essa seria pressupor que os traços de definitude e aspecto de determinantes e verbos, respectivamente, são marcados no léxico e forçam a formação de uma estrutura sintática complexa. No caso dos determinantes, poderíamos pressupor que esses sejam lexicalmente marcados ou não por um traço [+ definido]. Quando marcados com esse traço, determinantes projetam uma estrutura triádica, ou seja, projetam sua estrutura máxima na sintaxe. No entanto, quando não carregam esse traço, estes núcleos compõem uma estrutura sintática mais leve, sem a presença do argumento interno indireto.

Decidir entre uma abordagem sintática ou lexicalista depende, entre outras coisas, de uma boa compreensão dos mecanismos envolvidos no licenciamento de modificadores restritivos, o que ainda não temos. Portanto, não faremos uma escolha entre essas duas possibilidades teóricas.

4.2.1 NPs nus no crioulo caboverdiano: evidência em favor da mudança no traço de definitude

Baptista (1997) ao discutir a marcação de plural dos nomes no crioulo caboverdiano, destaca três diferentes estratégias de marcação com leitura indefinida do NP. A primeira maneira por ela identificada é aquela em que o próprio nome carrega a marca de plural, como ilustrado em (46):

(46) N odja **omis** sintadu riba di kaza.

Eu vi homens sentados em cima de casa

‘Eu vi homens sentados em cima da casa.’

Uma segunda estratégia seria aquela em que o nome vem precedido pelo quantificador indefinido *uns*. (cf (47)):

(47) N odja **uns** omi sintadu riba di kaza.

Eu vi uns homens sentados em cima de casa

‘Eu vi uns homens sentados em cima da kaza.’

Em contrapartida, em alguns contextos, o nome pode aparecer sem marca de plural e sem determinante e ainda assim receber interpretação de indefinido plural.

(48) **Omi** tem pe di katxor. (idiomático)

homem tem pé de cachorro.

‘Homem está sempre fora’

(49) **Mudjer** ka gosta di omi ki ta bebe.

mulher Neg gosta de homem que aux. Bebe.

‘Mulher não gosta de homem que bebe.’

(50) Kabuverdianus gosta di **kaza** branku.

‘Caboverdianos gostam de casas brancas.’

Baptista chama atenção para o fato de que a ausência de um determinante ou de marcação de plural no nome pode indicar que estes NPs sejam interpretados como coletivos ou refletindo um conceito.

Em relação à interpretação definida do NP, Baptista mostra que uma maneira de obter essa leitura é por meio do demonstrativo *kel* quando se está referindo a uma entidade nova. É necessário ressaltar que não há no crioulo caboverdiano pronomes definidos, portanto, a definitude de um nome é marcada por outros elementos nesta língua, como por exemplo, por meio do demonstrativo, ilustrado no dado em (51).

(51) N odja **kel** omi.

eu vi Demonst. homem

‘Eu vi o homem.’

Como já explicitado, segundo Baptista, o nome pode aparecer sem marca de plural e sem determinante e receber interpretação indefinida plural. Curiosamente, bare NPs também podem ser interpretados como definido plural no crioulo caboverdiano.

(52) **Omi** di es kaza ka tem ruspetu pa mudjer.

homem desta casa Neg tem respeito com mulheres.

‘O homem desta casa não tem respeito com mulheres’.

(53) **Mudjer** di es konjuntu ta kanta sabi.

mulheres desta banda aux canta bonito.

‘As mulheres desta banda cantam bonito.’

(54) **Kaza** di kel rua e bunitu.

casas de aquela rua são bonitas.

‘As casas daquela rua são bonitas.’

Na realidade, o que podemos perceber é que no crioulo caboverdiano, NPs nus tanto podem receber interpretação indefinida quanto definida.

Embora Baptista não discuta essas diferenças, uma análise mais detalhada nos mostra que o emprego de uma leitura definida ou indefinida não se dá aleatoriamente. Compare (49) a (53), repetidos aqui como (55) e (56):

(55) **Mudjer** ka gosta di omi ki ta bebe.

mulher Neg gosta de homem que aux. Bebe.

‘Mulher não gosta de homem que bebe.’

(56) **Mudjer** di es konjuntu ta kanta sabi.

mulheres desta banda aux canta bonito.

‘As mulheres desta banda cantam bonito.’

A presença do sintagma preposicionado ‘*di es konjuntu*’ em (56) parece ser crucial na determinação de uma leitura definida do bare NP ‘*mudjer*’. E em todos os dados apresentados por Baptista esta é a diferença marcante entre os NPs nus

com leitura definida e indefinida, isto é, ser ou não ser modificado por um sintagma preposicionado (cf.(48)-(56)).

Assim, embora ainda não tenhamos verificado com falantes dessa língua a validade de nossa hipótese, é interessante considerar a possibilidade de se atribuir a um nome nu uma leitura definida quando esse está acompanhado de um modificador restritivo.

4.2.2 Definidos genéricos quando acompanhados de restritores

Como apontado por Heloísa Salles (comunicação pessoal), determinantes habitualmente considerados definidos podem ter uma leitura genérica, como em (57):

(57) O carteiro chegou.

Em (57), *o carteiro* recebe uma leitura genérica, podendo ser qualquer indivíduo que esteja exercendo a função de carteiro e não uma pessoa específica. No entanto, a observação de Heloísa Salles, quando aplicada ao fenômeno aqui estudado, nos fornece uma outra evidência em favor da análise proposta. Compare, por exemplo, (57) a (58):

- (58) a. O carteiro que você gosta chegou.
b. O carteiro das quatro da tarde chegou.

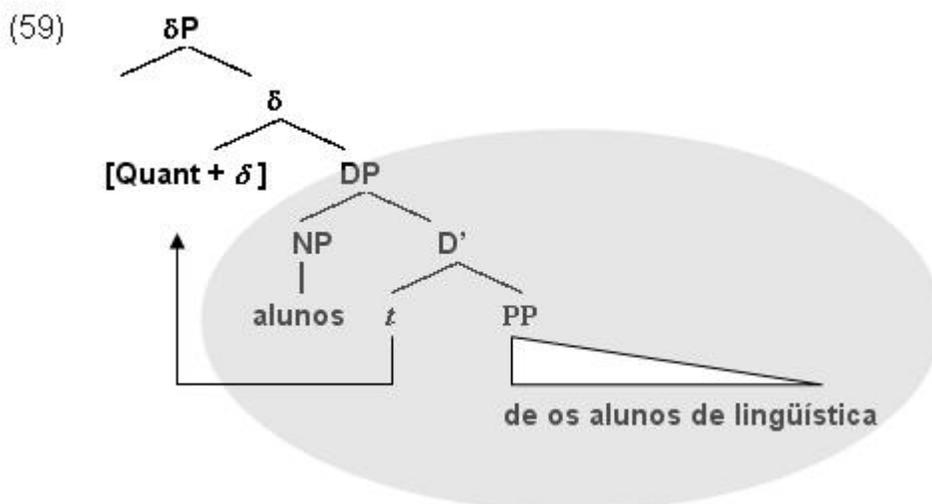
Em (58a), o *carteiro* possui uma oração relativa como restritor, não podendo mais receber uma leitura genérica, mas sim definida, pois a função de *carteiro*, neste caso, é exercida por um indivíduo específico, isto é, aquele de que você gosta. Processo semelhante se dá em (58b), pois também pode se tratar de uma pessoa preestabelecida e não de qualquer indivíduo que esteja exercendo a função de *carteiro*. Contudo, em (58b) não está excluída também uma leitura genérica, em que uma pessoa não específica esteja naquela função naquele momento, mas apenas em horário pré-determinado, isto é, uma leitura em que há um *carteiro* sempre às 4 da tarde, mas não necessariamente o mesmo todos os dias.

4.3 Revisitando quantificadores nus topicalizados

No capítulo 3, analisamos quantificadores nus em posição de tópico como casos de apagamento do NP:

(59) [S [TopP[DP *Quant.* [~~NP=alunos~~ [~~PP=dos alunos de Lingüística~~]] [Top' eu vi]]]

No entanto, essa análise não está de acordo com a estrutura proposta em (20). Se estendermos (20) para casos de DPs partitivos, teremos então de assumir que em (59) ocorre apagamento de DP, como representado em (60):



De acordo com essa análise, o processo de apagamento dentro de DPs quantificados é o mesmo processo que ocorre em apagamento dentro de VPs (*VP ellipsis* e *pseudo gapping*).

Observe que (60) difere de (59) no que se refere à relação sintática entre o nome e o sintagma preposicionado. Em (59), o sintagma preposicionado é complemento do nome, já em (60), o sintagma preposicionado é complemento do quantificador. Em outras palavras, (60) retoma a análise defendida em Chomsky (1965) e Keenan & Stavi (1983) para estruturas partitivas, nas quais o determinante forma um constituinte com o sintagma preposicionado em detrimento do nome:

(61) [[some of the...] boys] (Cf. Chomsky (1965: 107))

Keenan & Stavi apresentam os seguintes argumentos em favor de (61): Primeiro, os dados em (62) são transparentes em relação a (61). Isto é, (61) aparece como estrutura superficial de algumas expressões nominais partitivas:

- (62) a. [most of the liberal and all of the conservative] delegates...
b. [each of John's, but not one of Mary's article] (was accepted)

Segundo, determinantes que denotam frações ou percentuais são incompatíveis com estruturas não partitivas. Esses determinantes selecionam, portanto, o sintagma preposicionado partitivo.

- (63) a. *Two thirds the students.
b. Two thirds of the students.

Dito isso, concluímos que (60) é uma análise possível para estruturas partitivas, isto é, a análise aqui proposta para expressões nominais quantificadas é compatível com as estruturas de quantificadores nus em posição de tópico. O importante para a proposta geral aqui sugerida é o fato de (59) ser incompatível com a análise apresentada no capítulo 3.

4.4 Nota sobre orações relativas

A visão tradicional de orações relativas envolve adjunção. Safir (1986), Browning (1987) e Fabb (1990), por exemplo, sugerem que relativas são adjuntos ao NP. Smith (1964) propõe que a relativa forma um constituinte com o determinante, em detrimento do nome (estrutura similar àquela proposta por Chomsky (1965) para partitivos (cf. (61))).

Larson (1991), seguindo a linha de Smith, sugere que a relativa é o argumento indireto (oblíquo) do determinante, isto é, forma com a relativa uma

subestrutura. Assim, DPs contendo uma oração relativa têm a estrutura exemplificada em (64):

(64) [DP [D' the [DP [NP girl [D' t [CP that kissed John]]]]]]²⁴



A literatura sobre relativas apresenta vários argumentos em favor de uma relação estreita entre o determinante e as relativas. Um deles é o de que em DPs, como (65), a presença do determinante é dependente da presença da relativa (cf. Jackendoff 1977)

- (65) a. The Paris *(that I love)
b. The three books of John's *(that I read)

Kuroda (1969) também mostra que, em Inglês, nomes indefinidos como *way* podem ocorrer com um demonstrativo nu (66a), mas não com artigo definido nu (66b). No entanto, se o artigo estiver acompanhado por um adjetivo restritivo (66c), ou por uma relativa, então o DP é bem-formado (66d).

- (66) a. I earned it that way
b. I earned it *the way
c. I earned it the old-fashioned way
d. I the way that one should

²⁴ Esta é a representação proposta por Larson, onde não há D (δ) leve.

Outra análise de orações relativas que se tornou bastante popular é a de alçamento, proposta em Kayne (1993). Preocupado com questões de linearização, Kayne observa que, se relativas fossem adjuntos ao NP, então a ordem nome>relativa deveria ser reversa, ou seja, relativa>nome. Para Kayne, orações relativas são derivadas como apresentado em (67). O nome é gerado dentro da relativa, formando um complexo com o pronome relativo (67a). Esse complexo move-se para o CP da relativa (67b), onde o nome se desvincula do pronome relativo, movendo-se para a posição mais alta de especificador do CP (67c). O CP, assim formado, é tomado como complemento pelo determinante (67d).

- (67) a. [CP Bill saw [DP which picture]]
 b. [CP [DP which picture]₁[C' [Bill saw t₁]]]
 c. [CP [DP picture₂ [D' which t₂]₁[C' [Bill saw t₁]]]]
 d. [DP the [CP [DP picture₂ [D' which t₂]₁[C' [Bill saw t₁]]]]]

Os dados que apresentamos nesta dissertação, especialmente neste capítulo, mostram que relativas, assim como qualquer outro modificador restritivo, alteram a definitude do DP. Portanto, em nossa análise, tal como na de Larson, a relativa é um argumento do determinante. No entanto, tanto a teoria Larsoniana em (64) como a Kayniana em (67) são favoráveis à análise que defendemos acima. (64) e (67) diferem “apenas” em relação à posição do nome. Para Larson, o nome é gerado fora da relativa e, possivelmente, é antecedente de um pronome ou operador nulo que está dentro da relativa. Para Kayne, o nome é gerado dentro da

relativa e, portanto, não há necessidade de se postular uma categoria vazia na posição de argumento dentro da relativa.²⁵

Assim, se adotamos uma análise como a de Kayne, em princípio, teríamos de dizer que diante de relativas o D apresenta um único argumento, isto é, a própria relativa.

No entanto, é interessante verificar que a adoção da proposta de Kayne nos dá a possibilidade (ainda a ser avaliada) de comparar determinantes seguidos por relativas com verbos como *wonder*, que selecionam o constituinte que deve estar no CP da oração completiva.

(68) I wonder [_{CP} *(who)/(that) [_C you would kiss]]



Em casos de relativas, poderíamos pensar que o determinante seleciona o nome que está no especificador do CP relativo, ou seja, teríamos uma estrutura como (69) em que o determinante seleciona o Spec do CP da relativa, seu primeiro argumento, e a própria relativa, seu segundo argumento. Portanto, a valência do determinante é preservada nessas estruturas, embora o especificador do DP não seja projetado.

(69) [_{δP} [_δ the [_{DP} [_{D'} t [_{CP} [_{NP} girl] [_C that kissed John]]]]]]



²⁵ Note que (64), assim como (68), nos dá uma ordem linear em que o nome precede a relativa.

4.5 Conclusões parciais

Neste capítulo, argumentamos que DPs quantificados na posição de tópico são DPs que apresentam um modificador restritivo explícito ou implícito. Dado que somente DPs definidos podem aparecer na posição de tópico, sugerimos que determinantes quantificados indefinidos tornam-se definidos ao tomarem um modificador restritivo como argumento. Tal comportamento os aproxima de verbos atélicos se tornam télicos quando apresentam um sintagma preposicionado na posição de argumento indireto.

Capítulo 5

Conclusão

5.0 Considerações finais

A presente pesquisa foi guiada pelas seguintes questões:

- (1) Tópicos quantificados são licenciados no PB?
- (2) Que aspectos sintáticos e semânticos estão envolvidos neste licenciamento?

Apresentamos, então, duas generalizações extraídas da observação do comportamento das expressões nominais quantificadas:

- (I) Um DP quantificado complexo, ou seja, com modificação interna, pode ser licenciado em posição de tópico independentemente da situação lingüística, podendo ocorrer em situação com ou sem retomada de contexto.
- (II) Quantificadores nus, ou seja, sem modificação interna explícita, são licenciados em posição de tópico apenas quando há uma retomada de contexto (e.g., em contexto pergunta-resposta)

No que se segue, apresentamos um breve relato de como nossa proposta lidou com as generalizações em (I) e (II).

5.1 Sobre quantificadores nus e DPs com modificação explícita

Esta dissertação mostrou que quantificadores nus em posição de tópico são possíveis, desde que em situações de retomada de contexto. Isto porque estas sentenças envolvem um processo de apagamento de estrutura partitiva complemento do quantificador. Este apagamento apenas é possível em situações de retomada de contexto, devido à identidade sintática entre a elipse e seu antecedente. Não havendo, pois, antecedente, não é possível licenciar a elipse e, portanto, quantificadores nus não ocorrem em contextos *out of the blue*.

Descrevemos, em seguida, as várias evidências que nos permitem postular o apagamento de estrutura partitiva nestas construções, quais sejam:

- 4) Modificação explícita: o tipo de material que pode ser lexicalizado dentro do DP quantificado em posição de tópico.
- 5) Obediência à restrição de partitividade.
- 6) Tipo de quantificador nu que pode aparecer na posição de tópico.

Concluimos, portanto, que a generalização (II), é um subcaso da generalização (I), tendo em vista que em construções com quantificador nu topicalizado também há um modificador, porém, elidido.

No que se seguiu, buscamos explicações sintáticas e semânticas para o fato de a presença de um modificador interno ao DP licenciar um quantificador em uma posição reservada a DPs referenciais.

Sugerimos que modificadores como relativas e sintagmas preposicionados são complementos do determinante e formam com este um constituinte, deixando

de fora o nome. Assim, o determinante é gerado em uma posição de núcleo D mais baixa e concatena-se com a relativa, posteriormente, move-se para a posição de núcleo de δP , gerando assim a ordem em estrutura superficial. Esse processo de concatenação altera os traços do determinante de tal modo que o DP passa a ocorrer em uma posição reservada a DPs referenciais, isto é, a posição de tópico.

5.2 Desdobramentos da pesquisa

5.2.1 A Restrição do Pronome Aberto (*The Overt Pronoun Constraint*)

A Restrição do Pronome Aberto, proposta por Montalbetti (1984) como uma propriedade da Gramática Universal, sugere que, nas línguas pro-drop, pronomes abertos e nulos apresentam diferentes propriedades de interpretação como variáveis ligáveis. Pronomes abertos não podem ser ligados por uma variável formal. Este fenômeno pode ser ilustrado pelos dados do Espanhol retirados de Montalbetti (1984).

Antecedente referencial

- (3) a. Juan_i cree que [él_{ij} es inteligente]
b. Juan_i cree que [pro_{ij} es inteligente]
'João_i acha que ele_{ij} / pro_{ij} é inteligente'

Antecedente quantificado

- (4) a. Nadie_i cree que [él_{i/j} es inteligente]
b. Nadie_i cree que [*pro*_{i/j} es inteligente]
'Ningún_i acha que ele_{i/j}/*pro*_{i/j} é inteligente'

Os dados acima ilustram o contraste no processo de ligação entre o pronome sujeito aberto encaixado em contextos com antecedentes referenciais e em contextos com antecedentes quantificados. Sendo o antecedente referencial, pronomes abertos e *pro* demonstram as mesmas propriedades referenciais (cf. (3)). Em contrapartida, quando se trata de um antecedente quantificado, pronomes abertos, diferentemente de *pro*, não podem ser ligados pelo antecedente quantificado. Somente uma leitura em que antecedente quantificado e pronome aberto não têm o mesmo referente pode ser alcançada, (cf. (4)).

O mesmo fenômeno ocorre no Japonês, como ilustram os dados em (5) e (6), (cf. (Kanno, 1997))

- (5) a. Tanaka-san_i wa [kare_{i/j}-ga kaisya de itiban da to] itte-iru
Tanaka-Mr Top ele-Nom empresa na melhor é que dizendo- está
b. Tanaka-san_i wa [*pro*_{i/j} kaisya de itiban da to] itte-iru
Tanaka-Mr Top *pro* empresa na melhor é que dizendo-está
'O Sr Tanaka_i está dizendo que ele_{i/j} / *pro*_{i/j} é o melhor na empresa'

- (6) a. Dare-ga_i [kare-ga^{*i/j} kuruma o katta to] itta no?
 Quem-Nom ele-Nom carro Acc comprou que disse Q
- b. Dare-ga_i [*pro*_{i/j} kuruma o katta to] itta no?
 Quem-Nom *pro* carro Acc comprou que disse Q
- ‘Quem_i disse que ele^{*i/j} / *pro*_{i/j} comprou um carro’

Note que no Inglês, uma língua não pro-drop, o pronome aberto na posição de sujeito pode ser ligado por um antecedente referencial ou quantificado.

- (7) a. John_i believes that [he_{i/j} is intelligent]
 b. Nobody_i believes that [he_{i/j} is intelligent]

Negrão (1999) observa que a gramática do Português, de maneira geral, obedece à Restrição de Montalbetti, proibindo a co-indexação de um pronome aberto com uma expressão quantificada.

- (8) Ninguém₁ acha que ele^{*1/2} é um gênio

Entretanto, em alguns dialetos do PB, a expressão quantificada *todo-NP* permite a co-indexação com o pronome aberto, como destaca Rodrigues (2004).

- (9) Toda₁ criança acha que ela_{1/2} é um gênio

(10) [Toda fã da [Carla Perez]₁]₂ acha que ela_{1/2} deve agir como esposa do Xandy.

Durante nossa pesquisa com quantificadores, notamos, contudo, que não apenas a expressão quantificada *todo-NP* pode violar a Restrição de Montalbetti no PB. Algumas expressões quantificadas com modificador interno ao DP parecem ser passíveis de co-indexação com o pronome aberto, como ilustram os dados m (11) e (12):

(11) Nenhum aluno₁ que eu conheço acha que ele_{1/2} deve respeitar o professor.

(12) Algumas funcionárias₁ desta fábrica acham que elas devem receber aumento

Isso nos mostra que há alguma interação entre a restrição de Montalbetti e o traço de definitude do quantificador. Por isso, DPs quantificados contendo um modificador restritivo tem mais facilidade para violar tal restrição em Português.

Infelizmente, por razões de tempo, não foi possível apresentar nessa dissertação uma análise detalhada dessa interação.

5.3 Questões Pendentes

Deixamos, também, para futuras pesquisas sobre o tema aqui estudado as seguintes questões:

- a) Que tipos de adjetivos podem funcionar como modificador do traço de definitude do determinante.
- b) NPs nus topicalizados

Larson (1991, 2004) estende aos adjetivos pós-nominais e aos sintagmas preposicionados a análise proposta para relativas. Segundo o autor, os adjetivos são projetados em posições mais baixas como complementos de D, em seguida, o determinante se move, como na estrutura em (13).

(13) [DP Pro [D' every [DP book [D' t [DP [PP on the shelf] [D' t [AP published since WWII]]]]]]

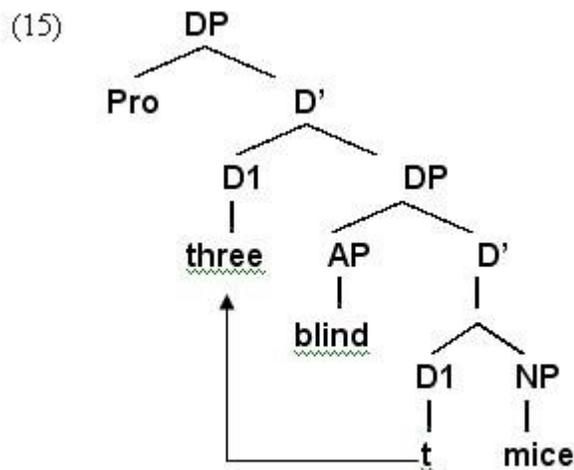


Já em relação aos adjetivos pré-nominais, Larson argumenta que estes se combinam com o nome de forma semelhante às relativas:

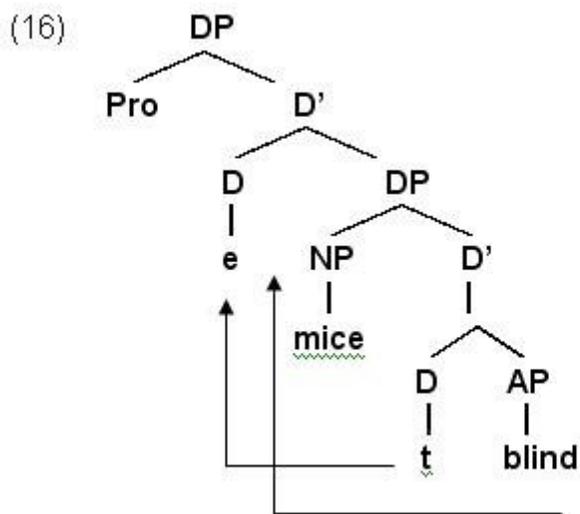
- (14) a. The **tall** woman
(cf. the woman who is tall)
- b. Every **beautiful** house
(cf. every house that is beautiful)
- c. Three **blind** mice
(cf. three mice that are blind)

Larson discute algumas possíveis análises para estes casos. Uma delas é pressupor que adjetivos pré-nominais são gerados na base dentro da projeção de

D, como em (15), por exemplo. Porém, o autor afirma que, dentro de uma proposta como essa, seria necessário analisar estes adjetivos como itens que podem ser combinados com D entre os argumentos marcados como escopo e restritor.



Uma análise que, segundo Larson seria mais atrativa, seria adotar uma versão da proposta de Smith (1964) e Jacobs and Rosenbaum (1968) em que os adjetivos pré-nominais se originam como modificadores pós-nominais a ordem em estrutura superficial se obtém via movimento, (cf. (16))



Mas, de acordo com Larson, uma análise como essa gera pelo menos duas novas discussões. Em primeiro lugar, seria preciso uma motivação para postular que estes adjetivos gerados em posição pós-nominal sejam movidos para uma posição pré-nominal. Esta motivação deve comportar, ainda, o fato de que os adjetivos pré-nominais parecem obedecer a certas restrições em relação à ordem de ocorrência, como verificamos em (17).

- (17) a. ?*three **blind small** mice
 b. ?*three **grey small blind** mice
 c. ??three **small blind furry grey** mice
 d. *three **German small furry grey blind** mice
 e. ?*three **furry excellent small** mice

Em segundo lugar, como a análise deve lidar com o fato de que nem todos os adjetivos pré-nominais exibem uma semântica semelhante a das orações relativas, dos sintagmas preposicionados e dos adjetivos pós-nominais.

- (18) a. Olga is an **alleged** dancer.
(cf. * Olga is an dancer who is **alleged**)
- b. Alice is an **imagined** werewolf.
(cf. Alice is a werewolf who is **imagined**.)
- c. Boris is a **supposed** perpetrator of a crime.
(cf. * Boris is a perpetrator of a crime who is **supposed**.)

Larson afirma que para resolver questões como essa é necessário uma pesquisa mais ampla.

Por razões de tempo, não foi possível realizar um estudo detalhado dos adjetivos no Português, tendo em vista que qualquer proposta desenvolvida precisaria contemplar aspectos como os levantados por Larson, verificando se uma análise *a la* Smith (1964) e Jacobs and Rosenbaum (1968) dá conta dos dados do Português ou se seria necessário postular uma nova proposta.

Os NPs nus compõem uma situação curiosa em relação à topicalização no PB. Sabemos que estes NPs não são definidos e, portanto, não denotam indivíduos. Dentro de uma análise como a desenvolvida nesta dissertação, tais NPs somente deveriam ser licenciados em posição de tópico mediante a presença de um modificador restritivo. Contudo, como ilustra o dado (19), NPs nus podem ser topicalizados independentemente de modificação.

- (19) Maçãs (maçã), eu comia todos os dias quando eu morava com minha avó

Uma possível maneira de olhar para dados como (19), seria propor que estes NPs nus são encabeçados por um D nulo, cujo traço de definitude é determinado lexicalmente, permitindo, assim, que os NPs nus ocupem a posição de tópico.

No entanto, uma análise dessa natureza nos leva a um trabalho bem mais extenso do que estamos concluindo aqui. Fica, portanto, a necessidade de se verificar cuidadosamente porque nomes nus podem ocorrer em posição de tópico, mesmo quando estão desacompanhados de modificadores restritivos.

ANEXOS

Anexo 1

TESTE: Julgue as sentenças abaixo, levando em consideração o que se pede em cada questão.

Questão 1: Julgue os dados abaixo:

- A. O bolo, já era!
- B. A carta pro João, o carteiro acabou de deixar lá na portaria.
- C. Todo, o João come.

Questão 2: Julgue as possíveis respostas (B, C, D) para a pergunta em A:

- A. Você comeu os meus bombons?
- B. Todos, eu comi.
- C. Todos que estavam na caixa, eu comi.
- D. Todos da caixa, eu comi.

Questão 3: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas (B, C, D):

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B. É, mas eu acho que todo, um professor novo deveria aprovar.
- C. É, mas eu acho que todo aluno, um professor novo aprovaria.
- D. É, mas eu acho que todo aluno da turma de gramática, um professor novo aprovaria.

Questão 4: Julgue as possíveis respostas (B, C, D) para a pergunta em A:

- A. O Pedro já devolveu os livros?
- B. Alguns, ele já devolveu.
- C. Livro de sintaxe, ele devolveu.
- D. Alguns de morfologia, ele já devolveu sim.

Questão 5: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B. a. É, mas eu acho que alguns, mesmo um professor novo reprovaria.
- b. É, mas eu acho que alguns dos alunos, mesmo um professor novo reprovaria.

Questão 6: Julgue os dados abaixo:

- A. Algumas, o João enviou.
- B. Algumas das cartas, o João enviou.
- C. Algumas cartas, o João já colocou no correio.
- D. Algumas do João, enviou.

Questão 7: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Você, o João e eu estamos tentando a sorte. Então, mês passado a gente escreveu cartas para o Baú da Felicidade do Sílvio Santos, cartas para o caminha do Faustão, cupons para o concurso *Ganhe um carro do Pão de Açúcar*, etc. Daí, ontem, a Ana falou:

- B.
- a. O João já colocou algumas das cartas no correio.
 - b. O João já colocou algumas cartas no correio.
 - c. O João já colocou algumas.
 - d. O João colocou nenhuma.

Questão 8: Julgue os dados abaixo:

- A. Nenhuma, o João já entregou.
- B. Nenhuma das cartas, o João colocou no correio.
- C. Nenhuma carta, o João colocou no correio.

Questão 9: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B.
- a. É, mas eu acho que nenhum, um professor novo deveria aprovar.
 - b. É, mas eu acho que nenhum dos alunos, um professor novo aprovaria.
 - c. É, mas eu acho que deles, o professor não deveria aprovar nenhum.

Questão 10: Julgue as possíveis respostas para as perguntas em A:

- A. Você namoraria meus primos?

- B. Nenhum, eu namoraria.
- C. Nenhum deles, eu namoraria.

- A. Você quer ver um desses filmes?

- B. Nenhum, eu quero ver.
- C. Nenhum desses, eu quero ver.

Questão 11: Julgue os dados abaixo:

- A. Muitas, o pedreiro utiliza.
- B. Muitas ferramentas, o pedreiro utiliza.
- C. Muitas ferramentas importadas, o pedreiro utiliza na construção.
- D. Muitas de aço, ele usa.

Questão 12: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B. a. É, mas eu acho que muitos, um professor novo deveria aprovar.
- b. É, mas eu acho que muitos alunos, um professor novo aprovaria.
- c. É, mas eu acho que muitos alunos da gramática II, um professor novo aprovaria.
- d. É, mas eu acho que muitos, o professor não deveria aprovar ninguém.

Questão 13: Julgue as possíveis respostas para a pergunta em A:

- A. O marceneiro utiliza as ferramentas que comprei?
- B. Muitas, ele utiliza.
- C. Ferramenta nenhuma ele usa.
- D. Muitas das que estão na caixa, ele utiliza.

Questão 14: Julgue os dados abaixo:

- A. Poucas, o electricista devolveu depois do término da obra.
- B. Poucas das ferramentas, o electricista devolveu depois do término da obra.
- C. Poucas de alguém, ele devolveu depois do término da obra.
- D. Poucas ferramentas, o electricista devolveu depois do término da obra.

Questão 15: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B. a. É, mas eu acho que poucos, um professor novo aprovaria.
- b. É, mas eu acho que poucos dos alunos, um professor novo aprovaria.
- c. É, mas eu acho que poucos alunos, um professor novo aprovaria.

Questão 16: Julgue as possíveis repostas para a pergunta em A:

- A. O Luis pegou meus CDs?
- B. Poucos, ele pegou.
- C. Poucos deles, ele pegou.
- D. Poucos dos seus CDs, ele pegou.

Questão 17: Julgue os dados abaixo:

- A. Vários, a empresa demitiu.
- B. Vários dos funcionários, a empresa demitiu.

Questão 18: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B. a. É, mas eu acho que vários, um professor novo deveria aprovar.
- b. É, mas eu acho que vários alunos, um professor novo aprovaria.
- c. É, mas eu acho que vários alunos da gramática, um professor novo aprovaria.
- d. É, mas acho que vários, o professor não deveria aprovar ninguém.

Questão 19: Julgue as possíveis respostas para a pergunta em A:

- A. Você encontrou políticos na festa de sábado?
- B. Vários, eu encontrei.
- C. Do PT vários.
- D. Vários do PSDB, eu encontrei.

Questão 20: Julgue os dados abaixo:

- A. Ninguém, o João viu no correio.
- B. Ninguém da sua turma, o João viu no correio.
- C. Ninguém, eu acho que é normal nessa casa.
- D. Ninguém nessa casa, eu acho que é normal.

Questão 21: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B. a. É, mas eu acho que ninguém, um professor novo deveria aprovar.
- b. É, mas eu acho que nenhum (dos) alunos, um professor novo aprovaria.
- c. É, mas eu acho que deles, o professor não deveria aprovar ninguém.

Questão 22: Julgue as possíveis respostas para a pergunta em A:

- A. Você quer conhecer alguém?
- B. Ninguém, eu quero conhecer.
- C. Ninguém deles, eu quero conhecer.
- D. Ninguém da sua família, eu quero conhecer.
- E. Ninguém eu não quero conhecer da sua família.

Questão 23: Julgue os dados abaixo:

- A. A maioria, eu li.
- B. A maioria dos artigos da semântica, eu li.

Questão 24: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B. a. É, mas eu acho que a maioria, um professor novo deveria aprovar.
- b. É, mas eu acho que a maioria dos alunos, um professor novo aprovaria.
- c. É, mas eu acho que a maioria dos alunos da gramática, um professor novo aprovaria.
- d. É, mas eu acho que a maioria, o professor não deveria aprovar ninguém.

Questão 25: Julgue as possíveis respostas para a pergunta em A:

- A. Você leu os artigos?
- B. A maioria, eu li.

- C. A maioria dos de semântica, eu li.
- D. A maioria, eu não li de semântica.

Questão 26: Julgue os dados abaixo:

- A. Uma, o João quer namorar.
- B. Uma de Minas, o João quer namorar.
- C. Uma mulher de Minas, o João quer namorar.

Questão 27: Julgue as possíveis respostas para a pergunta em A:

- A. Você quer se casar com um policial?
- B. Um, eu quero sim.
- C. Um federal, eu quero sim.
- D. Um da Polícia Federal, eu quero sim.

Questão 28: Julgue os dados abaixo:

- A. Pelo menos duas, o João vai levar.
- B. Pelo menos duas fantas, o João vai levar.

Questão 29: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B. a. É, mas eu acho que pelo menos dois o professor novo deveria reprovar.
- b. É, mas eu acho que pelo menos dois que sentam no final da sala, o professor novo deveria aprovar.

Questão 30: Julgue as possíveis respostas para a pergunta em A:

- A. Você vai levar fanta para o churrasco?
- B. Pelo menos duas, eu vou levar.
- C. Pelo menos duas de uva, eu vou levar.

Questão 31: Julgue os dados abaixo:

- A. Cada, o João come.
- B. Cada um, o João come.

Questão 32: Considere o comentário feito por A e depois julgue as possíveis respostas de B:

A. Olha, eu acho que aqueles alunos da turma de gramática precisam ter um professor novo. A secretária me disse que o chefe do Departamento está pensando em contratar um novo sintaticista para resolver esse problema.

- B. a. É, mas eu acho que cada um, um professor novo deveria aprovar.
- b. É, mas eu acho que cada um dos alunos, um professor novo aprovaria.
- c. É, mas eu acho que cada um dos alunos da gramática, um professor novo aprovaria.

Questão 33: Julgue as possíveis respostas para a pergunta em A:

- A. Você comeu meus bombons?
- B. Cada, eu comi.
- C. Cada (dos) que estavam na caixa, eu comi.

Anexo 2

Corpus para análise entonacional

1. Contexto: Li no jornal hoje de manhã:

A criminalidade aumenta todo ano no país.

2. Contexto: Estamos conversando sobre os meninos, mas eu não sei que a Maria os viu no supermercado, então você me diz:

Os meninos, a Maria viu no supermercado.

3. Contexto: Numa conversa sobre beijo eu te pergunto: Quem você teria coragem de beijar? E então você me diz:

Ninguém, eu ia ter coragem de beijar.

4. Contexto: Eu não sei que a Maria viu os meninos no supermercado, mas você sabe. Então eu te pergunto: A Maria viu as meninas no supermercado? E você me diz:

Não, **os meninos** a Maria viu no supermercado.

5. Contexto: Você ouviu falar que o João comprou um carro, mas eu não sei o que o João comprou. Então eu te pergunto?

O que o João comprou?

6. **Contexto:** O chefe do cerimonial do senado ficou de convidar políticos para abertura do Piatela. E eu te pergunto: Você acha que o chefe do cerimonial convidaria ex-presidentes? E você responde:

A: Alguns, ele convidaria.

B: Getúlio, ele convidaria.

C: Ele convidaria Getúlio.

7. **Contexto:** Você sabe que a professora não aprovará os alunos da 4ª série, mas a diretora se confundiu e disse: “A professora não aprovará nenhum aluno da 3ª série”. Então você responde a ela:

Não, **aqueles alunos da 3ª série** a professora aprovará, mas os da 4ª não.

8. **Contexto:** Numa briga da Patrícia com o Fábio, que são namorados, Fábio está acusando a Patrícia de ter beijado o José. Então você ouve Patrícia dizer em sua defesa:

Ninguém, eu ia ter coragem de beijar na boca. Tá ficando doido!

9. **Contexto:** Quando você foi tomar café, não havia mais bolo de milho. Então você perguntou à secretária sobre o bolo e ouve ela dizer:

O bolo de milho, eu acho que a Ana comeu.

10. **Contexto:** Numa conversa com a Jade ela diz a você: Eu acho que você beijaria Chadiaham, um dos antigos reis da Índia, Mas você nunca beijaria Chadiaham, então você responde:

Bebamuns eu ia ter coragem de beijar, mas Chadiaham não.

11. Contexto: Durante a sua volta para casa do trabalho você escuta algumas pessoas conversando sobre a situação preocupante da QNR. Eles discutiam que nada havia sido feito por aqueles moradores. Mas você leu num jornal pela manhã que o governador iria ajudar aquela comunidade. Então você diz a eles:

Muitos moradores da QNR, o governador prometeu ajudar.

12. Contexto: As suas amigas estão comentando sobre os caras que o Paulo conhece e que são todos muito bonitos e sobre o fato de a Silvia nunca querer namorar ninguém. Então você diz:

Aquele cara que o Paulo leva lá em casa, a Silvia ia querer namorar.

13. Contexto: Sua irmã acha que você pegou um livro dela emprestado, mas você não está com o livro. Então você responde:

Eu não faço idéia de quem possa estar com esse livro.

14. Contexto: Você sabe que a Silvia quer namorar o cara que o Paulo leva lá em casa, mas a Júlia pensa que ela quer namorar o Pedro. Então você diz a ela:

Não, **aquele cara que Paulo leva lá em casa** a Silvia ia querer namorar, mas o Pedro não.

15. Contexto: Você sabe que a Carol vai para Campinas nas férias de fim de ano. Mas eu não estou sabendo que ela vai viajar. Então te pergunto: A Carol vai estar em Brasília nas férias de fim de ano? E você responde:

Não sei, ela ainda não me falou nada.

16. Contexto: Você sabe que a Ana não gosta de bolachas, mas adora bolo de milho, mas eu não sei disso. Quando eu fui tomar café, não havia mais bolachas nem bolo de milho. Então eu te pergunto: a Ana comeu as bolachas?

Não, **o bolo de milho** eu acho que a Ana comeu, as bolachas não.

17. Contexto: A Maria comentou com você que faltam alguns CDs do Chico Buarque para completar a coleção dela e que está doida para ter estes CDs, mas o João não sabe disso e então te diz: A Maria está doida para ganhar os CDs da Gal Costa de presente de aniversário. Então você responde:

Não, **alguns CDs do Chico Buarque** a Maria quer ganhar sim, mas da Gal Costa ela não quer nenhum.

18. Contexto: Você já sabe que a Silvia detesta os amigos do Paulo que vão lá em casa, mas a Maria te diz: A Silvia quer namorar um daqueles amigos do Paulo que ele leva lá em casa. Então você responde para a Maria:

Nenhum cara que o Paulo leva lá em casa, a Silvia ia querer namorar.

19. Contexto: João te pergunta quem você acha que o diretor iria querer contratar para a nova vaga. E você responde:

O diretor ia querer contratar aquele rapaz que você conhece.

O diretor ia querer contratar algum rapaz que você conhece.

20. Contexto: Você sabe que a Ana sempre quis conhecer os meninos que a Maria ajuda, mas o André não sabe disso e te pergunta: Quem a Ana pede para conhecer? E você diz:

A Ana sempre pede para conhecer aqueles meninos que a Maria ajuda.

A Ana sempre pede para conhecer muitos meninos que a Maria ajuda.

21. Contexto: Você já havia lido no jornal da semana passada que o governador prometeu ajudar os moradores da QNR, mas um amigo seu mora no Privê e diz: O governador prometeu ajudar os moradores do Privê. Então você argumenta:

Não, **muitos moradores da QNR** o governador prometeu ajudar, mas do Privê não.

22. Contexto: O paciente pergunta ao médico: Qual é mesmo o nome do remédio que devo tomar? E você responde:

Não sei ao certo, mas acho que é aspirina mesmo.

23. Contexto: Você sabe que a Lorena está de atestado. Então eu te pergunto: Você sabe porque a Lorena não veio trabalhar hoje? E então você me diz:

A Lorena está de atestado hoje.

24. Contexto: O diretor da sua empresa é muito exigente nas seleções de funcionários, mas você sabe que um amigo meu que tem um currículo excelente está concorrendo à vaga. Então você diz:

Aquele rapaz que você conhece, o diretor tem de contratar.

25. Contexto: A Ana insiste que a Silvia gosta de um dos amigos que o Paulo costuma levar lá na sua casa, mas você sabe que isso não é verdade e que a Silvia não vai com a cara de nenhum amigo do Paulo e então diz:

Nenhum cara que o Paulo leva lá em casa, a Silvia ia querer namorar.

26. Contexto: Você sabe que todos os colegas do João de faculdade são muito competentes. Muitos deles estão concorrendo a uma vaga na empresa que o João trabalha, mas o João está com medo de que nenhum deles consiga o cargo. Então você diz:

Algum rapaz que você conhece, o diretor tem de querer contratar.

27. Contexto: Uma mãe preocupada diz que ouviu dizer que a professora da 3ª série não aprovará nenhum aluno e o filho dela está na 3ª série. Mas você sabe que isso não é verdade. Então você diz:

Vários alunos da 3ª série, a professora aprovará.

28. Contexto: A secretária ainda não sabe quais alunos serão aprovados e te pergunta: Quem a professora aprovará? E você responde:

A professora aprovará aqueles alunos da 3ª série

A professora aprovará vários alunos da 3ª série.

29. Seu chefe estava viajando e não acompanhou as notícias recentes, mas ouviu dizer que o governador prometeu ajudar algumas pessoas e te pergunta quais. Então você responde:

O governador prometeu ajudar aqueles moradores da QNR.

O governador prometeu ajudar muitos moradores da QNR.

30. Contexto: Você sabe que a Maria participa de um projeto social com crianças carentes que aprendem a tocar instrumentos musicais e você também sabe que a Ana quer conhecer essas crianças para escolher algumas para integrar a sua banda, mas o João não sabe desse interesse da Ana. Então você conta para ele:

Muitos meninos que a Maria ajuda, a Ana pede para conhecer. Ela quer membros novos para sua banda.

31. Contexto: Você é coordenadora da empresa e estava presente durante as entrevistas de admissão. A subchefe chega para você e diz: Eu acho que o diretor quer contratar o Francisco. Mas o diretor já comentou que não gostou do Francisco. E o outro candidato é conhecido da subchefe. Então você diz

Não, **aquele rapaz que você conhece** o diretor quer contratar, mas o Francisco não.

32. Contexto: Você sabe que a Cibely está grávida, mas a Geovana não sabe disso e falou para a Ana: Acho que a Cibely não pretende engravidar esse ano. Então você diz a elas:

A Cibely já está grávida de 3 meses.

33. Contexto: Você sabe que a Sílvia está apaixonada por um amigo seu, o Pedro. Mas a Ana não tira da cabeça a história de que a Silvia gosta na verdade de um amigo do Paulo e diz: Eu acho que a Silvia não ia querer namorar o Pedro. Então você diz:

Nenhum cara que o Paulo leva lá em casa a Silvia ia querer namorar, mas o Pedro sim.

34. Contexto: A Clara sempre diz que não se interessa por ninguém, que nunca beijou ninguém na boca e que nunca vai namorar. Daí a Sara diz a ela: Eu acho que você beijaria o Elvis Presley. E logo a Clara responde:

Ninguém eu ia ter coragem de beijar na boca, mas no rosto qualquer um.

35. Contexto: O diretor confia muito no Jonas e pediu para ele indicar alguém para o cargo que está vago. A Maria como sempre muito desinformada chega quando você e o Jonas estão conversando e diz: O diretor não quer contratar ninguém. Mas vocês não respondem. Quando Maria sai você diz ao Jonas:

Algum rapaz que você conhece, o diretor quer contratar sim.

36. Eu estava conversando com você sobre os antigos reis da Índia e seus muitos relacionamentos amorosos. E eu te pergunto: você teria coragem de beijar eles? E você responde:

Nenhum, eu teria coragem de beijar.

Bebemuns, eu teria coragem de beijar.

37. Contexto: Uma mãe dos alunos da 4ª série chega toda contente e comenta com você: A professora aprovará vários alunos da 4ª série. Você já sabe que isso não é verdade, que na realidade os alunos na 3ª série é que serão aprovados. Então você diz:

Não, vários alunos da 3ª série, a professora aprovará, mas da 4ª não.

38. Contexto: O João não sabe qual filme brasileiro foi indicado ao Oscar esse ano, mas você sabe e diz a ele:

O Ano em que meus Pais Saíram de Férias foi o filme indicado.

39. Contexto: Paula não sabe que cor usar no casamento de Vera, mas você já a viu usando um vestido vermelho que ficou lindo nela. Então você diz:

Qualquer vestido vermelho longo seria melhor que um preto.

40. Contexto: Você não sabe onde estão os meninos e pergunta se o Miguel sabe algo sobre os meninos. Então ele te responde:

A Maria viu os meninos no supermercado.

41. Contexto: Você chega em casa e pergunta a empregada: Onde está o bolo de milho? E ela te responde:

Eu acho que a Ana comeu o bolo de milho

42. Contexto: Numa roda de amigas, todas comentavam o quanto Bebamus era feio e que nenhuma delas beijaria ele, mas você acha ele muito charmoso. Então você diz:

Bebamus, eu ia ter coragem de beijar.

43. Contexto: Um funcionário pergunta ao outro: Quem você acha que o diretor contrataria? E você ouve um deles dizer:

Algum rapaz que você conhece, o diretor ia querer contratar.

44. Contexto: A Maria ajuda umas crianças dando aula de reforço de português, mas não é boa em matemática, por isso, Ana que é professora de matemática sempre pede para Maria levá-los até a casa dela para ajudá-los também, mas Antônio não conhece esse lado prestativo de Ana e acha que ela só pensa em si. Então você argumenta:

Aqueles meninos que a Maria ajuda, a Ana sempre pede para conhecer.

45. Contexto: Você pergunta a Marta se Sílvia não tem interesse por ninguém, então ela te responde:

A Silvia ia querer namorar aquele rapaz que o Paulo leva lá em casa.

46. Contexto: Você pergunta para a Joana se a Silvia aceitaria namorar com algum dos amigos do Paulo e ela te responde:

A Silvia não ia querer namorar nenhum cara que o Paulo leva lá em casa.

47. Contexto: Você sabe que a Maria adora a adora a Gal Costa e por ocasião do seu aniversário você comenta: A Maria que ganhar os CDs da Gal Costa. Mas o irmão dela diz:

Não, **aqueles CDs do Chico Buarque** a Maria ia querer ganhar, mas os da Gal Costa não.

48. A Globo está pensando em considerar a vida de primeiras-damas para minisséries. E eu te pergunto: você acha que eles selecionariam mulheres de ex-presidentes da América Latina? E você responde:

A: Várias, eles selecionariam.

B: Evita, eles selecionariam.

C: Eles selecionariam Evita.

49. Contexto: Houve um cadastramento, no Buritinga, de moradores carentes da QNR. Um vendedor ambulante afirma a um dos funcionários do local: O governador prometeu ajudar os moradores de Taguatinga. E ele responde:

Não, **aqueles moradores da QNR** o governador prometeu ajudar, mas os de Taguatinga não.

50. Contexto: Você sabe que Lucas sempre quis ir ao Circo. No dia das crianças sua mãe pretende levá-lo ao parque. Então você diz:

Naquele circo o Lucas ia gostar de ir, mas no Parque não.

51. Contexto: O Antônio não acredita mesmo que a Ana ajude alguém e acha que ela seja uma mulher oportunista e que por isso quer conhecer os primos ricos da Maria, mas você sabe que isso não é verdade e diz ao Antônio:

Não, **aqueles meninos que a Maria ajuda** a Ana sempre pede para conhecer, mas os primos dela não.

52. Contexto: Você sabe que a Ana gosta de bolo de milho. E quando você chegou em casa não tinha mais do bolo de milho. Então você disse ao Luiz:

O bolo de milho, eu acho que a Ana comeu.

53. Contexto: Carlos acha Ana muito introvertida e diz: A Ana não quer conhecer ninguém que a Maria conhece. Mas você sabe que ela tem mudado esse comportamento. Então você responde a ele:

Não, **muitos meninos que a Maria ajuda** a Ana quer conhecer.

54. Contexto. Vicente está comentando que tem a coleção de CDs do Chico Buarque, mas que tem alguns CDs repetidos e que pretende dá-los para a Maria. Então você diz:

Alguns CDs do Chico Buarque, a Maria ia querer ganhar de presente.

55. Contexto: É aniversário da Maria. Então Vitor pergunta a irmã dela: O que a Maria quer ganhar de presente? E ela responde:

Alguns CDs do Chico Buarque, a Maria quer ganhar de presente.

56. Contexto: Na reunião de pais uma mãe pergunta à outra: Quem você acha que a professora aprovará? E a outra responde:

Vários alunos da 3ª série, a professora aprovará.

57. Contexto: Num debate sobre política as pessoas afirmam que o governador nada faz em prol dos moradores da QNR, mas você leu uma notícia recente no jornal e diz:

Muitos moradores da QNR, o governador prometeu ajudar.

58. Contexto: Carla quer ajudar Ana a conhecer gente nova, pois ela chegou recentemente na cidade e então pergunta a Marcus: Quem você acha que a Ana gostaria de conhecer? E ele diz:

Muitos meninos que a Maria ajuda, a Ana ia querer conhecer.

59. Contexto: Quando questionado sobre onde gostaria de ir no dia das crianças, Lucas responde para a mãe:

Eu quero ir ver o Circo de Soleil.

60. Você não sabe o que dar de presente a sua colega de trabalho, a Maria, mas sabe que Francisco a conhece muito bem, então pergunta a ele o que ela gostaria de ganhar, e ele te responde:

A Maria ia querer ganhar de presente aqueles CDs do Chico Buarque.

A Maria ia querer ganhar de presente alguns CDs do Chico Buarque.

61. Durante um jogo da verdade numa roda de amigos, alguém te perguntou: Quem das pessoas da mesa você teria coragem de beijar? E você responde:

Eu ia ter coragem de beijar Bebamuns
Eu não ia ter coragem de beijar ninguém.

62. Contexto: Um colega de trabalho ouviu dizer que o governador irá ajudar algumas pessoas, mas não sabe quais. Então ele pergunta: Quem o governador prometeu ajudar? E você responde:

Muitos moradores da QNR, o governador prometeu ajudar.

63. Contexto: Ao ver alguns CDs do Chico Buarque em promoção nas *Americanas*, Jorge comenta com o amigo:

Aqueles CDs do Chico Buarque, a Maria ia querer ganhar de presente.

64. Contexto: Ao ver um grupo de alunos da 3ª série reunido estudando, a diretora comenta com a secretária:

Aqueles alunos da 3ª série, a professora aprovará.

65. Contexto: Ao ver Bruna chegar com o cabelo pintado de loiro intenso, Rita comenta:

Aquela cor não ficou bem em Bruna.

66. Contexto: Em uma manifestação, alguns moradores da QNR se destacavam pela gritaria, então dois policiais que conversavam sobre o comportamento destes moradores comentam.

Aqueles moradores da QNR, o governador prometeu ajudar.

Bibliografia

- ALONSO-OVALLE, L. & E. GUERZONI. 2004. Double negation, negative concord and metalinguistic negation. *Proceedings of the Chicago Linguistics Society Meeting 38* (1): 15-31. Chicago, IL: CLS Publications.
- ARREGI, K. 2003. Clitic Left dislocation is contrastive topicalization. *Proceedings of the 26th Annual Penn. Linguistics Colloquium, U. Penn Working Papers in Linguistics 9* (1):31-44. Filadélfia: Penn. Linguistics Club.
- AUGUSTO, M. 2003. Estruturas factivas e padrões de extração. *DELTA* vol.19 nº.2.
- BAPTISTA, M. 1997. *The morphosyntax of nominal and verbal categories in Capeverdean Creole*. Tese de doutorado. Harvard University.
- BROWNING, M. 1987. *Null operator constructions*. Tese de doutorado, MIT.
- BURZIO, L. 1986 *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, N. 1965. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. 1981 *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- _____. 1986 *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- COSTA, J. 2001. Spec, IP ou deslocado? Prós e contras das duas análises dos sujeitos pré-verbais. *DELTA*, vol.17, nº.2
- DAVISON, A. 1984. Syntactic markedness and the definition of sentence topic. *Language* 60: 797- 846.

- de HOOP, H. 1997. A semantic reanalysis of the partitive constraint. *Lingua* 103: 151–174.
- _____ 1998. Partitivity. *Glott International*, 3: 3-10.
- DUARTE, I. 1987. *A construção de topicalização em Português Europeu: regência, ligação e condições sobre movimento*. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa.
- _____ 2001a. Relatório das provas de agregação. Universidade de Lisboa.
- _____ 2001b. Handout da lição das provas de agregação, Universidade de Lisboa.
- ENÇ, M. 1991. The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry* 22 (1):1-25.
- FABB, N. 1990. The difference between English restrictive and nonrestrictive relative clauses. *Journal of Linguistics* 26: 57-77.
- GOMES, A. P. Q. 2004. *Todo, Cada e Qualquer: Exigências sobre a Denotação Nominal e Verbal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- GUNDEL, J. 1974. The role of topic and comment in linguistic theory. Tese de Doutorado. University of Texas.
- HALE, K. & S. J. KEYSER. 1993. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In: HALE, K. & KEYSER, S. J. (eds) *The View from Building Twenty*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 53 – 109.
- HALLIDAY, M. A. K. 1967. Notes on Transitivity and Theme in English, Part 2. *Journal of Linguistics* 3: 199-244.
- HANKAMER, J. 1971. *Constraints on deletion in Syntax*. Tese de Doutorado, Universidade de Yale.
- HEIM, I. 1982. *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. Tese de doutorado. University of Massachusetts.

- HEIM, I. & KRATZER, A. 1998. *Semantics in generative grammar*. Malden & Oxford: Blackwell.
- IHSANE, T. e G. PUSKÁS. 2001. Specific is not definite. *Generative Grammar in Geneva 2*: 39-54.
- JACKENDOFF, R. 1977. *X-bar syntax*. Cambridge: MIT Press.
- KANNO, K. 1997. The acquisition of null and overt pronominals in Japanese by English speakers. *Second Language Research*, 13(3): 299-321.
- KAYNE, R. S. 1993. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press.
- KATO, M. A. 1998. Tópico como Alçamento de Predicados Secundários. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, 34: 67-76.
- KEENAN, E. and Y. STAVI. 1983. A semantic characterization of natural language determiners. *Linguistics and Philosophy* 9: 253-326.
- KISS, K. 1998. Identificationl focus *versus* information focus. *Language*, 74 (2): 245 – 273.
- KUNO, S. 1972. Functional sentence perspective: a case study from Japanese and English. *Linguistic Inquiry* 3: 269 – 320.
- KURODA, S.Y. 1969. English relativization and certain other related problems. In D. Reibel and S. Schane (eds.) *Modern Studies in English: Readings in Transformational Grammar*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall
- LI, C. N. & THOMPSON, S. A. (1976) Subject and topic: a new typology of language. In: LI, Charles N. (ed). *Subject and Topic*. New York: Academic Press Inc.
- LASNIK, H. 1995. A note on pseudogapping. *Papers on Minimalist Syntax, MIT Working Papers in Linguistics* 27: 143-163.

LARSON, R.K. 1988. On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 9 (1): 335-391.

_____ 1991. *The Projection of DP (and DegP)*. Ms, SUNY - Stony Brook

_____ 2004. The Projection of the DP. Handout de apresentação na Universidade de Stuttgart: Alemanha.

LARSON, R. and G. SEGAL. 1995. *Knowledge of meaning. An introduction to semantic Theory*. Cambridge: MIT Press.

MERCHANT, J. 2001. *The Syntax of silence: sluicing, islands, and the theory of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press.

_____ 2004. Fragments and ellipsis. *Linguistics and Philosophy* 27: 661-738.

MILSARK, G. 1977. Toward an explanation of certain peculiarities of the existential construction in English. *Linguistic Analysis* 3: 1-29.

MIRA MATEUS, M. H. et al. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Caminho Editorial.

MONTALBETTI, M. 1984. *After Binding*. Tese de Doutorado. MIT.

NEGRÃO, E. V. 1999. *O Português Brasileiro: Uma Língua Voltada para o Discurso*. Tese de livre-docência. Universidade de São Paulo.

ORSINI, M. 2003. *As construções de tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. Tese de Doutorado. UFRJ.

PONTES, E. 1987. *O tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes

RAPOSO, E. 1996. *Towards a unification of topic constructions*. Ms, Universidade da Califórnia, Santa Bárbara.

- RIZZI, L. 1997. The fine structure of left periphery of the clause. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, p. 281-337.
- ROOTH, M. E. 1992. A theory of focus interpretation. *Natural Language Semantics* 1, 75-116.
- SAFIR, K. 1986. Relative clauses in a theory of binding and levels. *Linguistic Inquiry* 17: 663-89.
- SAG, I. 1976. *Deletion and Logical Form*. Doctoral Dissertation, MIT, Cambridge, Mass.
- SAUERLAND, U. & YATSUSHIRO 2004. A salient noun in partitives. In: *Proceedings of NELS 34*: 1-112. University of Massachusetts, Amherst.
- SZABOLCSI, A. 1981. The semantics of topic-focus articulation. In: GROENENDIJK, J.; JANSEN, T.; STOKHOF, M. (eds.). *Formal Methods in the Study of Language*. Amsterdam: Mathematisch Centrum, p. 513-541.
- _____ 1994. The noun phrase, in: KIEFER, F & Kiss, E, Katalin (eds). *The Syntactic Structure of Hungarian*. San Diego-New York: Academic Press.
- TENNY C. 1994. *Aspectual Roles and the Syntax-Semantic Interface*. Dordrecht:Kluwer.
- VASCO, S. 1999. *Construções de Tópico no Português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- VENDLER, Z. 1967. Verbs and times. *Philosophical Review* 66: 143-160.
- VERKUYL, H. J. 1972. *On the compositional nature of the aspects*. Dordrecht, Reidel.
- WARD, G. and E. PRINCE. 1991. On the topicalization of indefinite NPs. *Journal of Pragmatics* 16:167-177.

WILLIAMS, E. 1977. Discourse and Logical Form. *Linguistic Inquiry* 8: 101-139.

ZAMPARELLI, R. 2000. *Layers in the determiner phrase*. New York: Garland

ZUBIZARRETA, M. L. 1998. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge, MA:

MIT Press.